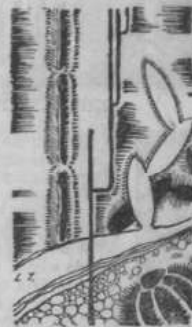




NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

G. W. B. R.

WALDEMAR LOPES

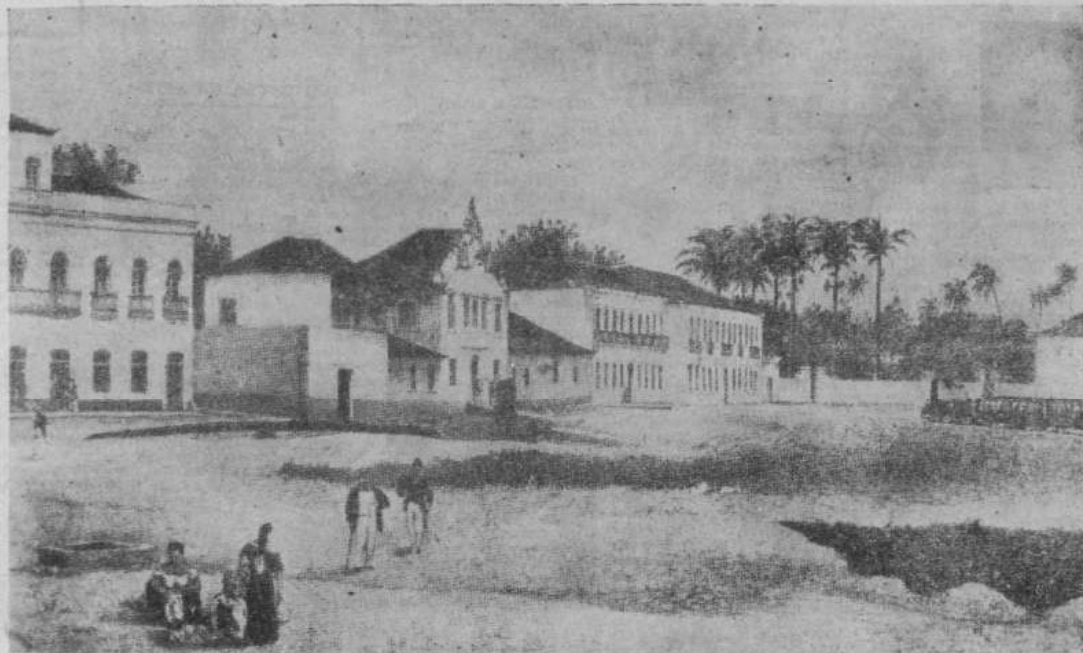
Sempre me pareceu que os homens de letras do Nordeste se têm conservado desatentos a um tema dos mais sugestivos, do ponto de vista não apenas estritamente econômico, mas, sobretudo, social e humano, como é a principal estrada de ferro da região: a Great Western of Brazil Railway Company Limited. Com efeito: nada justifica esse desinteresse, principalmente da parte de quantos se preocupam com a história social do Nordeste, em sua realidade múltipla, ou seja, as relações do homem com o meio natural, as afirmações mais características de suas energias criadoras, a permanência ou transmutação dos estilos de vida, os seus processos de contacto e interação, os seus folk e mores. Aliás, até mesmo nos domínios da criação artística, ou da literatura de ficção, o complexo sociológico da velha estrada — assim entendidos os fenômenos sociais a ela vinculados, direta ou indiretamente — constitui boa fonte de inspiração, através de imagens peculiares ou de um documentário humano dos mais vivos e ricos, cheio de fortes sugestões.

A G. W. B. R. está presente na poesia brasileira da primeira fase modernista, graças a um poema admirável em que as anotações sentimentais adquirem uma precisão quase corográfica; aquele de louvação do Sr. Jorge de Lima à sua primeira mestra de paisagem: "Canaviais, algodões, casas de palha, carrapateiras, ninhos de xexeu, velhas fazendo rendas, cacoclinhas..." (...) "Sítios, fazendas, cercados, terreiros, moleques, pinhões, carrapetas, vales, serranias, queimadas, canaviais, banguês, estações, cidades todas iguaisinhas, com barbearias, feiras, padarias, intendências municipais, todas elas tão iguais, com os mesmos telegrafistas avariados, os mesmos chefes fleumáticos, os mesmos moleques que agredem à procura de carrêgo. Hotéis familiares, bilhares falidos, igrejinhas pobres, cemitérios cheios de mato, tudo igual, tamancos, chinêlos, gaforinhas, trocadores de cavalo, cangaceiros, clarinetes, panelas de barro".

O Sr. Ascenso Ferreira recolheu em alguns poemas, de nitido acento folclórico, certas contribuições inspiradas pela estrada de ferro inglesa. O seu "vou danado pra Catende, vou danado pra Catende", por exemplo, tão expressivo da influência do trem, ou melhor dito, da locomotiva, sobre o espírito e a imaginação da gente do povo. Gente capaz de confessar nos versos ingênuos que o velho Pereira da Costa incorporou ao seu Folk-lore Pernambucano:

"Uma coisa me confunde,
Outra me faz confusão:
É o trem corrê na linha,
Sem junta, sem pé, sem mão,
E numa carreira fixe,
De estação a estação". *

Ou de adotar o trem de ferro como tema de gabolice, no cancionário regional:



A rua do Hospício, vendo-se o trem da "Brazilian Street Railway Company Limited" (segundo uma litografia de F. H. Carls, 1878)
Da fototeca da Diretoria de Documentação e Cultura
(Prefeitura Municipal do Recife)

"Junto ao sétimo tunel da Russinha trem da serra descia em disparada e de um tombo que eu dei na retarguarda rebolei todo o trem fora da linha. Atendendo a um amigo que ali vinha que talvez não pudesse ter demora de um pedaço de pau fiz uma escora, fiz 'lavanca de dois cambões de milho, novamente botei o trem no trilho, maquinista apitou e foi embora".

Aliás, a influência do trem está presente de várias formas nas criações do povo do Nordeste, como se a estrada de ferro lhe tivesse marcado fundamento o ânimo simples. No adagiário: "Quem gosta de homem é o trem" (ou "a roda do trem"). Nas emboladas: "O trem de

* É conhecida também a variante:

"Uma coisa me admira,
Outra me faz confusão:
É ver o vapor correr
Sem unha, sem pé, sem mão". —

(Pereira da Costa, ob. cit.)

ferro — Quando vai pra Pernambuco — Vai fazendo vucu-vucu — Vai danado pra chegar". Nas interpretações onomatopá-

cas: "Café com pão, bolacha não — Café com pão, bolacha não — Café com pão, bolacha não". Nos conceitos de ética: "Eu sou que nem trem de ferro: só ando atrás dos meus trios." Nos recursos de comparação: "Feio qui nem trem virado."

De Ascenso Ferreira lembro-me de ter ouvido, também, uma deliciosa cantiga, de grande frescor lírico — recolhida, decerto, nas mesmas fontes incontaminadas da poesia popular — em que o "balanço de trem" — como, aliás, a corrida de trolly — figura entre as boas e belas coisas da vida, coisas, decerto, bem diferentes daquelas outras, também belas e boas — embora menos ingênuas — que segundo o poeta observa, melancolicamente, na sua filosofia de tão marcante acento pessoal, "ou são ilegais, ou são imorais, ou fazem mal à saúde". Dessa cantiga registrarei apenas os fragmentos retidos na memória:

"Eu sou a fruta gogoia!
Eu sou uma moça!
Eu sou calunga-de-louça!
Eu sou uma jóia!

Eu sou a chuva quando moia
E refresca bem!
Eu sou balanço de trem...

Carreira de troia!

Eu sou a moça quando oia
Pra seu namorado!
Eu sou um cravo encarnado
Quando se desfoia..."

Curiosa fusão de reminiscências folclóricas e sugestões onomatopáicas é "Trem de ferro", do nosso poeta maior, em que a presença do Nordeste aparece tão viva, através não só de imagens e lembranças, mas até de peculiaridades linguísticas típicas da região. Vale a pena reproduzi-lo, tal qual Manuel Bandeira o incluiu no seu livro do cinquentário, o "Estréla da Manhã":

"Café com pão
Café com pão
Café com pão.
Virge Maria que foi isto
[maquinista?]

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cêra
Ai seu fogueista

TÓPICOS

"NORDESTE" E PROUST



Gracias ao apóio do Proust Clube, do Rio de Janeiro, foi possível a esta revista dar uma edição dedicada ao autor de "A La Recherche du temps perdu" que alcançou invulgar repercussão em todos os círculos literários do país.

Ainda agora estamos recebendo recortes de vários pontos dessa imensa província literária que é o Brasil onde se fala, com generosidade e compreensão, do empenhamento de "Nordeste" que teve a ajuda de proustiano como Otacilio Alecrim, Eustáquio Duarte e Roberto Assunção.

Diante dessa simpática repercussão alcançada pelo número de nossa revista "Em busca da província perdida", resta-nos somente declarar que as palavras de um Lins do Rêgo, de um Djalma Viana e tantos outros intelectuais do norte e do sul, vieram como um pagamento de todos os sacrifícios que fizemos para não decepcionar os amigos do Proust Clube, os verdadeiros e legítimos donos da edição, como bem salientou o suplemento do "Correio da Manhã" em nota expontânea e justa.



EDIÇÕES PERNAMBUCANAS



Estamos meliados num empenhamento que há muito tempo a nossa província reclamava: uma secção de edições anexas ao programa de "Nordeste". Assim é que já lançamos o livro de crítica literária "Provincianas", de Aderbal Jurema, Ia. série, e ainda em abris teremos nas livrarias o "Canto da Hora Undécima", poemas de Ceclário de Melo, ilustrados por Ladjane. Em seguida, lançaremos um livro de contos de Francisco Julião, "Cachaça", prefaciado por Gilberto Freyre. Os dois últimos autores estreiam em livro graças ao incentivo da revista "Nordeste" que já tem programado para este ano mais uns três volumes, destacando-se o livro de memórias do conhecido homem de letras Silvano Lopes que surgirá em suas esperadas "Memórias de um sargento de malícias".

Oton Bezerra de Melo de poesia e prosa. O de poesia coube ao acadêmico Araujo Filho com o seu livro "Última Colheita" e o de prosa ao velho escritor Mário Sette pelo seu "Arruar". Os jornais da terra, pelos seus suplementos, andaram indagando do padre Pedro Adrião por que não publicava o seu parecer que deu ganho de causa aos dois felizardos de 48. E o padre Pedro Adrião até agora continua silencioso.



OS QUE FORAM E OS QUE VIERAM



Enquanto o jovem poeta Duarte Neto dava um pulo na metrópole para conhecer o grupo de "Orfeu" e da "Revista Branca", o editor Arquimedes de Melo Neto, pernambucano de Limoeiro, veio rever o velho Recife e entrar em contacto com o grupo do Teatro do Estudante para lançar uma coleção de "Danças Pernambucanas". E dessa visita ríquida aos pagos da infância, Arquimedes de Melo Neto levou muita coisa concretizada, inclusive a coleção folclórica que será dirigida pelo teatrólogo e romancista Hermilo Borba Filho.

PREMIOS DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

A Academia Pernambucana de Letras concedeu em fins de 1948, aos autores de livros publicados em 1948, os prêmios

A ATIVIDADE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES, SEÇÃO DE PERNAMBUCO

A ABDE, secção de Pernambuco, com a sua actual directoria, composta dos srs. Aderbal Jurema (Presidente), Amaro Quintas (vice-presidente), Carlos Moreira (1.º secretário), Jonas Ferreira (2.º secretário), e Ivonildo de Souza (tesoureiro) vem cumprindo a sua programação. Em dezembro de 19 a ABDE prestigiu o IV Salão de Arte Moderna do Recife, patrocinado pela Sociedade de Arte Moderna desta cidade, com o apóio financeiro de dez mil cruzeiros que foram distribuídos em prêmios aos melhores trabalhos de pintura e desenho ali expostos.

Em janeiro, a convite da ABDE, o prof. Albino Gonçalves Fernandes pronunciou, na sede da Associação da Imprensa de Pernambuco, uma conferência sobre Artur Ramos. Nessa reunião, o presidente da ABDE, sr. Aderbal Jurema, disse da justiça da homenagem ao cientista brasileiro, sócio da ABDE nacional e figura de projeção internacional. E em março corrente, o prof. Valdemar Valente, ainda a convite da ABDE local, fará uma palestra sobre Artur Ramos, antropólogo.

Na última reunião mensal de fevereiro, a directoria da ABDE pronunciou-se contra qualquer lei que atente contra a liberdade de pensamento, como os projetos de lei de imprensa e o de segurança nacional.

O conselho fiscal da ABDE, composto pelos escritores Silvano Lopes, Laurênio Lima, Mauro Mota, Nilo Pereira e Pinto Ferreira tem prestigiado todos os atos da actual directoria que vem mantendo a associação acima da politica partidária, quer no plano ideológico quer no literário.

O actual endereço da ABDE, secção de Pernambuco, é o seguinte: Avenida Dantas Barreto, 116 - 1.º andar - Recife - Pernambuco.

"JORNAL DE LETRAS"

NO RECIFE



O já conhecido mensário de letras e artes das lindas Contas, editado no Rio, vem conseguindo uma ampla repercussão nos meios literários do Recife. Tanto assim que as suas edições são rapidamente esgotadas, demonstrando mais uma vez o interesse da provincia pelas boas coisas da metrópole. Já no seu 8.º número, "Jornal de Letras", inteligentemente dirigido pelos srs. Elísio, João e José Condé, três mosqueiros da cidade de Caruarú e que tomaram o Rio de assalto graças ao talento de verdadeiros representantes, do agregado literário pernambucano, é hoje uma publicação de conceito firmado não só nesta cidade do Recife, como em todo o resto do Brasil.

mente, Ascenção Leite trabalha na imprensa do Rio, é licenciada em educação do M. E. S. e está com um romance em preparo. * Fernão Afonso, autor de "Sapé" e "Noite Grande", já está com os originais de seu novo romance pronto para seguir para o Rio. "Fogo Verde" será editado pela Casa do Estudante do Brasil.

mente, Ascenção Leite trabalha na imprensa do Rio, é licenciada em educação do M. E. S. e está com um romance em preparo. * Fernão Afonso, autor de "Sapé" e "Noite Grande", já está com os originais de seu novo romance pronto para seguir para o Rio. "Fogo Verde" será editado pela Casa do Estudante do Brasil.



O LIVRO DE ESTREIA DE JOSE LAURENIO DE MELO

O Teatro do Estudante de Pernambuco, inaugurando as suas edições, lançará por estes dias, um livro de poemas que não terá somente a significação de uma estreia. Trata-se do aparecimento de "Falhano", onde o jovem poeta pernambucano José Laurênio de Melo reuniu uma porção de poemas que irão indicar aos criticos um novo e vigoroso poeta ao lado de nomes como Edson Regis e Léo Ivo, para citar somente os maiores da novissima geração de poetas brasileiros.

A parte artistica da edição de "Falhano" foi confiada ao jovem pintor Aloisio Magalhães.



NOVOS CAPITULOS ACRESCENTADOS

Silvano Lopes continua em plena atividade no seu esperado "Memórias de um sargento de malícias". Ainda não entregou os originais ao editor porque está acrescentando novos capítulos onde muita gente de hoje do Recife vai ansar com as honras do estilo. Até junho, porém, "Memórias de um sargento de malícias" deve estar na rua e a critica dirá da força evocativa dessas memórias que irão fazer muito barulho.

OLIVEIRA E SILVA

NO RECIFE

Como a ave que volta ao ninho antigo, depois de um longo e tenebroso inverno, o poeta Oliveira e Silva, seguindo os versos do colega illustre, veio também rever o lar paterno graças ao convite de um grupo de amigos da volta guarda. Aqui fez uma conferência na Academia Pernambucana de Letras, sendo saudado pelo acadêmico Paulino de Andrade. Em sua conferência o poeta de "Casa Vazia" interpretou o sentimento do mundo, da poesia e da terra natal e o escritor Paulino de Andrade disse suas irreverências muito pessoais, que não agradaram a todos, mas que despertaram aplausos de muitos. A conferência foi presidida pelo governador Barbosa Lima Sobrinho.

Houve também alocações ao poeta Oliveira e Silva onde tomaram parte nomes como Gilberto Freyre e Odilon Nestor. E tudo decorreu na mais franca cordialidade provinciana.

FATOS DIVERSOS

* Por motivo da saída de seu livro de sonetos, "Folhas de meu outono", o poeta Mariano Lemos tem sido alvo de várias homenagens por parte de seus amigos. O livro, que é prefaciado pelo sr. Gilberto Freyre, foi editado pelo José Olympio em magnífica apresentação gráfica.

* Também em visita a Pernambuco esteve, entre nós, o jovem poeta Jairo de Martins Barros, do grupo de "CIN", de Fortaleza.

* Ascenção Leite, autor de "Notas Provincianas", parabalho de quatro costados, esteve alguns dias no Recife. Atualmente...

O CINCOENTENÁRIO DE GILBERTO FREIRE

No dia 15 de março de 1950, Gilberto Freyre completa cinquenta anos. Data que não pode passar em branca nuvem pelo muito que devemos ao sociólogo pernambucano, hoje um nome não somente nacional como também internacional. Por isso, "Nordeste", que sempre teve em Gilberto Freyre um dos seus mais ilustres e dedicados amigos e colaboradores, pretende dedicar o seu próximo número ao homem e à obra, numa homenagem das mais significativas ao renovador da sociologia brasileira, ao incentivador dos novos, ao amigo e lutador da democracia.



PROUST EM RECIFE

José Lins do Rêgo

A revista "Nordeste", de Recife, publica um número especial sobre Marcel Proust, com boa colaboração e magnífico serviço gráfico, com reproduções fotográficas e desenhos originais.

Ainda ontem, ao ver em minhas mãos o número da revista pernambucana, me perguntava um grande escritor: Será que Proust é mesmo um autor popular, no Brasil?

Acredito que não. E acredito mesmo que não será, nem mesmo na França. Cada vez o mundo caminha para o anti-Proust, para a criatura desprovida das qualidades essenciais do homem misterioso, da alma atormentada que foi o criador de uma qualidade de alma que vai desaparecendo, o poeta de um quotidiano que se confunde com uma espécie de exotismo.

A colaboração de escritores brasileiros para o tal número da revista bem merece uma cuidadosa leitura.

A notícia que nos dá Aderbal Jurema, para explicar estas preferências para a obra de Proust, refere-se ao espanto que causou a Alberto Camus o interesse dos rapazes do Recife pelo francês tão estranho, tão de minorias. E o próprio Aderbal Jurema quem nos diz: "O nosso espanto não foi menor do que a reação de Camus, que não compreendia essa afinidade, essa popularidade de Proust, do menino Marcel, sobretudo, entre os intelectuais brasileiros".

O fato é que Proust está em Recife. E em muito boa companhia.

Do "O Jornal", do Rio.

A "REVISTA BRANCA", N.º 10

LITERATURA E POLITICA

Os meios culturais brasileiros estão de orelha queimando com as possibilidades editoriais deste ano em face da campanha presidencial. A maioria dos editores prevê uma baixa sensível no poder aquisitivo do leitor com a sua atenção desviada para a luta partidária que, sem dúvida, irá tomar conta de todos os assuntos, deixando a literatura para depois das eleições... Na verdade, num país que se compra tão pouco livro, as perspectivas são desanimadoras, pois quando passar a politica virá, sem dúvida, o futebol com a "Copa do Mundo".

E, enquanto a politica e o futebol não atingem o seu "climax", temos ai as novelas radifônicas numa preparação psicologica de todos os dias para que se desvie a atenção do leitor rumo às coisas politicas e futebolísticas.



Feira de Milho — óleo de BALTAZAR DA CAMARA (Coleção Van Gago)

NORDESTE

REVISTA DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERCO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463
1.º andar — Recife — Pernambuco

Director: Esmaragdô Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

— Solicitamos permuta com as publicações congêneres.
— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de critica assinada.

Número avulso	Cr\$ 4,00
Número atrasado	Cr\$ 6,00
Nos Estados	5,00

REPRESENTANTES — João Cabral de Melo Neto, (Barcelona-Espanha) * Cicero Dias (Paris-França) * Artur Coelho (New York-E. U.) * José Condé (Rio de Janeiro-D. F.) * Alcântara Silveira (São Paulo) * Silvio de Macedo (Maceió-Alagoas) * Jota Soares (Salvador-Bahia) * Gamarra, Filho (João Pessoa-Parahyba) * Silvio Ducas (Pôrto Alegre-R. G. S.) * J. Gonçalves de Medeiros (Natal-Rio G. do Norte) * Alphonus Guimarães Filho (Belo Horizonte-Minas) * Dalton Trevisan (Curitiba-Paraná) * Salim Miguel (Florianópolis-Santa Catarina) * José Edésio de Albuquerque (Fortaleza-Ceará) * J. Pedrosa (Campina Grande-Parahyba) * Lício Neves (Caruarú-Pernambuco).

SAMUEL PUTNAM, AMIGO DO BRASIL

ARTUR COELHO

NEW YORK — Na pequena localidade de Labertville (neste Estado de New Jersey, de onde escrevo), registrou-se a 15 de Janeiro um ato que deve ter sido profundamente sentido em terras brasileiras. Nessa data falecia repentinamente o escritor Samuel Putnam, perdendo o Brasil um grande e sincero amigo. E perder um amigo — seja para um país ou uma pessoa — é sempre uma grande perda, porque os amigos, os sinceros amigos, são muito raros.

Eu tive a sorte de privar com Samuel Putnam nestes últimos sete ou oito anos. Conheciamos-nos há bastante tempo, de longe; ele a mim, pelas poucas vezes que me via "inprint", e eu a ele, pelo muito que escrevia — livros próprios, crítica literária, ensaios, traduções. Um dia (Sam residia então em Filadélfia), recebi uma carta dele. Eu havia publicado, de parceria com Ibarra, um método de português para americanos — "Brazilian Portuguese Self-Taught". Sam dizia conhecer-me dos tempos da revista do Gastão — o "Boletim de Ariel" — e me pedia um exemplar do livro. Mandei-lhe e ficámos nos carteados de tempo em tempo, até que, vindo ele a Nova York, me procurou...

Espantei-me da aparente fragilidade do homem! Então era este, o trabalhador infatigável, o conhecedor de tantas línguas, o espírito bisbilhoteiro, que par verificar o sentido obscuro de uma frase ou palavra seria capaz de revirar dezenas de livros, — que agora me parecia, tão tímido, franzino, de aspecto meio doentio, e no entanto capaz de tão fenomenal dispêndio de energias? A sua obra se avolumava de tamanha forma, que diante do autor, tinha-se a impressão de que não fosse capaz de tanto.

Mas era ele mesmo, o possuidor de reservas inesgotáveis, graças ao que podia, numa faina contínua, colaborar em tantas revistas, fazer da crítica literária uma profissão vasta e absorvedora, interessando-se pelas novidades surgidas em várias literaturas, e ainda por cima passar para o inglês, em traduções honestas e meticulosas, obras de merecimento que ele ia descobrir nos caminhos culturais de outros povos. E foi precisamente o Brasil, nestes últimos tempos, o país que lhe mereceu maior simpatia e de cuja literatura tratou com grande penetração e carinho.

Perguntar-se-á naturalmente como foi que Samuel Putnam nos descobriu.

A resposta a esta pergunta nos levará a apreciar ligeiramente a sua carreira de escritor. Saído da Universidade de Chicago, o jovem Putnam, que começava a grangear nome como bom poeta modernista e assíduo colaborador de jornais e revistas, emigrou para a França logo depois da primeira guerra mundial. Filiou-se a uma caravana de jovens escritores patricios — entre os quais estavam Hemingway, Faulkner, Pound, Bromfield, Stein e outros — a quem Paris acenava com as promessas de ambiente largo — arena de arte e literatura onde eles poderiam exercer suas múltiplas aptidões. Foi aí, na convivência da nova geração de poetas e artistas franceses, frequentando cursos da Sorbone e se embecendo nos ensinamentos de alguns dos luminares das letras europeias, que Putnam se orientou pelo caminho que devia levá-lo à sua carreira definitiva, como aliás fizeram outros dessa mesma leva de "insatisfeitos", e de cujas ansias e afiadas ele iria tratar mais tarde, em 1947, nas suas memórias estéticas — "Paris Was Our Mistress: Memoir of a Lost and Found Generation".

Com a propensão completa do "scholar", na justa acepção que os anglo-saxões dão a este termo, homem nascido para o estudo e para o carinho e manuseio dos livros, foi naquele ambiente parisiense de fim de guerra, imerso em discussões sobre as correntes literárias e literatas da época, que Putnam começou o seu vitorioso labor de passar para o inglês livros e ensaios de escritores europeus, tais como Pirandello, Mauriac, Duhamel, Silone... Nos clássicos e antigos, foi descobrir

e traduzir Aretino, Rabelais e Cervantes. A sua versão de "Dom Quixote", somente publicada em 1949 e que lhe tomou 15 anos de trabalho parcelado e cuidadoso, foi recebida pela crítica americana como a mais perfeita das adaptações em inglês do celebrado herói da cavalaria andante. Havendo, como se sabe, várias traduções do "Quixote" em língua inglesa, coube a essa a distinção de ser chamada "the Putnam translation", ou seja a tradução por excelência, final, definitiva.

Cheio de uma curiosidade literária nunca saciada, foi-lhe um gesto natural, virar-se do seu campo de ação na literatura clássica de Espanha para as letras de Portugal e sua língua, dirigindo daí suas atenções para o Brasil, cuja literatura (pela primeira vez estudada em inglês por Isaac Goldberg, em 1922), lhe merecera olhares de interesse e simpatia.

De regresso da França, em 1933, iniciou Putnam, em sua terra, uma série de estudos literários de toda a América, cabendo-lhe desde 1935, a missão de notícia e crítica dos novos livros brasileiros nos "Handbook of Latin American Studies", publicados pela Library of Congress, de Washington. Foi nessa publicação meio oficiosa que ele comentou, com um involuntário conhecimento de causa e um crescente amor pelas

E não havia cessado o efeito causado por essa tradução, que foi entusiasticamente recebida pela crítica, e já se lançava o infatigável Putnam à versão daquele nosso livro "difícilimo" — brusco, cheio de acidentes na linguagem e na forma — "Os sertões" de Euclides da Cunha, batizado aqui como "Rebellion in the Backlands". E para nós, que vibrámos ante o catadupar estérpito da linguagem de "Os Sertões", entremeadas de sons, de matizes florestais, de lances admiráveis de descrições regionalíssimas, em que a fauna e a flora se entrelaçam, contribuindo uma e outra com seus mais exóticos característicos para o urdume do tapete persa de nossa paisagem, que Euclides, tecelão caprichoso, se deliciava em tecer; — nós, que sentimos tudo isso em português, ficámos a duvidar que fosse possível a um estrangeiro, que nunca tinha estado no Brasil, passar aquilo para a língua dos lords, tão distanciada da nossa, e fazê-lo de sorte a oferecer aos seus patricios uma correlação do sentir de quem lêse o livro do original.

Pois bem, para pasmo da gente, abre-se a tradução de Mestre Putnam (como recentemente tão bem o apelidou Silva Mello), e lá está, logo de entrada, a mesma forma, o mesmo sabor, do Euclides: "The central plateau of Brazil descends, along the southern coast, in

tão" — que lhe oferecera Luiz Jardim.

Desembarcou no Rio vitoriosamente. Não precisava exibir seus pergaminhos de Chicago ou da Sorbonne. Bastava-lhe aquele título — o tradutor de "Os Sertões"!

Resultado dessa visita, que lhe serviu para ver amigos epistolares e colher mais algum material que porventura faltasse aos seus estudos brasileiros, deu ele à estampa, em 1948, um livro de quase trezentas páginas — "Marvelous Journey — Four Centuries of Brazilian Literature", um estudo consciencioso e penetrante das nossas letras e suas correntes através dos quatro séculos do nosso desenvolvimento social. É um livro pensado e sentido, muitíssimo superior ao ensaio de literatura brasileira de Goldberg, que não teve o treino necessário de Putnam, nem podia sentir os nossos assuntos com a sua grande e profunda amizade.

A dedicatória do livro é um atestado desse sentir: "À minha segunda pátria, o Brasil, e aos meus inúmeros amigos brasileiros...".

No "Four Centuries of Brazilian Literature" estão as bases da nossa história literária, com muita contribuição sua e cópia e confronto dos melhores conceitos dos nossos críticos. Mas, era do plano de Mestre Putnam fazer uma antologia brasileira, para servir de complemento ao seu ensaio das "bases". E para esse fim obtivera uma bolsa de custeio da Guggenheim Foundation, que lhe permitisse se dedicar a essa obra, para a qual tinha já grande parte do material selecionado. Ainda numa bela carta de dezembro último, escrita a Gilberto Amado, dizia-lhe do muito que apreciava os seus escritos e falava do merecido lugar que ele teria nessa antologia...

Aconteceu, porém, que quando ia ele começar o trabalho planejado, mandei-lhe aquele belo estudo de Silva Mello — "O Homem". E Putnam, que mantinha o ponto de vista de que o pensamento brasileiro se representa melhor, aqui, por ensaios ou estudos regionais, do que pela ficção, encheu-se de justo entusiasmo pela obra do nosso ilustre médico e sociólogo, prontificando-se a traduzi-la.

Estava ele empenhado nesse trabalho, de que Silva Mello já havia recebido os primeiros capítulos traduzidos — e ficara encantado com o estilo, a clareza, a meticulosidade de Mestre Putnam — quando sobreveio a tragédia do choque cardíaco que lhe cortou repentinamente o fio da vida...

De uma carta de Silva Mello, escrita ao ter notícia da morte pelos jornais do Rio, destaco o seguinte:

"... Fiquei abalado, como sob a impressão de uma catástrofe ou de um cataclisma. Confesso-lhe que a figura de Putnam havia alcançado um lugar todo especial cá nas profundezas do meu ser e que estava decidido a ir em breve à América, sobretudo para conhecê-lo... Mestre Putnam parecia-me tão simples, tão honesto, tanto como artista quanto como homem, que sinto a sua morte como a de um grande valor humano, de alguém merecedor de toda a nossa estima e admiração. E, na ignorância do seu físico e dos seus traços fisionômicos, vejo agora a sua fotografia nos jornais e fico ainda mais dolorosamente impressionado: vejo-o franzino, magro, com o aspecto de um homem triste e sofrido, talvez minado pela doença, talvez procurando no trabalho intelectual um refúgio para poder viver essa tremenda luta que é a existência. Tenho a impressão de uma perda irreparável, de um homem como têm existido poucos no mundo, cada vez mais raro dentro da nossa estúpida e trepidante civilização. Coitado do nosso pobre Putnam!"

Não preciso dizer mais: desapareceu um nosso grande amigo, o bom e simples Mestre Putnam.

New York: Janeiro de 1950.



Foto tirada numa livraria da rua 45 na noite de abertura de uma exposição de fotografias de Rio e São Paulo, feitas pela Sra. Riva Putnam, que acompanhou o marido na visita que nos fez. Da esquerda para a direita: Mr. Roth, ex-ômnibus americano em vários Estados brasileiros; Arthur Coelho, a Sra. Putnam, a dona do estabelecimento, Samuel Putnam, e José Garrido Torres, diretor do Escritório de Informações Brasileiras, em Nova York.

coisas brasileiras, a grande transformação que ia se operando no cenário cultural do Brasil e que se fazia manifestar numa avalanche de livros novos. Nas lúcidas crônicas de Putnam, apreciando essa eclosão literária, surgiam em inglês, para os curiosos das letras estrangeiras nos Estados Unidos, os nomes de Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo, Raquel de Queiroz, Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Arthur Ramos, Sérgio Milliet, Tristão de Ataide, Álvaro Lins e tantos outros que figuravam e figuram nessa cruzada da nova literatura brasileira, que é, realmente, um fenômeno marcante no panorama intelectual das Américas, do México para o extremo-sul.

Tendo vertido tanta coisa do francês e estando a esse tempo já muito adiantado na sua tradução do "Quixote", em torno do qual havia lido braçadas de livros, fez Sam uma pausa nos seus estudos europeus para se entregar de corpo e alma ao "caso brasileiro". Começou pelo romance "Terra do Sem-fim" de Jorge Amado, que traduziu com o nome de "The Violent Land". Logo a seguir, meteu-se à tarefa mais árdua, passando par o inglês a obra máxima de Gilberto Freyre — "Casa Grande e Senzala", aqui saída com o nome de "The Masters and the slaves".

unbroken slopes, high and steep, overlooking the sea..." Sente-se a cadência nervosa euclidiana através de todo o livro — rico nas notas de página, caprichado no estilo, explicado por todos os ângulos. Depois, os índices e contra-índices, "histórico" dos fatos e discussões suscitados pelo grandioso estudo do nosso hinterland. Não é só a tradução: é a obra e o seu efeito!

E tudo isso, todo esse trabalho agitado, obra daquele homem franzino, nosso grande compreendedor, que a morte há pouco nos roubou!

Suas maiores e mais difíceis traduções brasileiras foram feitas, como dissemos, antes de nos visitar.

Mas, em 1946, Samuel Putnam foi mandado ao Brasil, numa permuta de professores, pela Divisão Cultural do Departamento de Estado americano. Essa viagem foi de fato uma revelação para o nosso homem de letras. Ao contrário, porém, do que se deu com Gastão Cruls, cuja Amazônia imaginada continua a sobrepujar a que ele viu, — do Brasil real, do Brasil que lhe ouviu conferências e cursos de literatura comparada, trouxe Samuel Putnam um mundo de impressões novas, colhidas a vivo, trechos de palestras, um diploma de correspondente da Academia e até as últimas piadas cariocas. Mostrou-me encantado uma aquarela típica "O Ser-

OS CONCURSOS DE SÍLVIO ROMERO

GLÁUCIO VEIGA

Defeza de theses — Começo hontem a defeza de theses do Sr. Bacharel Sylvio Romero, perante a Faculdade de Direito, desta cidade. Segundo informam-nos, em consequência de uma discussão inconveniente sobre a sustentação de uma das theses, o Bacharel Sylvio Romero abandonou a sala dos actos ficando por isso a sollemnidade suspensa — Diário de Pernambuco, de 13 de março de 1875.

O ano de 1875 pode ser considerado, na crônica da Faculdade de Direito do Recife, como um ano-limite.

As contradições que o regime latifundiário, escravocrata, monocultor criara, chocavam-se duramente na estrutura da velha sociedade imperial.

A magnanimidade e a aureola de patriarca que dourava Pedro II não podiam coarctar o movimento progressivo e galopante do Império porque a crise não era moral.

O «senhor do engenho» locupletando-se na exploração do trabalho servil alargava, com isso, esse mundo, ou era o Recife, ou São Paulo, ou ainda qualquer capital europeia. E o filho, bacharelizado e urbanizado, não se enterraria no «mato». Ficaria na cidade, disputando os cargos públicos, burocratizando-se.

Enquanto o engenho agia como uma unidade autocrata, anti-democrática e um diferenciador odioso de classes enquanto, na cidade, as distâncias sociais se encurtavam, compellidas pela limitação do espaço geográfico.

A abolição, como todos os movimentos ideológicos, são atitudes puramente urbanas.

No fim do passado século o conforto, a intensidade de vida mundana começava a mudar a direção do nosso povoamento. Ao absentismo urbano, seguia-se, agora, o absentismo do campo. A democratização do país vai começar pela cidade. E na cidade pelo bacharel, educado com o suor do escravo. Eis a contradição que fomentaria a libertação do negro.

Como um sismógrafo intelectual, de uma receptividade delicadíssima, a Faculdade de Direito do Recife foi quem primeiro registrou os deslocamentos e entrecroques de forças contrárias.

O concurso de Março de 1875, de Sylvio Romero, conhecido como o concurso da «morte da metafísica», denunciava o mau momento materialista que enguliria a sociedade brasileira, ajustada numa canônica ordem medieval.

Até então a luta entre a geração nova, representada por Tobias, José Mariano, Nabuco, Castro Alves e, depois, por Arthur Orlando, Sylvio Romero e Graça Aranha não tinha tomado uma parada em campo aberto, com a geração velha na idade e fossil, nas idéias, que era a então Congregação da Faculdade.

Não vai exagero chamá-la de «oficina da ignorância». A Faculdade congregava a nata da reação escolástica, mas, daquele escolasticismo roneiro e inquisitorial, alheio completamente ao progresso do mundo. Talvez, nenhum corpo docente foi tão cego às modificações e transformações que se avizinhavam, como os juristas de Pernambuco.

Na «Memória Histórica» do ano de 1873, relata o diretor J. J. Tavares Belfort, que o posto sorteado para a prova escrita do 1º ano na cadeira de Direito Natural, continha este quezito, muito ao gosto dos professores: «Existirá um princípio de justiça anterior às leis positivas?» Nesta mesma «Memória» Belfort faz suas, as palavras de alguém, que ele chama de «distinto escritor»: «Conven conjurar a separação do princípio legal do princípio moral e tornar bem evidente que não se pode separar completamente o estudo da moral do estudo do direito»...

Em 1875, Janeiro, vai encontrar Sylvio Romero inscrito no concurso de Filosofia do Colégio das Artes, anexo à Faculdade de Direito.

Candidataram-se também Antônio Luiz de Melo Vieira, Afonso de Albuquerque e João de Almeida Lopes. Sylvio classificou-se na vanguarda. Mas quando o resultado fez-se público, o escândalo do concurso de doutoramento tinha-se verificado, no dia 12 de Março. E Paula Batista, diretor nesta quadra agitada, praticou uma veneranda desonestidade enviando a João Alfredo o officio reservado, que transcrevemos

na íntegra, e que expelha a matéria moral da Congregação.

Nesse 12 de Março, Sylvio enfrentava novamente a Congregação com a dissertação «Razões justificativas do art. 452 do Código Commercial Brasileiro».

A ata da congregação reunida 24 horas após reconstituiu a cena: de 875.

« Aos 13 de Março de 1875, presentes os sr. Drs. Régio, Figueiredo, Silveira, Arpégio, Pinto Júnior, Drumond, Araújo, Coelho Roiz, Belfort, e Graciliano Baptista, faltando os Srs. Drs. Aguiar, Portela, Banzeira, Tarquínio, João Tomás e Pinto Pessoa, abriu a Sessão o Excmo. Sr. Conso. Batista, Diretor int., e depois de lida e aprovada a acta antecedente, informou a Congregação dos acontecimentos da vespera lendo para isso a seguinte exposição escrita: — Senhores Collegas — Já sabeis sem duvida da lamentavel occorrença que hontem 12 deo-se nesta Faculdade entre o doutorando Sylvio Romero e os signatarios desta exposição, oretados para arguirem-nos em sua defeza de theses. — E acto continuo, ergue-se, tomou um dos livros que estão sobre a mesa — diz — «Não estou para estudar esta corja de ignorantes que não sabe nada e retira-se vociferando por esta sala afóra donde não podemos mais ouvi-lo.» Tudo isso foi presenciado e ouvido por um numeroz auditorio e entre outros que fora escusado e distuiff enumerar pelos Doutores: Nabor Carneiro Bezerra Cavalcante, Innocencio S. de A. Carvalho, Manoel de Albuquerque, Montenegro, Manoel dos Passos e Silva, e Capitão Mauricio J. Torres Temporal. Pouco depois retiraram-nos tambem e como formosamos a maioria exigida para haver Congregação reunimos aqui com o Secretariado. Antes porém que este começasse a leitura da acta, attendendo nós a que todos tinhamos sido offendidos e a que a offensa estava muito recente, julgamos acertado addirmos a deliberação sobre as meucias que o caso peia, e o primeiro dos abaixo assignados consequentemente convocou esta havendo previamente incumbido a outro de fazer a presente exposição. Por motivos analogos, e sobre tudo para evitarmos a possibilidade de uma luta corpo a corpo nenhum de nós deo voz de prisão ao doutorando, que retirou-se impavido e sem a menor opposição. Exposto assim o occorrido chamamos a vossa occorrida attenção sobre as tres seguintes propostas que offerecemos a vossa consideração.

— I que se leve o facto ao conhecimento do G. Imperial, consultando o sobre saber-se se é extensiva aos doutorandos a disposição do art. 12 do Dec. N. 4675 de 14 de Janeiro de 1871, que não admitta a continuação das suas provas os estudantes que, depois de começada uma interromperem-na retendo-se do acto. 2. que se officie ao Excmo Sr. Presidente da Provincia dando-se-lhe parte do mesmo facto e remetendo-se-lhe uma copia desta exposição, afim de ser enviada ao Juiz de Direito competente para mandar denunciar nos termos do art. 2º do Dec. N. 1090 de 1de Setembro de 1860, combinados com os arts. 237, 238 do Cod. Criminal. 3º que esta seja transcripta integralmente na acta da Sessão de hoje (assignados) Drs. Francisco de P. Baptista, Vicente P. do Régio, João S. de Souza, João Pinto Junior, Joaquim C. de Araújo, Antonio C. Reis, Tavares Belfort. Em seguida posta em discussão, a exposição supra transcripta foi unanimemente approvada, depois de terem fallado os Srs. Drs. Régio, Figueiredo, Drumond, Coelho Reiz, e Belfort. O Sr. Dr. Drumond pedindo a palavra, apresentou a seguinte indicação, que foi unanimemente approvada. «Para prevenir a reprodução do desacato dirigido a Congregação desta Faculdade por um Bacharel, na occasião em que perante ella defendia theses aos 12 do corrente mez, e de outros factos quasi identicos, anteriormente praticados requerio, que se sollicite do G. Imperial a addeção, quanto antes de alguma medida repressiva, cõca, cõca, as disposições do art. 117 do Regulamento Policial interno do Curso Juridico de Olinda, (organizado de accordo com o Dec. de 27 de Agosto do Aviso de 10 de Setembro de 1922 (l. e do art. 213 dos Estatutos dados para os Cursos Juridicos do Imperio, pelo Decreto N. 1134 de 30 de Março de 1853, isto é, sugitados os graduados concurrentes a disciplina academica desde os respectivos actor até dois annos depois; tanto mais quanto os actives Estatutos das Faculdades são omissoes a respeito, e o mesmo Governo Imperial tem declarado por diversos Avisos que em casos taes dever-se-ha recorrer as disposições e praticas anteriores. Sala das Sessões da Congregação da Faculdade de Direito do Recife 13 de Março de 1875. (assignados) Dr. Drumond. Foi tambem proposta e igualmente approvada que se consultasse ao G. Imperial sobre saber-se o referido Bacharel Sylvio Romero pode ainda defender theses perante as Faculdades de Direito do Imperio. «E não mais havendo a tratar, o Excmo. Sr. Diretor int., levantou a sessão, convocando-a para segunda feira, 15 do corrente, as 10 horas do dia, afim de que se approvada a acta da de hoje se possada della extrahir as precisas copias. Eu José H. B. Menezes, Secretário, esta fiz. (Assignados) Drs. Baptista, Régio, Figueiredo, Silveira de Souza, Arpégio Guimarães, Pinto Junior, Drumond, Araújo, Coelho Reiz, Tavares Belfort, Graciliano Baptista.

Quando se deu a sessão, o Sr. Dr. Drumond pediu a palavra, apresentou a seguinte indicação, que foi unanimemente approvada. «Para prevenir a reprodução do desacato dirigido a Congregação desta Faculdade por um Bacharel, na occasião em que perante ella defendia theses aos 12 do corrente mez, e de outros factos quasi identicos, anteriormente praticados requerio, que se sollicite do G. Imperial a addeção, quanto antes de alguma medida repressiva, cõca, cõca, as disposições do art. 117 do Regulamento Policial interno do Curso Juridico de Olinda, (organizado de accordo com o Dec. de 27 de Agosto do Aviso de 10 de Setembro de 1922 (l. e do art. 213 dos Estatutos dados para os Cursos Juridicos do Imperio, pelo Decreto N. 1134 de 30 de Março de 1853, isto é, sugitados os graduados concurrentes a disciplina academica desde os respectivos actor até dois annos depois; tanto mais quanto os actives Estatutos das Faculdades são omissoes a respeito, e o mesmo Governo Imperial tem declarado por diversos Avisos que em casos taes dever-se-ha recorrer as disposições e praticas anteriores. Sala das Sessões da Congregação da Faculdade de Direito do Recife 13 de Março de 1875. (assignados) Dr. Drumond. Foi tambem proposta e igualmente approvada que se consultasse ao G. Imperial sobre saber-se o referido Bacharel Sylvio Romero pode ainda defender theses perante as Faculdades de Direito do Imperio. «E não mais havendo a tratar, o Excmo. Sr. Diretor int., levantou a sessão, convocando-a para segunda feira, 15 do corrente, as 10 horas do dia, afim de que se approvada a acta da de hoje se possada della extrahir as precisas copias. Eu José H. B. Menezes, Secretário, esta fiz. (Assignados) Drs. Baptista, Régio, Figueiredo, Silveira de Souza, Arpégio Guimarães, Pinto Junior, Drumond, Araújo, Coelho Reiz, Tavares Belfort, Graciliano Baptista.

Quando se deu a sessão, o Sr. Dr. Drumond pediu a palavra, apresentou a seguinte indicação, que foi unanimemente approvada. «Para prevenir a reprodução do desacato dirigido a Congregação desta Faculdade por um Bacharel, na occasião em que perante ella defendia theses aos 12 do corrente mez, e de outros factos quasi identicos, anteriormente praticados requerio, que se sollicite do G. Imperial a addeção, quanto antes de alguma medida repressiva, cõca, cõca, as disposições do art. 117 do Regulamento Policial interno do Curso Juridico de Olinda, (organizado de accordo com o Dec. de 27 de Agosto do Aviso de 10 de Setembro de 1922 (l. e do art. 213 dos Estatutos dados para os Cursos Juridicos do Imperio, pelo Decreto N. 1134 de 30 de Março de 1853, isto é, sugitados os graduados concurrentes a disciplina academica desde os respectivos actor até dois annos depois; tanto mais quanto os actives Estatutos das Faculdades são omissoes a respeito, e o mesmo Governo Imperial tem declarado por diversos Avisos que em casos taes dever-se-ha recorrer as disposições e praticas anteriores. Sala das Sessões da Congregação da Faculdade de Direito do Recife 13 de Março de 1875. (assignados) Dr. Drumond. Foi tambem proposta e igualmente approvada que se consultasse ao G. Imperial sobre saber-se o referido Bacharel Sylvio Romero pode ainda defender theses perante as Faculdades de Direito do Imperio. «E não mais havendo a tratar, o Excmo. Sr. Diretor int., levantou a sessão, convocando-a para segunda feira, 15 do corrente, as 10 horas do dia, afim de que se approvada a acta da de hoje se possada della extrahir as precisas copias. Eu José H. B. Menezes, Secretário, esta fiz. (Assignados) Drs. Baptista, Régio, Figueiredo, Silveira de Souza, Arpégio Guimarães, Pinto Junior, Drumond, Araújo, Coelho Reiz, Tavares Belfort, Graciliano Baptista.

Faculdade de Direito — Deu-se hontem na Faculdade de Direito o seguinte facto. Defendia theses para doutorarse o Sr. Bacharel Sylvio Romero que no correr da argumentação levantou-se proferindo palavras ofensivas aos seus examinadores. Consta-nos que se vai reunir a Congregação para, tomando conhecimento do sucedido, proceder-se a tal respeito como for de lei — Jornal do Recife, de 13 de março de 1875.

O Secretário, José Honorio B. de Menezes, em remeter ESESESSESSE Apressas-se Paula Baptista em remeter ao Conselheiro João Alfredo copia da ata (1) e as respectivas propostas (2). Franklin Távora, respondendo pela 2ª diretoria e comprometido com a nova situação a parou o golpe. Informando ao officio de Paula Baptista, dizia que não se applicava aos doutorandos o art. 12 de Decreto 4675 (anulação de exames), sendo de parecer que no caso em lide, não haveria crime de injúria. O processo iniciou-se. Todavia, o ridiculo que vivia a denuncia era tal, que ficou encailhado na gaveta de algum magistrado. O diretor da Faculdade, no mesmo ano, na sua «Memória Histórica» e que era ainda Paula Baptista, bravada contra a morosidade do processo, que abria perigoz precedentes expoz a «douta» Congregação às facécias dos estudantes...

Enquanto isto, a Faculdade se dividia e os jornais acchiavam os «A pedidos».

O «Diário de Pernambuco» albergou uma nota anónima de um 50. anista, defendendo os mestres e descaçando Sylvio:

«Defeza de theses»

Srs. Redtores — Como foi annunciado, pelo seu conceituado diário teve lugar no dia 12 do corrente a defeza de theses do Senhor Bacharel Sylvio Romero. Assistimo-la e por isso podemos fielmente narrar o que ocorreu na arguição dos Senhores doutores Belfort e Coelho Rodrigues. A presença do Sr. Sr. Romero na sala do acto indicava uma intelligência que parecia tudo subjuar. Os talentos desse moço já são conhecidos do público pelas suas escriptas entre os quas destacam-se, como mais importante, uma critica a Sotero Gões Reis, batida muito vantajosamente pelo nosso colega o Sr. Albino Meira, com cujas forças o Sr. Romero pôde comparar as suas, tendo mais algum tempo de estudo. Desses talentos não nos atrevemos a duvidar, mas tal foi a arrogancia que apresentou o Sr. Romero quando começou a ser arguido, tal foi o desprezo que parecia ligar as palavras daquelles que são seus mestres na ciencia do direito, quer S.S. queira, quer não, que o obrigou ao sr. doutor Belfort a exaltar-se um pouco. O dr. Belfort, moço ainda, é verdade mas que tem se elevado a altura da missão de mestre e cuja illustração variada já é muito conhecida, escolheu para o ponto de sua argumentação uma these de Economia Política. Depois de uma discussão calorosissima não foram respondidos os seus argumentos pelo Sr. Romero que por duas vezes esteve a confessar que sua these era incompleta. Seguiu-se ao Sr. Doutor Belfort o Sr. Dr. Coelho Rodrigues. Este com a intelligência de que é dotado e com a a-

pliação que tem feito de materias positivas, intelligencia e applicação já manifestadas em muitas outras occasiões conseguiu por diversas vezes collocar o Sr. Sylvio Romero em grandes difficuldades das quas não sahio S.S. apesar dos esforços que para isso fez. Nesta posição de corda de viola o Sr. Romero disse ao sr. doutor Coelho que fosse estudar para poder consigo arguente e retirando-se chamou aos seus juizes — canalha ignorante. Partio-se afinal. Este procedimento inqualificavel de um moço que se diz intelligente e illustrado revoltou-nos e a todos que se achavam presentes, e protestando contra elle, já pela boa educação que deve distinguir os moços que sentam nos bancos de uma Academia, já pelo respeito que deve reinar entre o discipulo e o mestre, dizemos com toda a franqueza que ou o Sr. Sylvio não fez presidir ao seu acto nenhuma reflexão, ou entao é e que é mais provavel) S.S. ignora a força da expressão Canalha ignorante empregando-a tão facilmente. Recife 13 de Março de 1875. Um 50. anista (Diário de Pernambuco de 15-11-875).

No «Jornal do Recife» de 24, surgiu o patrono de Sylvio: «As Theses Ronezes» Ao Servil Estudante do 50. ano.

Senhor estudante do 50. ano — O Sr. foi assistir a defeza de theses do illustrado e intelligente Sylvio Romero? Ouviu a leitura de sua «dissertação»? Oh! quantas species «erebim non habet!» Eis as palavras que proferia ao ler seu interessado artigozinho no «Diário» de 15 do corrente. Era muito melhor ter empregado a vespera da abertura de suas aulas em forjar algum discursinho, ainda mesmo plagiado, incensando os deuses mestres que talvez lhe custasse menos sua approvação no fim do ano, ou um simpliciter quando houvesse de defender theses o que já se pode colligir do seu artigozinho; e dada a hypothese que ainda não creio que não lhe poderão dar mais que isto, pois o seu immortal artigozinho está impresso!... Os dois primeiros topicos delle são primorosos! O primeiro assim termina: «a presença do Sr. Romero na sala do acto indicava uma intelligencia que parecia tudo subjuar». Posso-lhe affiançar senhor estudante, que o Sr. não jogou uma satira, julgando que o publico viria nas suas palavras realmente uma satira, tatal enganado! O Sr. sem querer deu a entender que lá de si está convencido de que vale intelligencia do bacharel Sylvio Romero de subjuar. E eu tambem não me he enganando? Pois é possível admitir no dono do tal artigozinho intelligencia capaz de ajuizar da do Bacharel Sylvio Romero? São cousas senhor estudante!... Quem outro a não ser o senhor, ou um de sua escola, vendo o Sr. Romero na sala do acto não diria vir um moço concio do seu talento e illustração que não crevia suas ideias ao torpe escrevendo magister dixit, fonte de atrasos e miserias intellectuales de muitos moços. O mal não é nosso, 50. anista é do má intuição que tendes recebido. Desculpai-me tratar-vos na 2ª. pessoa. Se conheceis de perto o Bacharel Sylvio Romero aviz de chegar a ver nelle o caradinho de moço de letras de muita dignidade a quem o ridiculo e miseravel escarneo de um magisterio pretencioso e fatuo não passam sem reação, aiaz muito justa. Não quero entrar na analise do facto de ter o illustrado e intelligente bacharel qualificado o doutor Coelho de ignorante por occasião da mordaz pleria, quando aquelle lhe fazia ver que a metafísica é uma ciencia realmente morta, o que o doutor desconhecendo inteiramente apezar dos seus apregoados talentos de illustração. Não quero, porém, entrar na analise deste facto por duas razões; prime porque não julgo o tal estudante só com o seu artigu-



A deusa da Liberdade — DELACROIX (Coleção Van-Gago) (Continua na pag. 6)

UM DIÁRIO DE VIAGENS

SILVINO LOPES

um verbo inglês, muito grato ao Jordão Emerenciano: "I am hungry, you are hungry, he is hungry".

Jantarei com Somerset Maugham.

UMA CAÇADA DE ELEFANTES

Estou voltando. De tudo que vi: Índia, China, Paris, Roma, Berlin, Tóquio, Londres, Viena, Budapest, Nova York, quase que não recolhi nada. Agora, porém, procuro juntar as impressões colhidas em Marrocos. Desisto, é outra droga Marrocos.

Mas, eu devo contar aqui, aos meus leitores, a minha aventura na África. Devo dizer o que senti, velejando sobre as águas barrentas do Isaire.

Depois daquela noite quente em que deixei Loanda, pensando em seguir direto para Kissanga, passei horas terríveis, alucinantes. Por que não mandei tocar o navio para aquela cidade do Congo Belga, que do rio se avistava, cheio de casas amarelas e brancas? Era a cidade Banana. Que nome bonito para uma cidade!

Parei em Sazaire. Havia uma multidão de "Venus" negras. Para não beber água podre dos charcos recorro à cerveja. Se o Coimbra estivesse ali acabaria com a cerveja. Comia-se galinha com arroz e arroz com galinha. E era assim que eu devia me preparar para ir à caçada de elefante.

Quem diria que eu deixaria a rua do Imperador, o Teatro Almara, a festa da Mocidade, o escritório do Barros Lima, a Exposição de Arte Moderna, as composições do Sebastião Lopes, o Café Lafaiete, os ônibus das Empresas Unidas, para cacar elefantes na África? Mas, assumi com o Veloso, zelador da sede da Associação da Imprensa de Pernambuco, o compromisso de reforçar o seu quadro zoológico com um elefante.

Para o prefeito Moraes Régio eu contava agarrar um leopardo que poderia dar um bom fiscal da Prefeitura.

A caçada teve início às 22 horas. A noite era escuríssima. Um negro, segurando um farolim, faz incidir um jato de luz, sobre o matto. De instante a instante, diz o negro: Cuidado! Ouviu-se barulho no matto. Era um carnívoro. Estou com arma pronta a disparar. O negro também está armado. Divisamos a fera e dois tiros convergentes partem em sua direção. Corra! — gritou o negro. Era uma jacossa. Continuamos a marcha, deixando aos corvos o bicho morto e fedorento. De repente, da garganta do negro, saem gritos:

Qié! Qié! Kiabiaz!
Sabem lá o que é isto!
O negro dizia: Qiá! Qiá!
Que lindo!
Vê-se por aí que eu também podia traduzir "Edipo Rei" para o Teatro do Estudante. Era um velho búfa-

lo. Perto havia um morro de salolê.

Búfalo não interessa, disse eu. Para cacar búfalo não saíria do Recife que é só onde há bicho de semelhante espécie. O negro riase. Foi-se a noite toda. Nada mais vimos.

Com que cara vou regressar ao Recife? Em lugar de um elefante levarei para a Associação da Imprensa um macaco que é redator de jornal em Loanda. Escreve no estilo de Adalicio e é mais minucioso do que o Silvino Lira. Para o prefeito, neca. Como caçador de feras sou uma lástima. Devo me dedicar à pesca, como São Pedro que foi o professor do maestro Vicente Fittipaldi.

Na próxima semana estarei assistindo ao enterro das estacas do futuro edifício IPASE. Quem enfrentou as matas da África de noite, não corre de um desmoronamento inevitável.

COM DOROTHY LAMOUR E GARY COOPER

Não demorei duas horas em Hollywood. Contudo, foi tempo suficiente para bater um papo com diversos amigos. Não vi Ingrid Bergman. Disseram-me que estava em Turim. Com os diabos! Em Turim estive três dias, e o incrível Roberto Rossellini nada me disse. Agora estou pensando que ele teve receio de me levar à presença da "estrêla". O ciúme inferioriza as criaturas. Quem diria que Roberto Rossellini, a quem fui apresentado por Marcela de Marsini, se tornasse tão pequeno depois que se apaixonou por Ingrid!

Chovia em Hollywood, porém, era como se não chovesse, pois, eu passei a chuva no apartamento do dr. Peter Lindstrom. Eu, Peter e o dr. Gino Sotís conversámos sobre o divórcio. Mas, na verdade, eu conversei pouco, pois não sou profundo no assunto.

Assim mesmo não se esquecia de que estava em férias. Eu continuava completamente alheio à lei de férias.

Mandámos para o diabo a revista *Field and Stream*. Quería Farrington que eu e o Anselmo fôssemos para a Nova Escócia pescar atum.

Foi aí que me lembrei das grandes pescas do Hercílio Celso em Maria Farinha.

Se o Hercílio estivesse conosco não escaparia um atum. E a festa seria como aquelas de Paulista.

Por que Hercílio não abandona a companhia do Duarte Filho, e vem ao nosso encontro? Poderia trazer o Vasco e o Marcelino.

Domingo regressarei. Vou fazer um voo de 35 horas.

Na terça-feira, estarei em Campo Grande.

Acabo de telegrafar ao Araújo Filho, pedindo-lhe um soneto dedicado ao atum.

QUITO «ARRABAL DEL CIELO»

Paro, olho e escuto.

Em Quito, as manhãs são mais do que encantadoras. Enchem-se as ruas das mais formosas equatorianas e estas passam pelos homens, sorrindo. Uma delas deu-me a impressão de uma salamandra coleando.

Queima-me o couro o sol tropical. Procuo por toda parte a estátua de Don Francisco de Grelana, o fundador da cidade de Guayaquil.

Mas, estou em Quito, capital do Equador, na Calle de la Ronda, em frente à casa de Jorge Bonoso Rumaza, meu amigo. É o crítico de arte da cidade.

Nada disto, porém, tem importância. O que me espanta no momento é a figura de um homem que parou à esquina da Calle de la Ronda e de lá não tira os olhos de minha pessoa.

Será possível? E sem tirar nem pôr a figura do dr. Melquíades Montenegro. Se a sorte me proteger, estarei com tudo em Quito, pois aquele homem só pode ser o Melquíades Montenegro. Já não me interessa falar com Jorge Bonoso Rumaza. Março para ele. Paro em sua frente. Interrogo-o:

— O senhor é o doutor Melquíades Montenegro?
O homem não respondeu. Olhou com um grande desprezo. Pedi desculpa.

Aí, o desconhecido, na sua língua, falou:

— Comparou-me bem. Mas, tenho a dizer-lhe, apenas, que me chamo Eduardo Kingman e sou periodista. Escrevo em «La Hora» e os meus artigos contra o governo são considerados tenebrosos. Nem sei como ainda há governo neste país com a força que tenho feito. No que escrevo pouco pólvora, caco de vidro, cabeça de prego, arame farpado, sublimado corrosivo, sal-amargo, pimenta de cheiro, ponta de faca e óleo de figado de bacalhã. Arraso tudo. Sou contrário a qualquer espécie de acordo. Quero uma política forte. E só conheço dois homens dignos do meu respeito: Simão Bolívar e Bento Juarez.

Em seguida, levou-me à redação de «La Hora». É um prédio antigo, numa das ruas principais da cidade. O diretor do jornal, por medida de precaução, mandou escorar todo o prédio, acreditando na possibilidade de próximo terremoto.

Li numa coleção de «La Hora» vários artigos de Eduardo Kingman. É furioso. Se ele escrevesse no Brasil o general Dutra já teria dado o fora.

Quito — subúrbio do céu, como dizem os teus poetas, tens jornalistas para mais do contrato.

Vou levar Kingman para Alagoas a fim de restaurar o «Diário do Povo».

Estou em Quito nesta manhã de fogo e ouro. Estou encantado com uma índia catita que chamei para amanhã, ao Natya Mahotsov, festival teatral, em



Silvino Lopes por Ismailovitch

Bombaim. Ai se eu tivesse a técnica de Júlio Barbosa!

Gostei do espetáculo. Mas, a opinião geral é que «Amor» do Oduvaldo Viana é muito mais engraçado do que o nariz.

O Teatro Indiano Nacional não tem a organização do Teatro Bancário de Pernambuco, porém pode ser visto sem enfado.

Ao sair do Teatro topei com o escritor Khawaja Ahmad. Fomos para um bar e começámos a beber vinho de Missa Negra. Enquanto bebemos, ele vai me dizendo:

— O teatro moderno indiano, instituição viva e florescente em Bengala e Maharashtra, apesar da séria concorrência comercial do cinema falado, continua a evoluir, desprezando as banalidades das "companhias teatrais" em hindustani, tendo entretanto sofrido por muitos anos as limitações do drama isbeniano, fonte de sua inspiração. As peças de conteúdo social provaram, entretanto, que podiam corrigir o snobismo da classe média; todavia o teatro não atingiu padrões artísticos elevados, afastando-se do contacto com as massas. Tanto em Bengala como em Maharashtra grandes atores se fizeram notar. Mas a dinâmica da luta nacional pela liberdade e a pressão da ideologia socialista contribuíram para dar novo espírito e nova vivacidade ao teatro indiano, emprestando-lhe uma nova direção.

A esta altura eu já estava um pouco grogue. Pensei que ouvia o dr. Valdemar de Oliveira.

PESCANDO ATUM NA SUÉCIA

Em Estocolmo, a maior atração turística é a pesca. Ao pôr do sol, lanço-me ao estreito de Oresund e

em companhia de Mr. Kip Farrington Jr., parto para a pesca de atum.

Mas, aqui, tudo se pesca: o salmão, a truta, porém a sedução é mesmo o atum.

Assim, enquanto, no Recife, figuras de projeção social e política, inclusive representantes do povo, tomam parte no concurso de papagaios, promovido pelo dr. Césio Regueira Costa, da Diretoria de Documentação e Cultura, eu entro num concurso de pesca, tendo como competidor Mr. Kip Farrington, redator da revista *Field and Stream*.

Kip Farrington está passando as suas férias na Suécia. Ele e eu estamos em férias, posto não seja do meu conhecimento o motivo que o fez deixar o batente.

Mr. Kip Farrington é homem rico. Assim, só pelo gosto de trabalhar para uma revista seria capaz de renunciar a toda espécie de pagamento pelo seu trabalho.

Em Estocolmo encontrei outro homem maravilhoso e muito conhecido no Recife. Que alegria senti ao vê-lo.

— Homem de Deus eu te fazia na Noruega!

Não queiram saber quem foi o homem que encontrei em Estocolmo.

Mas vou sempre dizer, para alegrar o seu grande amigo — o professor Gilberto Osório.

Foi de quem ele se lembrou, num alarido, assim que me viu.

Apresentei o Manuel Anselmo, o cônsul de Portugal na Noruega, ao meu amigo Kip Farrington, e quando voltei do mar alto, o bródo no *Hotel Succo* foi de tirar juízo.

As folhas tantas, Manuel Aderbal Jurema, do Silvío Rabelo, unha na carne de Gilberto Freyre, e as garrafas foram ficando mortas.

(Continua na pag. 17)

(Continuação da pag. 4)

nhos com títulos suficientes para compreender esta análise; segundo, porque a argumentação de um tacto serio só entre pessoas tambem serias e o sr. estudante é muito ridiculo. E por isto que vou ridicularizalo um pouco já que sua comprehensão mais se estende ao ridiculo. O sr. usa oculos de grau, sem ser myope? (Entendo myope de vista, da intelligencia ou avulso pelo seu artiguinho). Ou soube que o dr. Romero criticou Sotero dos Rees, por ter conversado com um dos principais personagens do seu artiguinho, ou «pobre carvoeiro literario» Albino Meira? Só pela affirmativa a segunda interogação poderá o tal sr. anista justificar sua estúpida opinião sobre a questão entre o doutor Romero e o Jesuista Meira, que tem a pretensão de ter levado a vencida ao judicioso critico, não se lembrando ele e o seu admirador do silencio que professaram. Um conselho de amigo: esqueça-se do sr. Romero o catolico novo e o zoilo do artiguinho, o bacharel é pior que o choque elettrico do "Nautilus" submarino de Julio Verne. Não o intimidando a penna do dr. Sylvio, que estou certo não se lembrará do sr., entremos em um outro topico do seu artigo: «não foram respondidos os arguimentos do dr. Belfort»; ou tem o sr. estudante muito interesse de lisonjear o doutor Belfort, ou não assistiu a defesa de theses ou se assistiu era uma machina de abstrações. Em que se baseia o sr. para avançar que o sr. dr. Sylvio esteve quasi em confessar que sua thesa era incompleta? Sem duvida não pesca o Sr. anista patavina da Economia Politica, disto estamos convencidos e não nos apressamos em classificar sua mancha de preferencia historica e bolica. As grandes dificuldades em que diz o articulista ter collocado Coelho ao dr. Romero é o unico ponto em que nos achamos de accordo. Com effeito, não é facil a quem tem consciencia do que é e do que vale aceitar o ridiculo por mais ou uma vez atraiado sobre si sem collocar em uma posição bem difficil, não de corda de viola, mas de quem tem de manifestar independencia de suas ideias a uma sociedade toda de servilismo. E abrir lutas de protestos e menas mesquinhas com a muito comum a maior parte desta Faculdade. As ordens, Sr. anista, Recife 20 de Março de 1875. Um estudante de medicina.

Em officio de 17 de Maio de 75 Paulo Batista communicava ao Cons. João Alfredo o resultado do concurso de Filosofia para o Collegio das Artes, informando que Sylvio classificara-se em primeiro lugar e que a Congregação não havia feito a publicação de seu nome e, ainda, que a respeito de um dos concorrentes tendo informações circumstanciadas que consistiam no officio reservado que vai junto. Franklin Távora, na 2a. directoria, ao receber o officio e sentindo a má vontade da Congregação deu uma informação a: «Não a que resolver a vista do parecer da Comissão julgadora, que não considerou nenhum dos candidatos no caso de ser proposto. Quanto a consulta que faz o diretor a saber se não obstaria o voto da comissão, com o qual se declarou de accordo está elle obrigado a fazer a proposta de que trata o art. 79 do Regulamento; é fora de duvida que semelhante proposta fora descabida. Neste sentido deve responder-se ao director devolvendo-se a elle as provas dos candidatos para serem archivadas na Secretaria da Faculdade; e recomendando-se-lhe que annuncie novo concurso caso S. Excia. Sr. Ministro pareça isto conveniente».

O officio reservado a que allude Paula Batista é transcrito, agora, pela primeira vez, depois de examinado dos arguimentos.

«Ilmo. e Exmo. Sr. Nesta informação, que é reservada na forma do art. 83 do Regulamento das aulas preparatorias, e a respeito do concurso havido nesta Faculdade, para preenchimento da cadeira de Philosophia, tenho a dizer a V. Excia. que o primeiro candidato Sylvio Romero fez a seguinte declaração pela «A Provincia»:

«Concurso de Philosophia (Ao publico) Depois de um incidente desagradavel a que fui asperamente provocado pelo sr. dr. Coelho Rodrigues, no acto da minha defesa de theses, apresento-me ao concurso de philosophia a que vai proceder na Faculdade de Direito. Só o faço por me ha-



Xapô — desenho de ZULENO PESSOA (Coleção A. J.)

ver anteriormente inscripto para elle. Não que eu reeeie cousa alguma da parte dos concorrentes; é que não tenho a mais leve confiança na sciencia dos julgadores da Academia, e tão pouco na sua incapacidade. Isto aumentou de ponto, depois que soube que os srs. doutores Coelho e Belfort são dese numero! Agimiro que tão facilmente procurem estes ara. Julgar a um individuo com quem, ha muito tempo, tão fortemente malquistaram-se!!!

Em todo caso, eu não recuo nem vejo motivos para isso. Desde já previno ao publico dessa circumstancia pois deve ficar bem clara a justiça que vai presidir ao meu julgamento. O facto merec reflexão. Recife 26 de Abril de 1876. Sylvio Romero.

Como era de esperar, Melo Vieira classificou-se em primeiro lugar, cabendo a Sylvio o segundo.

Mais uma vez Paula Batista cificava reservadamente ao ministro, num documento que é um instantaneo do carolismo que cogulava a nossa Faculdade.

Reservado Ilmo. e Exmo. Sr.

De conformidade com o que dispõe o artigo 83 do Regulamento das aulas preparatorias tenho a honra de informar reservadamente a V.Excia. sobre o concurso de Philosophia, que acaba de ter lugar, e cujo

processo junto ofereço a consideração de V.Exc.a.

Quando ao candidato Antonio Luiz de Mello Vieira que foi classificado (e a meu ver com toda justiça) em primeiro lugar, cabe-me dizer que esse moço, que já tomara parte no primeiro concurso, havido em Abril do anno passado, para preenchimento desta mesma cadeira, é de uma conducta sem mancha, de caracter brando e pacifico, e de bastante talento, como o confirmam as diferentes aprovações com distincção que obteve, durante o seu curso academico. Alem disto, quer nesta, e ver no concurso anterior o Bacharel Mello Vieira mostrando-se adiantado no conhecimento das sciencias philosophicas seguiu sempre a escola philosophica pura e christã.

Quando ao candidato Sylvio Romero, cumpre-me informar que sendo elle tambem como aquelle de reconhecido talento, e mostrando-se igualmente adiantado no estudo da philosophia, revelou-se pelo contrario secretario da doutrina positivista, e adverso á christã, donde resulta que falla de todos os sistemas philosophicos, sem nada construir sobre algum delles. Ainda sobre outro ponto, se destaca o Bacharel Vieira do seu competidor Mello Vieira, e é na irascibilidade de genio, como her. o revelou o mesmo Romero no acto de defesa de theses a que se sub-

metteu nesta Faculdade, por cuja occasião injuriou a Congregação dos Lentes, e Interrompeo o acto, lecatando-se precipitadamente, conforme de tudo foi inteirado o Governo Imperial. Quanto finalmente ao candidato José Bandeira de Mello, conformo-me com o juizo da Comissão, que bem considerou não haver este candidato dito cousa alguma sobre a prova oral.

Deus guarde V.Excia. Secretaria da Faculdade de Direito do Recife, 26 de Abril de 1876.

Ilmo. e Exmo. Senr. Conso. José B. da Cunha e Figueiredo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio. Sylvio experimenta cortar a politica jesuitica do Director. Lige-se numa misiva directamente ao Conde L'Eu, carta essa até hoje inédita e que nos revela um dos momentos diamanticos de Sylvio na sua luta pela vida:

«Outrora os subditos escreviam aos seus Soberanos, e levavam até junto ao Throno os seus anhelos ou as suas queixas. A velha e altamente nobre Monarchia Portuguesa, da qual V.A. Imperial se acha ligado a um brillante renovo na America. Permitti, pois, que eu me dirigi-me, particularmente, a V.A. Imperial para levar ao Vosso esclarecido criterio um facto que tenho por anormal.

«E este: Desejando pela natureza de meus estudos e pela necessidade de publicar os meus escriptos, estabelecer-me, depois de bacharelado, em um dos grandes centros populosos do peiz, procurei esta cidade, onde estudei e fundei minha pobreza não me permitte sair, e neste intuito pretendi occupar um dos logares ao ensino secundario ou superior do Imperio.

«Presente-me, e então, a concurso para preenchimento da cadeira de Philosophia do Curso de preparatorios annexo á Faculdade de Direito desta cidade em Abril do anno proximo passado. Quiz a sorte que me foi desastrosa a comissão julgadora do dito concurso.

«Collocou-me em primeiro lugar, de verdade, na lista dos candidatos, que eram cinco; com a ideia, porém, de que as provas não foram satisfactorias, não fez a devida proposta, como é de lei, e o Governo Imperial, pouco informado, viu-se obrigado a annullar o referido concurso! Isto poderá V.A. Imperial deprehender do exemplar do jornal a «Provincia» marcado sob a nota 1, e do jornal do «Commercio» marcado sob a nota 2, que tenho a honra de enviar a V.A. Imperial. Eis que é posta, pela segunda vez, a concurso a cadeira, e, tendo-me de novo inscripto para elle, passaram-se os factos seguintes para os quaes ouso chamar a benevola attenção de V.A. Imperial. O novo prazo de inscripto findou-se em Novembro do anno passado, e devendo logo seguir-se, ao que parece, o concurso em que se gastou somente dois dias, veio elle a ter lugar a 4 e 5 do corrente, isto

cinco meses depois! A razão, Senhor, desta demora, a muitos pareceu caprichosa. Eu tinha recio de ser arrejado da lista. Contava, por ventura, aguem, com a minha inutilidade em virtude de um processo contra mim movido por um phantastico delicto de injurias, provido te um incidente insignificante que tivera lugar entre mim e o Sr. Dr. Anto. Coelho Rodrigues, homem conhecido por violento em todo o paiz, o qual provocou-me de um modo descommunal no acto de minha defesa de theses para doutorado, acontecido pouco antes do primeiro concurso de philosophia... Mas o integro poder judiciorio fez a devida justiça a um tão revoltante escandalo, e fui em audiencia, propta e peremptoriamente despronunciado!

Tudo isto poderá V.A. Imperial apresentar pela leitura dos dous exemplares da «Provincia» rubricados sob as notas 1 e 4 em que discute (sem reostia) o abusivo successo, e que tambem tenho a honra de submeter ao juizo Imperial de V.A. Imperial.

Tomei, pois parte no segundo concurso; mas ainda depurou-me a sorte com uma comissão suspelta para julgar-me, pois entraram para ella individuos que me são inteiramente desaffectos e amigos e confrades de um dos meus competidores, que, aliás, sahira da outra vez classificado em segundo lugar! Limitadas as provas escriptas e oraes, até hoje deuse somente parte dellas pelas jornadas desta cidade, mas ainda não foi publicado o resultado do julgamento. Isto verá V.A. Imperial pelo exemplar da «Provincia» que vos envio sob a nota 1. Não posso, pois saber em que lugar fui classificado pelo julgamento, e si por ventura, não tiver sido no primeiro, como da outra vez, vou rogar a consideração de Vosso esclarecido criterio para as provas escriptas, que dever, ser enviadas para a Secretaria do Imperio e subir até as vistas do Conselho de Estado, e talvez até ás mãos de S.A. Imperial e Vossa Digna Consorte.

Terminando, Senhor, cumpre-me declarar a V.A. Imperial que um dos motivos mais apparentes de certa opposição que notei a que eu tire a cadeira em questão é o caracter mais acientifico e despreoccupado de minhas ideias mais aciantadas do que as de meu contendor, que nunca trouxe ao serio da Literatura Nacional nem um só «producto, mas cuja» ideias expressas nas provas academicas acham echo nas comissões julgadoras, cujas doutrinas lhe são conhecidas e pertinhadas. São, porém, aquellas ideias, e defendido, começas dadas e severas, firmadas na critica dos sistemas estremos e qualquer perigo, o que poderei apreciar pelo apusculo que trho a honra de enviar a V.A. Imperial.

Mes delicto, Senhor, ha havido a coragem de me a qualidade de critico e homem de letras, profligar na imprensa algumas doutrinas acceptas afigadas por alguns individuos, que, por sua posição official, são hoje chamados para julgar-me em um pleito autentico: Não posso ser bem sucedido julgado por meus inimigos partculares, e rivales do doutrinal Levando ao conhecimento de V.A. Imperial os successos de um pouco dianos exarados nesta «arta e nos jornadas que vos remetto, tenho convicção inabalavel de que me fareis a mais completa justiça. Espero que o herico Principe, que tantos males reparou em nosso glorioso «xercito, debaixo do Seu brillante comando, lancará triumpho Sua benevolencia não entre em e a pequenina» fracção do Collegio das Artes, annexo á Faculdade, que me é adversa, para me em meu direito. Espero que sem protecção que as não tenho, no mundo official basti-me o ter fallado francamente até junto ao Throno de S.S.I. a Serenissima Princeza a Senhora D. Isabel, por intermedio do Seu Augusto Espero, as minhas queixas para encontrar a justiça a par da benevolencia.

De V.A. Imperial. Subdito Revêrente. Recife, 11 de Abril de 1876. Sylvio Romero.

Nenhuma resposta veio do Conde D'Eu. Sylvio abandonou a provincia. Mas, deixou o exemplo da rebeldia e da dignidade da cultura. Anos depois o seu dileto amigo Artur Orlando, arte com mais all'vés e sem mácriação, abandonava a banca e exame por não poder suportar a ignorância da Congrega-



Artes Plásticas

(Continuação da pag. 11)

VASTO PROGRAMA

Entou que os artistas quando protestam contra esse estado de coisas actual não estão sendo como dizem: "homens muito avançados". O que se dá — explica elle — é que as soluções é que estão atrasadas demais.

Em 1939, sem que houvesse processo, somente porque atacava o Estado Novo, passou oito meses metido na velha Detenção do Recife. O Delegado da Ordem Política e Social à maneira de Goebels, meteu-o no xadrez sob a alegação de que todos os artistas eram comunistas.

SEMPRE A ARTE

Hélio volta a falar da S.A. M. Pretende inaugurar em dezembro sua escola de arte moderna com curso de todas as artes plásticas. Este anno funciona apenas o curso básico de fotografias, de onde já saiu diplomada uma turma. Seu grande entusiasmo atualmente é pelo escultor Abelardo da Hora, pelos trabalhos expostos há pouco tempo na Associação dos Empregados no Comércio.

Está finda a entrevista. Hélio Feijó exhibe um velho jornal contendo o programa da Sociedade de Arte Moderna. Digo-lhe rindo que aquilo é programa para 100 annos. Ele se zanga e passa todos os 22 pontos.

Nada foi esquecido para se dotar a capital pernambucana de uma sociedade que faria inveja a qualquer congêneres dos países mais adiantados. Hélio Feijó sustenta que concretizará sua vontade de fazer do Recife um meio realmente artistico e para isto conta com o valoroso grupo que constituiu a diretoria da Sociedade.

Ao me despedir alguém lembra que o Estado deveria ter revelado alguma simpatia pela S.A.M.R. Coisa de senozens explicita o pintor pernambucano. De serio e de pesado é a Sociedade de Arte Moderna que elle vai, carregando nas costas até que Deus mande bom tempo.

SOBRE ARTUR RAMOS, SEM VOZ

(Palestra na ABDE, secção de Pernambuco)

GONÇALVES FERNANDES

Esta sociedade de escritores, cumprindo um velho ritual conservador, decidiu que, em homenagem à memória do prof. Artur Ramos, se dedicasse uma sessão especial e me endereçou um convite para — pessoa estranha aos seus quadros — falar sobre o grande antropologista morto. Não sendo escritor, mas apenas alguém que escreve algumas vezes para fixar tão somente as suas observações de psiquiatria social — ângulo especulativo em que Ramos foi mestre — agradeço a liberalidade dos homens de letras do Recife, mas creio que vou decepcioná-los. Porque é muito difícil falar sobre Artur Ramos, a sua vida e a sua obra. Naturalmente que qualquer um pode dizer: Ramos nasceu na cidade de tal, no dia tanto, fez seus estudos de humanidades em tal Liceu, graduou-se em Medicina em tal faculdade, foiologista do Instituto Tal, fez sua docência livre e quase que o reprovavam porque teve a ousadia de apresentar uma tese versada em assunto pouco conhecido para venerandos professores que o aconselharam paternalmente a tomar tento, que mostrou saber igualmente os clássicos e que esta chance o fez ser "complacentemente" admitido na ensinaça livre; que na provincia provou como poucos o amargor da inveja; que o retomou da poeira dos arquivos, dando-lhes continuidade, os estudos de Nina Rodrigues — outra malvisão já consagrada então porque morto — fez despertar sobre a sua pessoa naquela Bahia de todos os santos uma discriminação que faz sofrer a qualquer homem gordo (Ramos era um gordo, com todas as suas virtudes e defeitos); que foi se embora para o Rio; que apoiado por Afranio Peixoto começou a escrever livros de psicologia médica, editada pela "Guanabara" na coleção dirigida pelo velho Mestre baiano ("Psiquiatria e Psicanalise", Freud Adler e Jung" etc...); que foi o creador do primeiro serviço oficial de Ortofrenia e Higiene Mental Escolar e seu diretor; que abriu novos caminhos aos estudos de antropologia cultural com a sua "Biblioteca de Divulgação Científica" editada pela "Civilização Brasileira", onde lançou seus livros — base e estrutura do que mais sólido se escreveu até hoje sobre o negro no Brasil e os livros de novos autores de provincia, então anônimos e dispersos; que redito Nina com novas cores de resurgido; com comentários e notas, atualizando-o; que foi professor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil — mas não um professor apenas para noticia de jornal, manifestação de agregados e informes para os outros ver, não um professor duma aula só fixada à "flash" para vespertinos, de aula lida e única e, para que mais? mas um professor de todo dia que deixou até o seu serviço médico para entregar-se todo ao ensino do que sabia realmente e não para falar de si mesmo ou para viver ruminando compilações pitorescas escritas em volumoso glossário, e carregado sempre às costas como o balcão do homem da Emulsão de Scott por tantas "glórias Federais; que realizou um trabalho sério de pesquisas científicas no terreno da antropologia cultural; que publicou sobre o negro brasileiro um livro em lingua inglesa (livro que lhe foi solicitado e cujo contrato sobre os direitos autorais, por um feliz acaso, eu tive a honra de assinar como testemunha, há uns bons dez anos atrás; que sem noticia em jornal realizou cursos em Universidades Norte-Americanas ("falando um excelente inglês" dizia-me no Grande Hotel o prof. Herskovits, em sua visita ao Recife ao começo da guerra, só extrahindo certas expressões de Ramos à mesa quando respondia "I accept", quando lhe oferecia ele um prato... usando em inglês uma fórmula nitidamente brasileira, via-se assim, em Ramos, analiticamente, o seu brasileiro que ele não conseguia mascarar.); que foi para a ONU sem girandolas, nem noticias em negrito, sem entrevistas nem telegramas de homenagens para uso externo; que morreu assim como viveu: com a discreção de quem pede desculpas por estar morto e ir dar muito trabalho aos que ficam com cerimônias, sessões solenes, missa de sétimo dia e entéro bom.

Um literato distinto poderia ainda fazer um paralelo entre Artur Ramos e Nina Rodrigues: ambos viveram na Bahia, ambos revolveram a vida dos negros, ambos desvendaram aqueles candobles que a imaginação popular dizia defendido por maléficis tabás, e ambos morreram em Paris, sem que se esperasse, — vejamos o efeito da frase — como que vítimas da maldição absurda dos velhos orixás!

Esse Artur Ramos, qualquer um pode falar sobre ele. Enumerar todos os seus livros, todos os seus títulos, dizer que não foi catedrático por hereditariedade de nem de nenhuma escola de familiares, nem preteriu ninguém, nem tomou o lugar de ninguém, nem deixou que o beneficiassem injustificando quem quer que fosse, que jamais afirmou ser um "cientista", nem um "escritor" nem um "professor", que os outros é que o chamavam assim. Esse foi um Artur Ramos que qualquer um pode falar sobre ele.

Mas o Artur Ramos que eu conheci através de cartas escritas a um obscuro médico, então recém-formado; que conheci pessoalmente, depois no Rio e com quem conversei diversas longas vezes durante dois anos, gordo, risonho e miopie, compreensivo mas de poucos amigos, alergico a certas igrejinhas Super-literárias e cooperativistas, esse Artur Ramos que morava àquela tempo por cima do último andar do Edifício Milton na praça do Russel, esse Artur Ramos de Luisa Galet Ramos (um gordo e uma magra que realizavam o mais perfeito matrimônio), esse, é muito difícil falar sobre a sua personalidade. Nem creio que ele a provasse um rosário de elogios encomendados, nem que agora permitisse que o chorassem morto. Se vivemos rodeados de tantos sábios que já sugeriram ou atingiram os grãos da imortalidade terrena que lhes parece caber, devo lhes dizer que Ramos gostaria muito que deixassem estas homenagens para alguns vivos que precisam muito mais delas que padecem, sofrem e morrem por uma palavrinha. Nem cerimônias, nem palavras bonitas, nem crepes, nem luto para os outros ver, eis uma fórmula mais própria para homenagem a memória de Artur Ramos.

André Birabeau, num pequeno conto, publicado em "coronet" e classificado como "satirical" ("Luto para um — Os trajos do pezar não são para o mundo, mas para a pessoa que perdeu alguém", conta-nos a história de alguém que tinha demasiado respeito pela alegria alheia e dizia: "Que culpa têm os outros de que a infelicidade se abata sobre mim? Só porque perdi alguém que me era querido, com que direito me dirijo entristecido aos que nem sequer me conhecem, estragando-lhes o prazer momentâneo (como se se pudessem ter muitos!), lembrando-lhes brutalmente que a infelicidade existe, justamente quando, por algum milagre, possam estar um desses momentos em que não pensavam nela? Considere isso monstruoso. CADA UM CONSERVE MESMO O SEU PEZAR".

Ái está uma teoria que me parece boa sobre o luto secreto, para uso comum, pois perder pessoas queridas não constitui nenhum privilégio, nem prerrogativa, nem direito privado. Porque, pois irradiar a outrem tão só por convenção, o pezar esta sessão, e que palavras convencionais devam ser pronunciadas em tom compungido, tal como faz um locutor de estação de Rádio (embora depois anuncie em tom de voz alegre o próximo samba?

A morte é, naturalmente, o sabido acontecimento com que todos se habituaram nos outros. "Suporta-se, sem dúvida, muito bem, a dor do próximo..." Entre um número de música e um anúncio de tintura para os cabelos, vem todo o dia a noticia em voz grave: "Faleceu hoje... etc." É a chamada morte dos outros, um fato tão banal, fora do seu círculo afetivo, que já se tornou esquecido quando mais um número enche o ar. Mas para que dizer que a morte de Ramos, para nós, não foi uma noticia de rádio? Que foi como a visão duma calamidade súbita imprevista, inesperada e brutal? Dizem que os médicos se habituam com a

morte: acho que este é um erro macabro. Os que a enfrentam e sabem que, malgrado o ardor da luta sem descanso, terminarão sentindo, melhor que ninguém, a sua aproximação e a sua vitória inexorável, nem por isso andam a repetir, como os trapistas: "Irmão, lembrete da morte", embora, como eles, vivam cavendo a sua própria sepultura. O drama íntimo do médico, talvez por isto mesmo, lhe destenda a sensibilidade e a compreensão da sensibilidade alheia e da alheia alegria de viver, mas também lhe dá uma medida de desprezo por certas convenções, pela mentira social aos exemplos. Para que falar, então, de Ramos morto, se podemos conversar sobre Ramos vivo?

Ramos, médico de almas e clínico da vida social, um investigador nato da vida de mortos e de vivos, quando legista, partiu pelos caminhos da medicina para a Antropologia Cultural. Mas foi sempre muito pouco "doutor", despindo-se, tão breve terminadas as cerimônias, de todos os símbolos, rituais, ornamentos e "ar profissional", que constituíam o "chachet" dos mestres do seu tempo e a pontinha de orgulho dos médicos que vieram depois. Tinha mais um jeito assim de colegial, de menino que não esconde o seu entusiasmo por histórias de quadrinhas e por fitas de "West". O convencional para ele era apenas um fato observável e ninguém melhor do que ele registou a marca do tempo em que vivemos, abrindo brechas sobre certas características culturais brasileiras, melhor analisadas pelas que se formaram na investigação da conduta e do conteúdo do pensamento formal. Características culturais... Eis aí um assunto duma aula de mestre Ramos, e pouco divulgado, um assunto sobre o qual Ramos discorreu lá para 1938, e no entanto tudo é tão atual e, talvez, numa sociedade de escritores, não fique mal escutar-se não o Ramos vastamente antropolista, mas, particularmente, o psicólogo-social, numa das suas interpretações mais agudas sobre a vida cultural brasileira.

Creio que não pode haver melhor homenagem a Ramos do que senti-lo vivo e entre nós, escutando o seu ensinamento nesta recomposição do seu trabalho, que publiquei, então secretário da Revista do Brasil, no seu número 3.º. Dizia Artur Ramos sobre "Notas psicológicas sobre a vida cultural brasileira":

"A análise psico-sociológica da vida intelectual dos povos, das próprias condições psíquicas da sua cultura, revela um conjunto de dados curiosos, que seria interessante aplicar ao caso brasileiro.

Muitas universidades européias e americanas incluem nos seus cursos de sociologia, cadeiras de "sociologia do conhecimento", onde se faz uma análise da vida intelectual em tópicos como: pressuposições e preconceitos, finalidade do conhecimento, objetividade, ideologias político-sociais, "intelligentsia", relações entre o pensamento, a ação e a crença, propaganda e popularização do conhecimento, "indoctrination", etc.

No próprio domínio do pensamento puro, as condições históricas e sociais modificam a essência mesma da função de pensar. Kurt Lewin, em ensaios notáveis, mostra hoje como ao "pensamento aristotélico", orientado dentro das noções rígidas de causalidade, pensamento classificatório e esquemático, se contrapõe o "pensamento galileico", movel, dinámico, "fóra da lei".

A psicologia da cultura, com os Lévy-Bruhl, os Graebner, os Werner, os Sapir, os Dollard... vem de outro lado demonstrar a relatividade do pensamento e da lógica, as variações da noção de "valor", com os diversos grupos humanos, oscilando desde o pensamento primitivo-catimático até o pensamento lógico-ocidental. Mesmo neste último, permanecem os resíduos afetivo-primitivos do pensamento, que se entremostam nas condições várias do sonho, da arte, da neurose... É claro que não ligo aqui o conceito de "primitivo" a nenhuma condição antropológica racial. Não há nenhuma especificidade de pensamento racial, como querem os racistas alemães, propondo a

separação da lógica ariana do pensamento "dissolvente-judaico".

A relatividade da lógica e do pensamento está ligada a influências socio-culturais. É isto que deseja demonstrar a sociologia do pensamento, quando realiza hoje uma confluência notável entre a psicologia e a sociologia. Parece que cada vez mais nos vamos distanciando de uma psicologia pura, que ficaria relegada ao polo exclusivamente psicológico, bem como de uma sociologia pura, que não desse conta do elemento psicológico humano. McDougall numa série de conferências recentes, dizia que, ou a psicologia tomaria a sociedade como o seu campo por excelência de estudos, ou desapareceria como ciência. A verdadeira psicologia humana é hoje uma "psicologia social", que estuda o "homem" dentro de "todas" as condições que determinam ou modificam os seus processos de pensar.

A vida intelectual do Brasil merece um estudo dentro deste critério. Seria interessante fazer-se uma psicologia da cultura brasileira, na análise dos processos da sua vida mental. Esta nos surgiria ainda eivada de defeitos, próprios das culturas ainda na infância. Apenas rapidamente abordo o tema, no momento, desvendando algumas causas psico-sociais destes defeitos, muitas delas já apontadas, aqui e ali, por vários estudiosos e ensaístas, mas ainda não analisadas detidamente nas suas determinações sutis. Muitas destas causas são predominantemente psicológicas, outras mais especialmente sociais, varias de índole propriamente econômica, histórica, etnográfica, mas todas, em suma, de natureza psico-social. Examinemos rapidamente alguns destes aspectos.

I — O culto da palavra — É uma sobrevivência da mentalidade primitiva (no sentido cultural, bem visto). No primitivo, o pensamento está ligado intimamente aos símbolos concretos. A palavra é um grande condensador de símbolos. É por isto vem carregada de elementos emocionais e motores. O primitivo fala mais por gestos. A sua mimica é exuberante. Já mostrei em mais de um trabalho, a tendência do brasileiro a esta dispersão verbal, a este culto intensivo da palavra.

A nossa história está cheia de discursos empolados, eloquentes, cheios de palavras sonoras, que adquirem valor essencialmente emotivo. A idéia é sacrificada sempre à forma. "Peço a palavra!" é um símbolo da nossa vida de pensamento. O parlamento brasileiro sempre foi um viveiro de portentosa verbiagem. As nossas figuras mais representativas sempre foram o deputado patativa, o demagogista da rua, o orador dos salões ("neste momento solene..."), o orador do subúrbio, o discursador de entérrons...

Na palavra escrita, é a mesma coisa. A fórmula verbal é sagrada. Acredita-se naquilo que está no papel. A nossa burocracia é um imenso papelório. Um decreto ministerial uma vez publicado, é confundido com o fato realizado. Há uma confluência do pensamento imaginativo e realístico, pelo poder mágico concedido às fórmulas verbais.

Os nossos maiores problemas são resolvidos por decreto. Otávio Tarquino comentava comigo, há dias, o fenômeno incrívelmente brasileiro, dos exames por decreto, numa lei famosa que anunciou venda de cultura a retalho...

2 — O culto do doutor e a caça ao diploma — É um velho defeito da cultura brasileira. As nossas escolas superiores até agora só têm "fabricado" doutores. Isto é: profissionais, munidos de diploma e anel. "Sabe com quem está falando?", é outro "slogan" brasileiro. Todo o mundo é doutor, mesmo os que não o são e ocupam um lugar de proeminência no cenário nacional. O objetivo dos estudos superiores, nestas condições, não é a aquisição de uma cultura "superior", mas a caça ao diploma, seja por que meio for. Sobrevivências do amor primitivo aos enfeites, aos adornos, símbolos de poder e de dominação.

3 — Primarismo, auto-didatismo,

(Continua na pag. 8)

(Continuação da pag. 7)

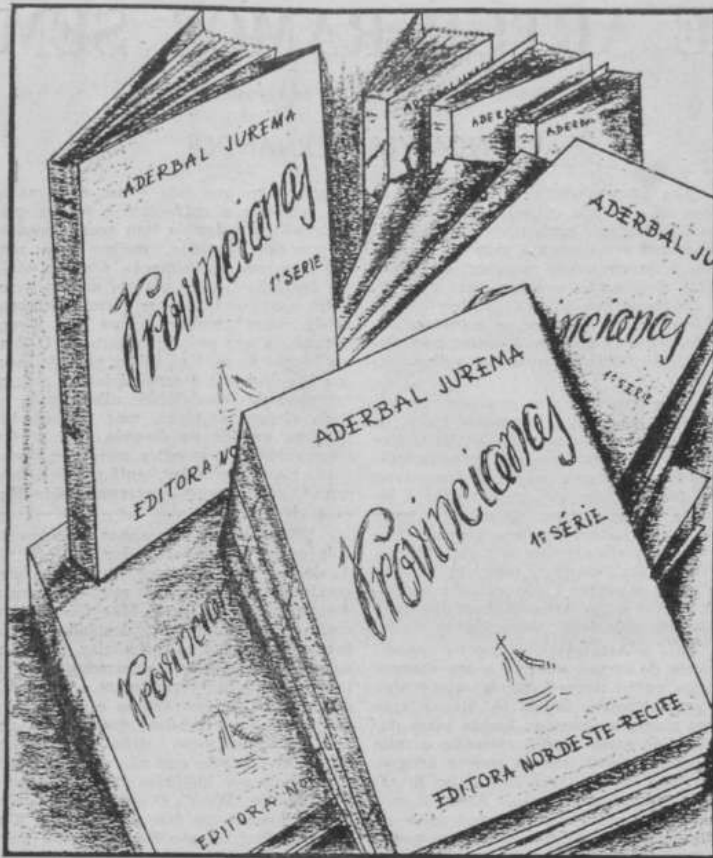
narcisismo... — Estão ligados intimamente. Na falta de uma orientação, realmente eficaz, do nosso ensino superior, o indivíduo "privilegiado" em inteligência, ou que se julga tal, tem que despendir um esforço para a aquisição de cultura. Torna-se auto-didata, aos tropeços, às carreiras, lendo tudo, devorando tudo, com sofreguidão, sem o menor trabalho seletor. Pode atingir, então, nestas condições, a posições brilhantes. E aí julga-se único, dentro do seu domínio. O auto-didatismo reforça, no Brasil, aquela percentagem de narcisismo, que é quasi generalizada entre nós. Os auto-didatas, privilegiados que conquistaram um lugar ao sol na vida intelectual brasileira, julgam-se seres inatacáveis. "Allmacht der Gedanken". Na esfera científica e literária, tornam-se aqueles "donos de assunto", a que se referiu certa vez Dante Costa, ou os "latifundiários" de que falou Peregrino Júnior, em crônica brilhante. Os "donos de assunto" pululam no Brasil. E mesmo quando o indivíduo não tem vocação para senhor feudal e dono de latifúndios, as más linguas o perseguem e ele não tem como fugir ao seu destino.

Na esfera administrativa, o narcisismo é responsável por toda esta descontinuidade administrativa em que temos vivido. É verdade que não pode haver ainda uma separação a assegurar a continuidade desta última. Mas, além desta causa, há outra, dominante, do administrador narcisico, que nega a obra do seu predecessor. E daí o querer destruir tal reforma anterior e "criar" uma nova. O pensamento imaginativo e narcisico é "criador", mas um criador todo-poderoso que quer fazer surgir um mundo do nada. O administrador narcisico faz "tabula rasa" de tudo o que o precedeu, de tudo o que "não é ele". Consequência: pode ser muito interessante o que ele faz do ponto de vista individual, mas sem continuação, sem ligação com as reais necessidades da comunidade. Esta é a história psicológica das nossas reformas sucessivas e das soluções de continuidade da nossa vida cultural.

4 — Culto das coisas concretas — Entre nós, ainda é ciência apenas aquilo que se vê, as coisas tidas como positivas ou reais. Ainda uma modalidade do pensamento primitivo que pensa em imagens visuais. "Sábios", entre nós, são doutores de medicina ou naturalistas. Psicólogos e sociólogos... só para os cartomantes. Nunca houve, no Brasil, cursos regulares de psicologia de sociologia, etc. Recentemente, foram mesmo eliminados de vários currículos. Quando vem ao Brasil, um especialista em vias urinárias ou sífilis, é recebido com festas, recepção de desembarque, banquetes, discursos na Academia, etc. Pois bem: um Kohler passou pelo Brasil, há anos, completamente ignorado; apenas meia dúzia de iniciados lhe prestaram alguma atenção em S. Paulo. Eu mesmo presenciei, no ano passado, a passagem pelo Rio, do grande sociólogo Park e nenhuma notícia nos jornais, nenhuma comissão de festas, nenhuma homenagem, a não ser uma palestra que ele realizou para um grupo que o conhecia. Os exemplos podem ser multiplicar.

5 — Totens estrangeiros — Sempre temos vivido, em nossa pobre vida cultural, das novidades "de fóra". Temos o culto da "última moda" em ciência ou literatura. Já discuti, por mais de uma vez, esta questão de se debater assunto de ciência em termos de moda ou novidade. É comum, nas polémicas brasileiras, coisas como estas: "mas F. (um professor estrangeiro) não diz assim"; "isto não está mais em moda, já passou..." Eu tive um aluno de psicologia social, que me interrompia frequentemente em aula, não para discutir calmamente qualquer ponto controverso, mas para exclamar: "mas, professor, isto não está no livro de F. de tal" (e exhibia a página de grosso volume que sempre trazia consigo).

Nos círculos médicos, quem não fez uma "viagem à Europa" não merece consideração, nem dos colegas nem dos clientes. O cidadão vai a Paris, frequenta cabarets de Montmartre e, de retorno, anuncia convencido nos jornais, que "de volta de sua viagem de estudos, etc., etc..." Em menino, lembro-me na minha terra de um médico conhecido por suas viagens à Alemanha, e pela simpatia monoideica que votava à cultura saxônica, e que só anunciava assim: "Dr. med. Oskar de Karvalho, com estudos na Europa" (podem acreditar, que é verdade: os meus confrades não se lembram disto?).



Pedidos por reembolso postal para "Nordeste" rua Real da Torre, 701 — Recife. Exemplar: Cr\$ 30,00

Algumas opiniões sobre "Provincianas"

«E outras atividades poderiam ser lembradas, salientando a ação com que o sr. Aderbal Jurema vem sendo um elemento impulsor e dinâmico, a destacar-se entre os escritores que vivem nesta província pernambucana.

A tudo isso vem acrescentar-se a contribuição de seus artigos de crítica, ajudando as nossas letras a tomar de si mesmas uma consciência cada vez mais clara e mais ilustrativa, função essencial em toda crítica digna desse nome» LUIZ DELGADO (JORNAL DO COMMERCI, 19-1-1950).

«Aderbal Jurema enfeixa, em «Provincianas», seus artigos de crítica, alguns dos quais são legítimos ensaios, cheios de penetração, revelando um autêntico exegeta do fenômeno literário da Província». NILO PEREIRA (Folha da Manhã, 5-1-1950).

«Surge, assim, o Provincianas, como u'a mensagem de conagração da família literária, sobretudo a nordestina, onde se faz sentir a força que a província poderia ter se todos agissem como o autor, convicto sempre das possibilidades palpantes sob o nosso céu e sobre o nosso solo». SILVINO LOPES (Folha da Manhã, 7-2-1950).

«Depois da nota do sr. Luiz Delgado que também é um autêntico crítico e homem da província — ordinariamente tão econômico em luvores como parco em derramamentos — as Provincianas ficaram senão consagradas, pelo menos julgadas com muita autoridade». JORDÃO EMBRENCIANO (Diário de Pernambuco, 26-2-1950).

«Através de Provincianas, Aderbal Jurema não é o observador erudito, mas participante entusiasta, quasi lírico (CARLOS MOREIRA (JORNAL DO COMMERCI, 15-1-1950).

«... É na crítica que Aderbal Jurema melhor afirma as suas qualidades e a sua vocação». (MAURO MOTA — «Diário de Pernambuco», 22-1-1950).

«Aderbal Jurema, neste último livro que acaba de publicar em plaquete de bellissima feição artística, na qual se revela a influência da sua apurada sensibilidade estética, oferece-nos uma boa amostra da excelente vocação de crítico que nele se manifesta e que ele tem sabido aprimorar e completar com a ajuda da inteligência, da cultura e do temperamento emotivo de que é possuidor». WALDEMAR VALENTE (JORNAL DO COMMERCI, 26-1-1953).

«Não se improvisam críticos literários. E um mal ainda na nossa literatura, a coisa de encomenda. O sr. Jurema, porém, tem qualidades naturais que fazem dele um crítico autêntico, preciso e oportuno». CLÓDOR LEITE (JORNAL DO COMMERCI, 22-1-1950).

«O livro do sr. Aderbal Jurema apresenta outro aspecto de grande interesse, para qualquer um que se sinta, por um ou outro motivo envolvido na vida intelectual dos pequenos centros — demonstra que é possível realizar, em qualquer parte, uma obra literária cheia da dignidade e do sentido universal que deve possuir toda obra de arte». LAURÊNIO LIMA (Diário de Pernambuco, 26-1-1950).



A crença na "última novidade" tem até desviado alguns espíritos aproveitáveis. Conhecido rapaz, que as rodas boêmias estão prejudicando, tem a mania de ser o divulgador de toda doutrina nova que aparece, no Brasil. "Fui eu quem divulgou Keyserling", "fui eu quem divulguei, no Brasil, o método histórico-cultural!", "fui eu, etc.". De outro jovem eu sei que queimou todos os livros de Lévy-Bruhl, porque leu uma porção de autores, histórico-culturalistas, que "meteram o pau" nas teorias do homem... O culto da última novidade" é ainda uma sobrevivência pré-lógica: o que vem por último é o verdadeiro.

6 — "Indoctrination" — Muitos se-

há necessidade de nos determos nesta discussão.

O que quero destacar é que, no Brasil, houve ensaios da aplicação, entre nós, destas doutrinas (vide item anterior). Assistimos assombrados como já se ia delineando, no Brasil, uma falsa política anti-semitica, com todas as consequências culturais desta monstruosidade científica e humana. Infelizmente, no plano puramente intelectual, perduram certos sintomas de — "Indoctrination".

Em certos círculos, e ensino científico é conduzido em união estreita com o dogma religioso, prejudicando a objetividade com que devem ser orientados os métodos de pesquisas científicas. E não se venha dizer que a igreja católica, por exemplo, ordena tal coisa. Mesmo nas universidades católicas, da Europa e da América, há uma rigorosa separação entre os métodos da pesquisa científica e o ensino religioso, dentro daquela velha fórmula do sábio católico Grasset quando dizia que o oratório e o laboratório não devem se interpenetrar.

Nas universidades norte-americanas, há mesmo cursos, divisões, departamentos de religião, em setores estanques dos demais cursos universitários. A Universidade da Califórnia do Sul mantém uma Escola de Religião, que confere o grau de "Master of Theology" (M. Th.). A Yale inclui uma "Divinity School", que confere o grau de "Bachelor of Divinity" (B. D.). Outras universidades conferem graus de "Doctor of Divinity" (D.D.) e mantêm cursos superiores de teologia. A Universidade de Chicago inclui um Departamento do Novo Testamento e de Literatura cristã. E assim por diante. Em nenhuma destas universidades existe, porém, a confluência do ensino religioso e do ensino científico. Em outras palavras: já não se discute ali o cerebrino conflito entre religião e ciência. São domínios separados. Não há, em suma, "indoctrination".

Não temos ainda no Brasil, universidades dignas deste nome. Possuímos algumas excelentes escolas superiores, que diplomam profissionais em medicina, direito, engenharia, belas-artes, educação... Mas não temos "espírito universitário", justamente porque nos falta aquele espírito de pesquisa, de objetividade, de imparcialidade de julgamento, etc., que um grupo de abnegados quis um dia introduzir no Brasil.

A nossa "soi-disant" cultura superior se ressentia daqueles defeitos, que passei ligeiramente em revista. E de muitos outros que só um exame mais detido poderia elucidar. Há, além disso, outros fatores ligados à própria vida mental brasileira, no seu sentido geral. A existência de substratos afetivos, emocionais, na nossa vida coletiva. A influência do pensamento mágico que já analisei nas páginas do "O Negro Brasileiro". Não vamos responsabilizar por isto, este ou aquele grupo étnico que contribuiu à nossa formação. Estes defeitos são uma consequência de atraso cultural ou de desajustamento socio-cultural advindos do trabalho da aculturação ainda não completo.

É possível que muitos destes defeitos sejam aparentes. É possível também que muitos deles se convertam em qualidades. Acredito, mesmo, que alguns processos de pensar, de origem negro-africana e ameríndia, dêem à civilização do Novo Mundo uma modalidade característica. Elementos prelogicos, que incorporando-se ao pensamento aristotélico da cultura ocidental, assinalem uma nova modalidade de pensar. Um pensamento móvel, dinâmico, sem relação causais rígidas, às vezes extra-lógico e afetivo. O mundo está passando por uma revisão violenta de valores. Não sabemos se continuaremos a pensar à europeia, ou se nos encaminhamos para um processo "galileico" do pensamento. A reação já começou na arte e na vida quotidiana, popular. Manter-se-á a vida científica afastada destes processos? É uma interrogação angustiosa. E esta discussão nos levaria muito longe dos propósitos deste artigo.

O que devemos assinalar é que os defeitos apontados da vida cultural brasileira, não são categorias irreduzíveis. Eles definem mesmo a nossa "cultura", como entidade antro-po-social. São defeitos históricos, deslocáveis, e mutáveis com as variações da própria "ethos" brasileira. Alguns deles podem e devem ser corrigidos. Outros são inerentes à nossa vida mental, expressões características de uma civilização em início.



TEATRO



BALANÇO DE 1949

HERMILO BORBA FILHO

O ano de mil novecentos e quarenta e nove foi, não há dúvida, o ano mais proveitoso para o teatro no Recife, cheio de bons espetáculos e de ótimas iniciativas, a maioria delas relacionada aos amadores locais que agitam o meio teatral da cidade tanto quanto se podia agitar. Se disser que o nosso movimento foi muito mais eficiente do que o da capital do País não estou dizendo nenhum exagero. Os originais aqui encenados são de qualquer parte do mundo e o espírito artístico que presidiu as montagens foi sempre o mais honesto e o mais esclarecido, tendo-se em vista as opiniões dos críticos e dos intelectuais estranhos à terra que nos visitaram. Não direi outro exagero se afirmar que o teatro no Recife durante o ano que passou suplantou as outras atividades literárias — ficção, crítica, poesia — pela sua qualidade cultural. Grandes autores aqui foram apresentados, desde o clássico Sófocles ao moderno Thornton Wilder. Todas essas encenações provocaram uma onda de artigos, de conferências, de palestras, de discussões para maior vantagem do público, já agora um dos mais esclarecidos de todo o Brasil. Outro teatro foi inaugurado; o do Derby. Técnicos de fora aqui fizeram temporadas: Ziembinski e Eros Gonçalves. Recebemos uma visita ilustre: a do Diretor do Teatro Nacional do Teatro. Dois cursos de teatro foram ministrados; o de Ziembinski e o meu. Mais outro teatro, este de feição popular, foi aberto aos espectadores: o de Emergência, dirigido pelo ator Barreto Júnior, construído graças à iniciativa de Ademar Costa Carvalho. Surgiu um Teatro de Revista: o de Mayerbeer Carvalho. Uma atriz de grandes qualidades aqui fez uma temporada: Henriette Morineau. A Secretaria de Educação sacudiu a poeira do seu Teatro Escolar, infelizmente não podendo avançar por falta de verba, ficando, porém, de pé, o seu Concurso de Peças. Melhoras dias não de surgir para o Teatro Escolar. O Estado e a Prefeitura subvencionaram conjuntos locais. Uma onda de teatro atravessou o Recife durante todo mil novecentos e quarenta e nove.

Aqui vai uma resenha, rápida embora, do intenso movimento no ano passado:

1 — O Teatro do Estudante de Pernambuco põe em ensaios a tragédia de Shakespeare, "Othelo", logo depois substituída por "Edipo-Rei", de Sófocles.

2 — Ausenta-se para o Rio de Janeiro, onde vai continuar o curso de Direito, o pintor Aloísio Magalhães, cenógrafo do Teatro do Estudante de Pernambuco.

3 — Ocupa o Teatro Santa Isabel uma Companhia de Operetas dirigida pelo tenor Pedro Celestino.

4 — Estréia no Rio a peça de José de Moraes Pinho "Filhos de santo", pelo Teatro Experimental do Negro. José de Moraes Pinho é um dos fortes elementos do Teatro do Estudante de Pernambuco.

5 — Barreto Júnior inicia a campanha pela construção do Teatro de Emergência Almare, contando desde logo com a ajuda financeira do capitalista Ademar Costa Carvalho.

6 — Genivaldo Wanderley recomeça a ensaiar o Teatro do SESI, incluindo no seu repertório "Heróis", de Bernard Shaw.

7 — Joel Pontes, diretor do Rádio-Teatro do Rádio Jornal do Commercio termina o primeiro ato de sua peça intitulada "A porteira".

8 — Elpidio Câmara reprisa, no Santa Isabel, a peça de Joracy Camargo "Deus lhe pague".

9 — O sr. Hermógenes Viana abandona a direção do Teatro dos Bancários.

10 — Joel Pontes e Norma de Andrade convidam este cronista para fundar um grupo profissional de caráter "sério", intitulado Teatro dos Três". Começam os ensaios de "Ana Christie", de O'Neill, logo depois cancelada definitivamente por motivos superiores.

11 — Chega a atriz Henriette Morineau e começa a representar no Santa Isabel: Frenesi, Pecado Original. Uma rua chamada pecado, A governanta, Elizabeth de Inglaterra e O casaco encantado. Bom rendimento artístico e financeiro.

12 — Mesa redonda de teatro, no Rádio Jornal do Commercio, com o comparecimento de Morineau, Ziembinski, Valdemar de Oliveira, Elpidio Câmara, Milton Persivo, Eros Gonçalves, Flora Mackman, Isaac Gondim, este cronista e outras pessoas, sob a direção de Joel de Pontes, que presidiu as discussões.

13 — O Teatro do Estudante de Pernambuco toma a deliberação de cobrar entrada para os seus espetáculos e anuncia a sua próxima peça: "Edipo-Rei", de Sófocles.

14 — O Atlético Clube de Amadores lança a comédia de Aristóteles Soares, "A carta", na barraca de espetáculos do Teatro do Estudante de Pernambuco.

15 — Chega o ensaiador polonês Ziebnegw Ziembinski, contratado pelo Teatro de Amadores de Pernambuco, para dirigir a temporada de 1949 daquele conjunto.

16 — O jornalista Andrade Lima Filho, à frente do Serviço Social Contra o Mocambo, entrega a direção do Teatro Operário ao ator Elpidio Câmara.

17 — Iniciam-se na Diretoria de Documentação e Cultura as conferências preparatórias sobre "Edipo-Rei", de Sófocles, a cargo deste cronista, de Gastão de Holanda e do pintor Eros Gonçalves.

18 — Promovo, na Diretoria de Documenta-



Cena da peça de Priestley, "A esquina perigosa", um dos maiores êxitos do Teatro de Amadores de Pernambuco durante a temporada de Ziembinski. Da esquerda para a direita: Ademar Oliveira, Bebê Salazar, Diná de Oliveira, José Maria Marques, Carminha Carvalho e Otávio da Rosa Borges

ção e Cultura, um rápido Curso de História do Teatro, completo em quatro conferências.

19 — Falece, fora do Estado, o ator Osvaldo Barreto, que iniciou a sua carreira teatral aqui no Recife, integrando o elenco do antigo "Grupo Gente Nossa".

20 — Gastão de Holanda e Ariano Suassuna anunciam o término das suas peças: "A casa de todos" e "Os homens de barro", respectivamente.

21 — O Teatro de Amadores de Pernambuco, desta vez sob a direção de Ziembinski, estréia a peça de Thornton Wilder, "Nossa cidade".

22 — A Câmara dos Deputados aprova o projeto do deputado Santa Cruz Valadares subvencionando o Teatro do Estudante de Pernambuco com a importância de vinte mil cruzeiros.

23 O Teatro do Estudante de Pernambuco lança a tragédia de Sófocles, "Edipo-Rei", no Teatro Santa Isabel, com cenário, máscaras e figurinos de Eros Gonçalves.

24 — Inaugura-se no Sindicato dos Empregados no Comércio a Exposição de fotografias sobre a vida e a obra de Shakespeare, cedidas pelo Conselho Britânico e sobre o patrocínio da Diretoria de Documentação e Cultura e do Teatro do Estudante de Pernambuco.

25 — O Teatro de Amadores de Pernambuco dá o seu segundo espetáculo do ano com a peça de Bernard Shaw, "Pais e filhos", ainda sob a direção de Ziembinski.

26 — A Secretaria de Educação e Cultura lança as bases de um Concurso de Peças para a formação do repertório do Teatro Escolar e lá mesmo, a convite de Silvio Rabelo, inicia um Curso de Teatro para as professoras que integram o Serviço.

27 — Ziembinski começa, na Faculdade de Direito, as aulas do seu Curso Prático e Teórico de Teatro.

28 — O Teatro dos Bancários, agora sob a direção de Alderico Costa, apresenta "A Indesejável", de Raimundo Magalhães Júnior.

29 — O Teatro Experimental do Recife, sob a direção de Isaac Gondim Filho, lança a peça de Mário Brasin, "Tempestade".

30 — O dramaturgo francês Albert Camus visita esta cidade e a convite do Adido Cultural Francês nesta cidade, sr. Lucien Ponsel, saudou-o na Faculdade de Direito do Recife.

31 — O Teatro Universitário, dirigido por Ziembinski, reaparece com "Além do horizonte", de Eugene O'Neill.

32 — Regressa ao Recife o pintor Aloísio Magalhães, cenógrafo do Teatro do Estudante de Pernambuco.

33 — O Teatro do Estudante de Pernambuco funda a sua Editora, prometendo o lançamento do livro de versos de José Laurêncio de Melo, intitulado "Palhano".

34 — O Teatro de Amadores de Pernambuco na temporada-Ziembinski, dá a sua terceira peça: "Esquina perigosa", de Priestley.

35 — Visita o Recife o sr. Thiers Martins Moreira, Diretor do Serviço Nacional do Teatro, assistindo espetáculos dos três principais grupos da cidade: Teatro do Estudante, Teatro de Amadores e Teatro Universitário.

36 — Inaugura-se o Teatro de Emergência Almare, que obedece à direção do ator Barreto Júnior.

37 — Inaugura-se o Teatro do Derby, com a peça de Sherriff, "Fim de jornada", encenada pelo Teatro Universitário, sob a direção de Ziembinski.

38 — O Teatro do Estudante de Pernambuco lança a peça de Henrik Ibsen, "Quando despertamos de entre os mortos", no Teatro do Derby.

39 — O Teatro de Amadores e o Teatro Universitário prestam uma homenagem a Ziembinski, que se despede de nossa cidade, com um espetáculo constante de três peças em 1 ato: "Macedônio", de Alvares de Azevedo; "Em viagem", de Henriette Charrasson; e "Capricho", de Musset.

40 — Regressa dos Estados- Unidos o "conselheiro" do Teatro do Estudante de Pernambuco: Fernando da Rocha Cavalcanti.

Como se vê, grande foi o movimento teatral no Recife durante o ano passado e somente assim em forma de lembretes pode-se dizer tudo o quanto aconteceu.



Genivaldo Wanderley (Rubek) e Ana Canen (Irene), numa cena do 2.º ato da peça de Henrik Ibsen, "Quando despertamos de entre os mortos", apresentada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, sob a direção de Hermilo Borba Filho, com cenário e figurinos de Aloísio Magalhães

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
LITERATURA — LIVROS ESCOLARES, TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

Livraria da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43 — TELEFONE 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

PERNAMBUCO

POEMA DE
MATHEOS DE LIMA

A CALANTO

VERSÃO DE
Marie Antoniette Ducasse

Le froid de la cime,
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

— BERCE TA SOEURETTE, NENA,
BERCE TA SOEURETTE, BERCE-LA.

C'EST MAUAN QUI TE COUCHA,
LE GRILLON DE LA CHAMBRETTE
BIEN DES FOIS SE REVEILLA,
LE LAMPION, AVEC LES MOUCHETTES
BIEN DES FOIS SE NETTOYA.

— BERCE TA SOEURETTE, NENA,
BERCE L'ENFANTELETTE, BERCE-LA.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

— JE REGARDE LA CIME,
TU TIRES LA NAVETTE,
GAGNANT DE L'ARGENT
DE TON RICHE SEIGNEUR!

— TU REGARDES LA CIME,
JE TIRE LA NAVETTE,
GAGNANT DE L'ARGENT
POUR MANGER MA GALETTE.

Le froid de la cime
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

LE POIGNET DE NENA,
A LA POIGNÉE DU HAMAC,
LA POIGNÉE DU HAMAC,
AU POIGNET DE NENA.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

LA POIGNEE DU HAMAC GRINÇAIT,
LE POIGNET DE NENA GÉMISSAIT,
UNE VOIX RAUQUE DISAIT:
— "BERCE L'ENFANTELETTE, NENA,
BERCE L'ENFANTELETTE, BERCE-LA",
BERCE L'ENFANTELETTE

QUE JE M'EN VAIS PAR LÀ!

UNE VOIX FLUETTE DISAIT:
— "BERCE TA SOEURETTE, NENA,
BERCE TA SOEURETTE, BERCE-LA",
C'EST MAMAN QUI L'ORDONNA.

Le froid de la cime
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

LA LUMIERE DU JOUR
AUX YEUX DE NENA,
SEULETTE,
PAR TROIS FOIS DECLINA.

ET NENA-QUI-BERCE
AUX YEUX DU JOUR, DE LA NUIT,
SEULETTE,
TROIS FOIS ÉVANOUIE TOMBA.

Le froid de la cime
la Cime-du-froid,
le froid sur la cime,
la cime dans le froid.

— Scie. Scie. Scieur-de-long.

TROIS JOURS ET TROIS NUITS
NENA S'ÉPUISA.
BERÇANT SA SOEURETTE
NENA SE CONSUMA.

LE GRILLON DE LA CHAMBRETTE
PAR TROIS FOIS SE TUA.
DU LAMPION, LA FLAMMETTE
PAR TROIS FOIS S'ACHEVA...

MAIS LE HAMAC, DANS LA CHAMBRETTE,
A CHANTER CONTINUA!



Primavera — desenho de LADMANE

Proteja e assegure o futuro de seus filhos

Quaisquer que venham a ser as suas possibilidades de êxito no futuro, uma situação financeira sólida, ao abrigo de imprevistos, é sempre uma garantia de tranquilidade. Os pais previdentes, a par do esforço de cada dia para a educação dos seus filhinhos e de suas filhitas, asseguram-lhes o futuro, a fim de que possam aproveitar em cheio os benefícios recebidos na mocidade. Há um meio para, sem sacrifícios, assegurar o futuro dos filhos: institua, em nome deles, um pequeno depósito popular na Caixa Econômica Federal de Pernambuco e vá aumentando êsse depósito por meio de pequenas contribuições mensais.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

MATRIZ: — RECIFE

Agências: — Santo Antônio, Encruzilhada, Largo da Paz — Filiais: — Limoeiro, Nazaré, Caruarú.

Artes Plásticas

CONVERSA COM HÉLIO FEIJÓ

Reportagem de PERMINIO ASFORA

ANTIGAMENTE era fácil ter notícias da Sociedade de Arte Moderna. Bastava a gente subir duas escadinhas de um prédio novo da Rua da Imperatriz, meter a mão numa janelinha e arrastar o ferro. Pelo corredor do pavimento quase deserto, lá vinha o pintor Hélio Feijó, que nos levava a duas salas bastante desarrumadas, que constituam, ao mesmo tempo, atelier dele e a sede da Sociedade. Um grupo de rapazes e moças frequentava as salas, discutindo sobre estética ou a propósito da próxima reunião, enquanto, às vezes, um jovem concentrado no seu trabalho dava os últimos retoques num quadro.

Agora depois de despejado, Hélio é um homem raro, a S. A. M. só se reúne quando arranja uma sala emprestada. Durante dois dias procurei-o para esta entrevista, indo encontrá-lo, fechando rápido a curva de uma esquina.

— Para onde vai essa velocidade?

— Para canto nenhum — respondeu com voz calma.

É impossível escrever uma reportagem sobre artes plásticas em Pernambuco sem traçar primeiro algumas passagens da vida de Hélio Feijó — tão ligado se acha ele ao movimento dos artistas plásticos do Recife nestes últimos quinze anos. Esse homem de 36 anos, que na vida comum é um sujeito sem rumo, sem ponto certo, sem emprego certo também, tem como artista, um itinerário delineado ao qual invariavelmente se entrega.

Como os demais pintores de projeção de Pernambuco, descende da aristocracia canavieira. Mas, enquanto Cícero Dias se apega hoje quase exclusivamente à cor (sobretudo no verde-cana que é a sua maior glória) e Lula Cardoso Ayres, filho do ex-proprietário da poderosa Usina Cucuá, mantém um atelier profissional para encomendas de cartazes, Hélio Feijó busca contêidos cada vez mais populares, procurando ainda desenvolver uma sociedade capaz de melhorar as condições artísticas e materiais dos pintores de sua terra. Talvez

essa diferença tenha sua explicação no fato de que ele apenas sobrinho do rico usineiro por quem foi criado...

ENCONTRO COM PORTINARI

Aí por volta de 1930 o jovem Hélio decidiu-se pela pintura. E o tio Mendo Sampaio foi ao encontro do seu desejo. Deu-lhe como professor um acadêmico. O gênio do rapaz não combinou e logo mais largou o mestre, passando então a fazer desenhos para a revista de

tre do modernismo no Brasil. Hélio Feijó tomou conhecimento da nova obra de Portinari através de um amigo que queria lhe demonstrar a loucura do artista. Sentiu-se atraído de tal modo pelo pintor paulista que quando Portinari fez uma exposição juntando àquelas quatro quadros outros pintados aqui no Brasil, ele quase se mudava para o salão.

Passava o dia todo contemplando os quadros. Portinari se admirou que do meio de tanta incompreensão brotasse aquele rapazola franzino para admirar

passo que quase sempre vinha tarde procedente de uma exposição ou de uma tertúlia entre artistas... Outra coisa que contrariava o velho tio era seu amor pelo cinema. O coronel Mendo Sampaio gostava de teatro, principalmente das comédias de Procópio. Tudo isto Hélio rememora, salientando a bondade do tio, a simpatia que ainda hoje nutre por ele.

VOLTA AO RECIFE

Em 1934 volta para o Recife e trata de organizar um grupo de artistas que se interessassem pela educação artística do povo. Por influência de leituras sobre assuntos sociais desligou-se da família, do ambiente burguês em que havia se criado e passou a viver com um grupo de artistas que aceitaram como verdade e idéia revolucionária de uma arte mais moderna. Diz ele que trocou os lençóis de linho e a mesa farta do tio pelas dormidas incômodas no macacão era o travaseiro e pelas refeições adiantadas, vez por outra para o dia seguinte. O atelier não dava nada. Quando dava alguma coisa faziam banquetes. O grupo se compunha de vários, mas a trínca indissolúvel era composta de Hélio, Augusto Rodrigues e Percy Lau. Foi Percy quem apareceu com um novo tipo de vinho que embriagava-os mais pelo título do que pelo álcool. O vinho chamava-se "Lieben Frau Milch". Mais ou menos isto. Os três que habitavam a mesma sala saíam a gritar pelo leite da mulher amada. Dessas bebedeiras surgiam naturalmente romances e num deles se emaranhou Hélio Feijó pela mocidade inteira. Depois veio Estado Novo, os amigos se foram. Hélio ficou tentando levar a diante o programa de lutar pela arte moderna no Recife.

NÃO GOSTA DE FAZER ENCOMENDA

Enquanto Hélio Feijó retira do fundo de uma pasta desorganizada alguns quadros vai me dizendo que nada do que fez merece ser publicado. O que lhe interessa é a vida da Sociedade de Arte Moderna. Perguntou-lhe porque não melhora sua condição financeira, fazendo retrato. (Tenho visto vários retratos feitos por ele; todos muito bons). Me responde que não faz encomenda.

Afirma-me que apesar de sua imensa admiração por Cândido Portinari, acha que ele não devia ter feito retratos. O ar de mistério que o pintor dá às mulheres da alta grafagem serve apenas para abrir os cofres dos maridos. Não quer porém acusar Portinari, lembrando que o dinheiro que ele ganhava com tais retratos tinha uma digna aplicação: servia para ele custear a grande e verdadeira pintura que vem realizando. Isto explica — segundo acrescenta — que um Kin Vidor, um Orson Welles tenham feito muito filme ruim, mas também tenham realizado "Turbilhão da Metrópole", "Cidadão Kane" etc. E acrescenta:

— Não acredito na pintura de encomenda como uma arte capaz de entusiasmar o artista. Geralmente a produção é deturpada pelo desejo consciente ou inconsciente de agradar o dono da encomenda. Isto em relação a uma mural ou retrato que me propuzesse a pintar. Um retrato é a substituição da arte. Prefiro viver como arquiteto. É uma profissão que tem uma tabela de honorários.

SALÕES DE ARTE MODERNA

Agora Hélio Feijó fala da



São Lucas — REINALDO FONSECA

Sociedade de Arte Moderna. A primeira vez que se expôs quadros, formando um salão de arte moderna no Recife, foi em 1933.

A exposição tinha o nome de Salão Independente e foi organizada por Hélio Feijó, Augusto Rodrigues e Percy Lau. Ao lado desse grupo depois fariam parte Luis Soares, Nestor Silva, Carlos de Holanda. O segundo salão foi levado a efeito três anos mais tarde e o terceiro em dezembro do ano passado.

Hélio Feijó fala com entusiasmo do próximo salão que será em dezembro, ao mesmo tempo porque reaviva o realizado em 48, quando foram expostas obras de Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro, Joaquim do Rego Monteiro, Lula Cardoso Ayres, Luis Soares (póstuma), Nestor Silva (póstuma), e de Hélio Feijó. Apresentaram ainda trabalhos de Reynaldo Fonseca, Augusto Reynaldo, Di Navarro, Aloysio Magalhães, Ladjane e Tilde Cantí. Esculturas de Abelardo da Hora e Waldemar das Chagas, dois artistas do povo de grandes méritos como escultores e pintores. Aliás, sobre Abelardo da

hora dizem os entendidos que com sua arte nasceu a escultura em Pernambuco. Nesse mesmo Salão de 48, apareceram trabalhos de arquitetura de Hélio Feijó, de Delson Lima, de Antônio Bezerra Baltar e Manuel Caetano. Fotografias de Delson Lima, Berzin e S. Ventura.

A Sociedade de Arte Moderna patrocinou também o seguinte: Conferência de Hélio Feijó, apresentando sua descoberta do sistema de auto-ventilação, exposição de Abelardo da Hora, exposição de cerâmica popular com bonecos de barro de Vitalino e figuras de mamelo de Cheirosa, exvotos e santos de madeira; exposição de Augusto Reynaldo e Reynaldo Fonseca; exposição de pintura de Tilde Cantí e do pintor cearense Barbosa Leite, atualmente nesta capital.

POLÍTICA E ARTE

Há poucos dias um jornal entrevistando Hélio Feijó perguntou-lhe sobre arte e política. Foi terminante em achar que uma coisa não deve se misturar com a outra. Mas salienta

(Continua na pag. 6)



O pintor HÉLIO FEIJÓ

Alvaro Moreira. Dali para co- com tanto entusiasmo. Um nhecer Portinari foi um salto. Viu primeiramente uns quadros ainda acadêmicos do notável pintor, os quais lhe pareceram bem feitos. Com esses quadros, de 1929, Portinari ganhara um prêmio de viagem a Europa. De volta trazia quatro quadros representando dois retratos e duas naturezas mortas, tudo sob a influência de Cézanne e Modigliani. Aliás, esses quadros constituam a bagagem do mes-

com tanto entusiasmo. Um nhecer Portinari foi um salto. Viu primeiramente uns quadros ainda acadêmicos do notável pintor, os quais lhe pareceram bem feitos. Com esses quadros, de 1929, Portinari ganhara um prêmio de viagem a Europa. De volta trazia quatro quadros representando dois retratos e duas naturezas mortas, tudo sob a influência de Cézanne e Modigliani. Aliás, esses quadros constituam a bagagem do mes-

A prova do novo discípulo (do primeiro) não tinha sido das melhores. Mas que se poderia esperar de um rapaz de 19 anos, bem nascido e perdido num turbilhão de mediocridade? Travou-se uma boa amizade entre os dois. Frequentava com a maior assiduidade o atelier de Portinari na Lapa. Jantava, muitas vezes, saindo de madrugada. Conheceu aí o poeta Manuel Bandeira, Pongetti, Hugo Adami e Waldemar Costa.

Por esse tempo expôs um quadro no Salão Nacional de Belas Artes, o chamado salão revolucionário, organizado por Lúcio Costa.

O velho tio deu para ter mais cuidado com o sobrinho. Zeizou pela educação do rapaz e prendia quando o via chegar muito tarde. Acreditava que sua descrença na moral que dominava, achando que ela se baseava na aparência pois para manter a tranquilidade da família bastava chegar cedo. As vezes chegava cedo e já tinha estado num cabaré, ao



Escultura de ABELARDO DA HORA



Óleo de AUGUSTO REINALDO

(Continuação da 1a. pag.)

Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pés de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimborá vou mimborá
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...
Vou depressa
Vou correndo
Vou na tôda
Que só leve
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente..."



A Balana — FORTINARI (Coleção Van-Gago)

do Nordeste", agora divulgada na Coleção Documentos Brasileiros. Trata-se, realmente, de valioso trabalho de pesquisa, baseado sobretudo nos relatórios da empresa, e que reúne subsídios para o estudo da formação e desenvolvimento do sistema ferroviário do Nordeste. É pena que o plano adotado, talvez excessivamente restrito, não alcance outras áreas de interesse, dentro de um critério sociológico mais exigente. Não teve o autor a preocupação de manter alerta o espírito de historiador social, embora lhe sobrassem credenciais para isto; daí os pecados de omissão — alguns bem graves — que o Sr. Gilberto Freyre já andou apontando no seu estudo, em parte explicáveis pela natureza da incumbência, a exigir o sacrifício de aspectos menos formais, apesar de mais sugestivos, do tema tratado.

Embora quase todos esses pecados de omissão hajam sido assinalados pelo autor de "Inglês no Brasil", com aquela sua admirável acuidade e perspicácia na valorização dos fatos miúdos, ou só aparentemente insignificantes, muito ainda haveria que notar, à margem do estudo — nem por isso desinteressante ou menos significativo — do Sr. Estêvão Pinto.

É de lamentar, realmente, que não hajam sido examinados como convinha os atritos entre o novo sistema de transporte, ou a mentalidade que, através dele, se ia implantando, e os remanescentes do nosso feudalismo rural, já desbancado do antigo poderio, mas ainda tão viciado nos privilégios de sua formação patriarcal e escravocrata. A ação democratizante da estrada de ferro ter-se-á manifestado sob várias formas, à medida que o trem substitua a liteira, o carro de boi, o cavalo, como o meio de transporte comum, na região. Nem sempre, todavia, as linhas rígidas dos regulamentos haveriam de acomodar-se aos interesses, gostos ou exigências dos senhores de terra, de engenhos ou usinas, ciosos de sua liberdade de ação, pouco afeitos a serem contrariados ou desobedecidos. Exemplo típico é o do usuário importante que, ainda no primeiro quartel do século, teimava em viajar nos carros empoeirados da Great Western como um grão-senhor, ocupando cadeiras e mais cadeiras com a sua vasta bagagem pessoal; outros passageiros — não importantes — que sofressem o desconforto de viajar de pé. Aliás, não foram poucos os choques, ainda, quando a empresa, mais atenta à letra do regulamento, se dispôs a impedir o transporte gratuito das malas de viagem que ultrapassassem determinadas dimensões.

Outro fato a assinalar: a reação dos senhores de terra mais poderosos à exigência da empresa, no sentido de que as cercas de suas propriedades — fazendas ou engenhos — se mantivessem a determinada distância da linha férrea. A ameaça de derrubada das cercas, por algum empregado da velha companhia, capaz de levar até à imprudência a mística dos regulamentos, não faltou senhor de engenho mais desabusado pronto a retrucar que, uma vez concretizada a ameaça, para bater as novas estacas no mesmo local — nem um centímetro para trás — seria utilizada cabeça de gente: cabeça loura, de inglês da Great Western, decerto; se não mesmo de brasileiro, funcionário importante da companhia, engenheiro talvez.

Desentendimentos entre a Great West-

tern e donos de terra registaram-se, também, em certos casos, por motivo do fornecimento de água para abastecer as locomotivas; água que — como lembra o Sr. Gilberto Freyre, citando o engenheiro Hastig Charles Dent — era muitas vezes cedida, generosamente, pela empresa, em benefício das populações, em certas localidades da margem da via férrea, sujeitas a secas prolongadas. "Cenas semelhantes a essas" — admite o ilustre mestre — "devem ter-se verificado com trens da Great Western, em suas paradas pelos sítios mais áridos do Nordeste". Verificaram-se, com efeito; inclusive em Pernambuco, onde até mesmo em São João de Garanhuns eram comuns espetáculos como o que viu Mr. Dent, perto de Carandá.

O espetáculo das tarifas ferroviárias — quase omitido no ensaio do Sr. Estêvão Pinto — apresenta aspectos marcantes do conflito entre a companhia e as classes rurais da região cortada pelos seus trilhos. Não sei se seria temerário identificar no mais sério movimento de resistência contra a elevação, julgada excessiva, dos fretes da empresa, sobretudo para o transporte de cana de açúcar, o ponto culminante do que talvez pudéssemos chamar o ciclo de arrogância dos senhores de terra: a greve contra a Great Western, em 1923. Nesse movimento, cujas proporções não foram as de uma simples greve, teremos assistido às últimas sobrevivências do espírito de rebeldia do senhor de engenho, caldeado nas lutas liberais do século precedente. Homens a quem o senso da ordem não poderia faltar, transformaram-se, de repente, em revolucionários desabusados, verdadeiros diabos soltos, com artes de Macabeba: depredando estações, arrancando trilhos, cortando fios, jogando peças das agulhas da linha férrea nas águas do Una ou do Pirangi. A reação do Estado, em defesa de um patrimônio que era menos da Great Western do que daqueles mesmos que o sacrificavam, logo se traduziu em termos de desenfreada violência policial; e talvez se tenha apagado de vez, após aquele último brilho efêmero, a chama de independência que iluminou, nos séculos XVI, XVII e XVIII, tantos setores de nossa organização social, dando aos senhores rurais prerrogativas de verdadeiras autoridades públicas, cujo prestígio e força muitas vezes se contrapunham aos do próprio Estado. Como nos lembra o Sr. Júlio Bello, nas suas "Memórias de um senhor de engenho", "polícia e justiça dentro de suas terras eram êles". Não, porém, na greve de 23; nem depois dela.

Mas, se alguns dos pecados de omissão do Sr. Estêvão Pinto parecem aproveitar à companhia britânica — tantas vezes mais combatida do que louvada pelos órgãos da opinião nordestina — como a falta de referências pormenorizadas à participação no desflorestamento das regiões cortadas pelos seus trilhos, não é menos certo que, em muitos casos, aquelas omissões prejudicam a compreensão do papel exercido pela Great Western, como fator de elevação cultural, sobre a vida do Nordeste.

Aliás, estudo mais detido da composição do funcionalismo da empresa, quanto as suas origens, em diferentes épocas, talvez nos fosse indicar interessante fenômeno de mobilidade vertical. Curiosas modificações ter-se-ão verificado na procedência ou escala social dos elementos in-

tegrantes da classe ferroviária. Nos primeiros tempos, nela ingressou muito filho, sobrinho ou neto de senhor-de-engenho, levado a procurar emprego na estrada de ferro pelas seduções da atividade nova — ser maquinista terá sido o ideal de muito adolescente aventureiro, de olhos empridos para as locomotivas resfolegantes, que violentavam o seu pequeno mundo rural — ou sob a pressão da decadência econômica que runcou o destino de nossa antiga aristocracia feudal; filhos, sobrinhos ou netos de senhores-de-engenho que, crianças ainda, utilizavam como brinquedo os Morses das estaçõesinhas ou pontos de parada erguidos nas propriedades de seus avós, tios ou pais.

Condutores de trens e chefes de estação — os últimos, principalmente — exerceram, em fins do século passado e primeiro decênio do atual, sensível influência no desenvolvimento das atividades socioculturais do interior. Muitos jornalinhos de circulação semanal, com sonetos na primeira página, enquadrados em vinhetas de ramos e flores, tiveram-nos como fundadores, diretores ou redatores; de muitas bibliotecas foram êles os principais animadores — inclusive a do Clube Literário de Palmareis, tão significativa na sua época, isto é, quando a cidade constituía um centro ferroviário de maior importância, e onde aperfeiçoaram sua cultura intelectuals como Felton Ferreira, Fábio Silva, Fernando Griz e tantos mais, legítimas vocações literárias, desgarradas no interior. Outros foram apenas charadistas, perdidos no mundo das novissimas e logógrafos do Almanaque das Senhoras, do Luso-Brasileiro ou do Bertrand, nas longas horas de espera do "pode", após o último trem ou o derradeiro telegrama. Alguns fizeram da atividade ferroviária o suporte econômico para a conquista de situações melhores, na literatura ou na sociedade; trabalhando e estudando, formaram-se em Direito, em Medicina, em Odontologia. Um exemplo: o Desembargador Augusto Galvão, que, de telegrafista e chefe de estação, chegou a presidente do Tribunal de Justiça, em Alagoas, membro da Academia de Letras, figura acatada entre seus pares, pela cultura e correção de atitudes.

Múltiplos e variados são os aspectos sob os quais pode ser estudada, ainda, a influência da Great Western sobre os costumes, os estilos de vida, a psicologia social da região, para não falar, apenas, no seu papel específico, ligado ao aperfeiçoamento da técnica dos transportes. Essa influência se manifesta em traços essenciais da sociedade nordestina.

Só a leitura diária dos jornais, remetidos na mala postal ou vendidos pelos gazeteiros, nos trens de passageiros, já constitui um fator relevante de modificação da conduta social das populações; e nem somente jornais passaram a ser adquiridos nos trens: livros também, alguns em fascículos, de circulação semanal. O telégrafo ou telefone da Great Western constituem, ainda hoje, utilíssimos instrumentos de comunicação — tanto mais úteis quanto exclusivos — em cidades, vilas e povoados, em número não pequeno, onde não chegaram, até agora, as linhas roncadas do Telégrafo Nacional.

Lembra-nos o Sr. Gilberto Freyre que por influência inglesa se desenvolveu, no Brasil, o gosto "pelo drink gelado (que em portos secundários, como Maceió, os requintados da terra, por largos anos, iam beber a bordo dos navios ingleses)". Pode-se acrescentar que para o hábito, hoje tão generalizado, da bebida gelada — da cerveja gelada, sobretudo — muito contribuiu o carro-restaurante, atrelado aos trens da Great Western. Nem só durante as viagens; mesmo nas permanências mais longas nas estações — nos pontos de cruzamento, por exemplo — sempre houve quem transformasse aquele carro numa espécie de bar ambulante, onde era possível encontrar gelo para a cerveja, como os requintados de Maceió nos "liners" da Mala Real.

Do carro-restaurante da Great Western, principalmente — ou seja, mais do que de seus carros comuns — ainda outra função haveria que anotar: o de fator de convivência social. Com efeito. Quando o automóvel ainda era uma aspiração remota, foi êle o ponto de encontro obrigatório de senhores-de-engenho e plantadores de cana, nas viagens periódicas — em muitos casos realizadas semanalmente — à capital do Estado. Nem somente de senhores-de-engenho e plantadores de ca-

A AGRICULTURA EM PERNAMBUCO

(Entrevista com o snr. Arthur Ruy de Carvalho)



Tomando posse no início do corrente ano do cargo de Secretário de Agricultura Indústria e Comércio de Pernambuco, o snr. Arthur Ruy de Carvalho, com a visão administrativa que lhe é peculiar logo percebeu os inúmeros problemas que lhe ofereciam a situação agrícola do Estado. Sem olhar conveniências de partidos políticos, a Secretaria de Agricultura, dentro, de suas possibilidades tem procurado atender as questões agropecuárias que se apresentam com mais relêvo.

Procurando nossa reportagem informações sobre alguma mudança havida no pessoal administrativo, nos disse sua excia. que continuava com o mesmo pessoal, pois os técnicos encontrados na SAIC todos têm se revelado dignos das funções, havendo, entretanto, o afastamento de servidores mensalistas e diaristas pagos por verbas improfices.

Disse confiar em todos os seus auxiliares, para mais realçar o que vem se fazendo em benefício da agricultura e pecuária do Estado.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DO ESTADO

Entre os seus vários planos de ação estão as Estações Experimentais, com a finalidade da produção de sementes, enxertos e mudas, para suprimento dos agricultores das diversas regiões agrícolas do Estado.

A Estação do litoral, será situada na Praia do

Jango, a 12 quilômetros de Olinda e 18 da cidade de Paulista, tendo uma área de 300 hectares.

Terá como finalidade não somente a produção de coqueiros, como a seleção e aproveitamento de dendê, além de árvores frutíferas, tais como mangueiras, abacateiros, manbazeiras, teperoiã, sapotiseiros, etc. As sementes, mudas e enxertos aí produzidos serão selecionados e destinam-se a formação de culturas dos agricultores da região.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE SERRA TALHADA

Este estabelecimento, que vem funcionando desde 1932, irá ficar aparelhado para a maior produção de sementes de algodão muco do Estado. Além dessa cultura irá merecer nossa atenção a cultura de milho Litrido, o feijão, a mamona e a fruticultura adaptável a região sertaneja, como seja o umbuzeiro, pinheiros, figueiras, etc.

Têm esta Estação uma área de 3.500 hectares, nela estando localizado o grande açude do Saco. Esta área nos permitirá além de um ensaio de colonização, uma criação de gado selecionado para a venda de reprodutores por preços, os mais baixos possíveis.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE ARARIPE

A Serra do Araripe que até o presente, pouco tem influido na economia agrícola de Pernambuco, irá ter sua Estação Experimental, situada numa área de 500 hectares, que foi cedida ao SAIC, pela Prefeitura de Araripina.

Nesse Estação serão feitas culturas racionais

de mandioca, feijão, macaçu, abacaxi, amendoim, etc. Será aparelhada de máquinas para trabalhos em cooperação com todos os agricultores da zona.

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE JATINA

Cogita ainda a Secreta-

ria em Caruarú, para esta capital.

POSTOS E ESTAÇÕES DE MONTA

Existindo no Estado Postos de Monta, os quais por motivos vários, não vinham preenchendo suas finalidades, serão suprimidos, e, outras e as Es-



O secretário da Agricultura despachando em seu gabinete de trabalho

ta de Agricultura de ampliar os trabalhos dessa Estação que é localizada na ilha do Estreito, no Rio São Francisco. Será um grande centro funicular, adaptado a região de sanfranciscana, além de outras culturas. Estão também no programa da SAIC, para o mesmo fim, o aproveitamento de terras no continente, o que permitirá a produção de mudas e enxertos selecionados, para umas e outras terras que presisamente muito diferem.

RODAS D'ÁGUA

Pretende ainda a S. A. I. C. auxiliar os agricultores marginais do São Francisco na construção de rodas d'água, fator importante para irrigação das terras ribeirinhas, inteiramente improdutivas sem essa providência. Será assim grandemente aumentada a produção de arroz, banana, cana e diversas outras culturas.

DESENVOLVIMENTO DE NOVAS CULTURAS

A atenção da Secretaria está também voltada para o incremento de culturas outras, como a agave, cacau e carnaúba, e fulmigueiros adormecidos do Estado, que têm economia sustentada quasi exclusivamente pela cana de açúcar.

SERVIÇO DE AQUADAGEM

Com o fim de melhor atender a todos os inte-

SERVIÇO DE INSEMINAÇÃO

No Parque de Produção Animal, com técnico especializado, está funcionando esse serviço, de geral proveito para nossa pecuária.

Este serviço será feito em regime de "acôrdo" entre o Ministério de Agricultura e a Secretaria. Esta com 3 reprodutores de raça Holandesa e 2 equídeos mangalarga, recentemente importados.

INSTALAÇÃO DA DIRETORIA DA PRODUÇÃO VEGETAL

Dada a importância deste departamento, resolveu a Secretaria de Agricultura instalá-lo condignamente no local da antiga Granja de Dois Irmãos, providenciando para que os serviços que ali funcionavam fossem localizados em pontos de maior interesse para os agricultores e criadores do Estado.

A Diretoria da Produção Vegetal na sua nova localização tem ainda a finalidade de servir as Escolas de Agricultura e Veterinária, com elementos didáticos para 5 cadeiras, o que a citada Granja, só poderia proporcionar para uma.

SERVIÇO DE FOMENTO DA PRODUÇÃO

Para este serviço, que se destina a venda de máquinas e ferramentas

especiais, foi tomada a providência de fazer depósitos dessas naturezas nas diversas Prefeituras, mediante acôrdo, para revender pelo custo de enxadas, cultivadores, arados, pás, machados etc. verificando-se logo de início um aumento extraordinário das vendas. Esse material tem para o agricultor, uma diferença mais ou menos de 20 a 50%, do preço geral do comércio.

Como prova da eficiência dessa medida, cito o caso da 1.ª zona sediada em Limoeiro, que durante o ano passado apenas revendeu 841 cruzeiros de material agrícola e este ano, no mês de fevereiro, as vendas atingiram cerca de 30 mil cruzeiros.



CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDIMOBIL"

TELEFONE, 9401, — CAIXA POSTAL, 649 AVENIDA RIO BRANCO, 23 — Recife - Pernambuco

*

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

*

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

C/C. de Movimento (retiradas livres)	4% a. a.
C/C. Populares (limete de Cr\$ 30.000,00, com cheques)	6% a. a.
C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 20, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta)	6% a. a.

*

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

De 6 meses	6½% a. a.
De 12 meses	7% a. a.



Mulher — IONALDO DE ANDRADE

Um acontecimento auspicioso para a vida social e econômica da capital pernambucana e que constitui mais uma magnífica realização do governo do senhor Barbosa Lima Sobrinho, em seu segundo aniversário

Fato de excepcional relevância para a vida comercial do Recife foi, sem dúvida, a entrada em fevereiro, no porto do Recife do paquete inglês "Alcantara", pertencente à "Royal Mail Lines", que procedeu de Southampton e escalas, atracando no armazém n.º 3 das Docas.

Depois da última grande guerra, foi o "Alcantara" o primeiro transatlântico da "Royal Mail Lines" a fazer escala no Recife. A acostagem do possante transatlântico de 23 mil toneladas foi feita com perfeição, ordem e brevidade, não se verificando a menor anormalidade nas operações.

O fato, como já dissemos, é daqueles que oferecem margem a comentários, pelo que de relevante ele representa na atual fase que atravessa o porto do Recife. Fase de prosperidade e que reflete sem dúvida a ação esclarecida e denodada do sr. Hélio Coutinho, diretor do Departamento Comercial do Porto do Recife e que ali vem realizando uma administração somente digna de estímulo e de aplausos.

ESFORÇO TREMENDO

Não fôra o esforço tremendo desenvolvido pelo governo do Estado, à frente do sr. Barbosa Lima Sobrinho e por intermédio do diretor-comercial das

Docas, sr. Hélio Coutinho, no sentido de efetuar os serviços de dragagem do porto do Recife, num total que se aproxima da casa de 1 milhão de metros cúbicos, não seria possível recebermos transatlânticos de grande calado, como este que ora escalou em nossa capital.

O "Alcantara" trouxe para o Recife 35 passageiros, levando em trânsito 751. A sua capacidade é para o transporte de 221 passageiros em primeira classe, 185 em segunda e 470 em terceira classe. O Salão Nobre é um exemplo típico de modernismo, com uma altura equivalente à de dois cômodos, tendo o teto doze aberturas em círculo, de onde jorra uma iluminação suave, de sobrecoz cinzento, creme e amarelo pálido. As paredes são cobertas de couro prateado, enquanto as grandes pilstras de forma oval são embutidas com cadeira. Os que gostam de dançar ficarão encantados com o assoalho, especialmente adaptado para tal fim, o qual após a remoção dos grandes tapetes que o cobrem revelam sua beleza, realçada pelo efeito da engenhosa disposição das luzes.

A fim de completar uma rápida descrição dos Salões do Convés "E", resta dizer alguma coisa a respeito dos Salões de Leitura e da Biblioteca. Aquele ocupa todo o espaço avan-

te dessa parte do convés e está guarnecido de estantes e escrivaninhas estilizadas. A lareira é de tijolos de cor preta e vermelha, tendo em cima um espelho rodeado de vinte e cinco desenhos feitos a mão sobre motivos de literatura. Os móveis estufados são de cores vermelha, verde e creme, sendo as cortinas de veludo grosso de cor verde escuro, guarnecidas de bordados prateados, sendo os assoalhos cobertos por tapeçarias especialmente fabricadas.

Com as características do Século XVIII, a Biblioteca é uma outra dependência de aspecto atraente e convidativo, com uma rodeada por colunas de balhada, tendo ao centro um grande "Raio Solar" sobre o qual está colocado atraente dispositivo dourado para luz elétrica, estando este Salão provido de sofás e poltronas confortáveis, bem como escrivaninhas e estantes de livros.

JARDIM DE INVERNO

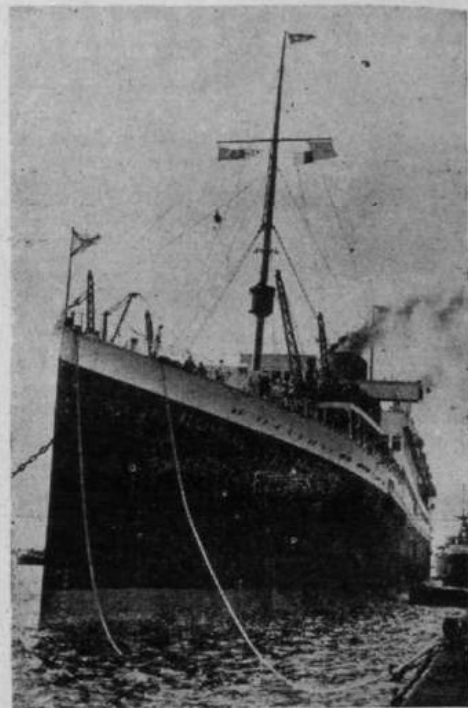
O Jardim de Inverno, situado na parte trazeira do Convés dos Botes, produz uma impressão de colorido e alegria. A parte do alto desta dependência é toda envidraçada a fim de permitir a entrada de luz, e cúpula metálica bem trabalhada em colorido branco, marfim e dourado são de estilo de arquitetura Es-

panhola Plateresco, janelas que dão para o convés estão colocadas nas três faces desta dependência, flanqueadas por pilstras de mármore, ao passo que a iluminação principal é produzida por meio de quatro grandes lanternas de bronze.

Entre outros atrativos existentes na primeira classe encontramos uma soberba piscina circundada de pavimentação de mármore e uma galeria para espectadores, bem como vestiários e chuveiros. Uma bem sortida loja para a qual dá acesso uma ampla galeria, um salão de ginástica completamente equipado, e também Salões de Cabelo e Barbeiro, para senhoras e cavalheiros, aparelhados com tudo o que há de mais moderno.

ATIVIDADE PESSOAL

Pelo que se vê, não fôra a atividade toda pessoal que o sr. Hélio Coutinho vem desenvolvendo à frente do Departamento Comercial das Docas, não nos seria possível atracar em nosso porto um transatlântico da envergadura do "Alcantara", cuja visão panorâmica que oferecemos acima serve para se aquilatar do mundo de conforto e comodidade que oferece aos que nele viajam, imprimindo por assim dizer novos rumos à navegação marítima no mundo.



No clichê, acima, vemos o "Alcantara", já ancorado no cais do armazém 3 das Docas, esperando as pranchas, a fim de desembarcar os passageiros.

FALA O CAPITÃO BANNISTER

A primeira pessoa a chegar ao porto, a fim de assistir às manobras de atracamento do "Alcantara" foi o sr. Hélio Coutinho, que se fazia acompanhar do sr. José Caminha Sampaio, engenheiro de dragagem do porto do Recife, George Eric Gates, engenheiro electro-técnico, Francisco Carneiro, fiel do armazém de bagagem, Nilton Pereira da Silva, chefe da acostagem do porto, Aloísio Fonseca, chefe da firma Alberto Fonseca & Cia. Ltda., John A. Thom, cônsul da Suécia e do alto comércio desta capital, Jacques Atkinsons, também do alto comércio e várias outras pessoas que a reportagem não pode anotar.

O paquete "Alcantara" ficou guarnecido por dois possantes flutuantes que foram esmeradamente construídos nas oficinas das Docas do Porto do Recife, tendo sido o desembarque feito através de duas luxuosas pranchas, também confeccionadas nas mesmas oficinas.

A bordo do "Alcantara", o sr. Hélio Coutinho teve oportunidade de palestra demoradamente com o comandante G. A. Bannister. Este mostrou-se admirado como o rebocador "4 de Outubro" manobrou com absoluta perfeição o paquete "Alcantara", tendo ainda palavras elogiosas às condições gerais do porto do Recife, ora apto a receber qualquer transatlântico de luxo como o "Alcantara".

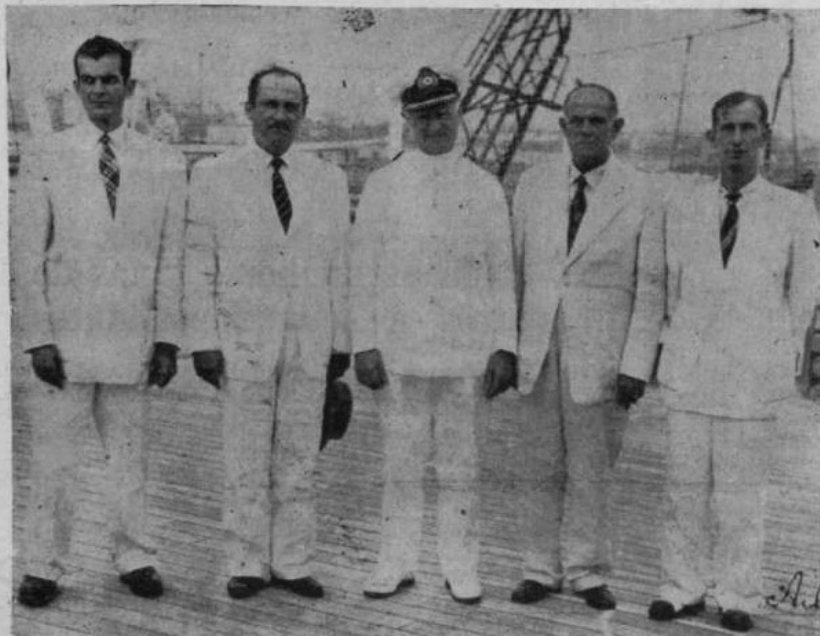
O capitão Bannister subiu até o "deck" do paquete, em companhia do sr. Hélio Coutinho e outros visitantes, contemplando dali a cidade do Recife e Olinda. Recordou, então, a sua primeira viagem ao Recife, em 1913, a bordo do "Arguria", que ficou no lamarão. Em 1922, já como segundo oficial do paquete "Andes", aqui esteve novamente entrando pela primeira vez no ancoradouro interno do porto do Recife.

O "Alcantara" zarpu com destino ao Rio Montevideo e Buenos Aires precisamente às 10 horas da manhã de ontem. A linha continuará doravante sendo mantida, regularmente.

Fomos informados de que o sr. John Thom, cônsul da Suécia e representante da "Delta Line" já se comunicou com a referida companhia, inteirado-a de que os grandes paquetes norte-americanos já podem atracar no porto do Recife, esperando por isso que novas linhas sejam inauguradas com brevidade.

O "Alcantara" foi manobrado pelo prático Albino Galvão, que há muitos anos trabalha para a "Royal Mail Line".

Está de parabéns, pois, o governo do Estado e, particularmente, o Departamento Comercial do Porto do Recife, à cuja frente se encontra o sr. Hélio Coutinho. Graças aos seus esforços, o Recife poderá receber em seu porto transatlânticos do porte do "Alcantara".



Na chegada do "Alcantara": o dr. George Eric Gates, engenheiro eletrotécnico do porto do Recife; o dr. José Caminha Sampaio, engenheiro da dragagem do porto; o capitão G. A. Bannister, comandante do "Alcantara", o sr. Hélio Coutinho, Diretor Comercial das Docas e o representante de NORDESTE

ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS

Djalma Viana

(De "Letras e Artes", do Rio)

NÃO conheço Recife mas, vendo a homenagem dos seus melhores intelectuais a Marcel Proust, já não posso evitar confundir — sem excluir mesmo alguns heróis de Chartres — a cidade do Capibaribe, não com a provincia da Normandie, mas com o próprio território de Combray. «Tanto faz que sejamos em Pernambuco ou em Combray», diz Aderbal Jurema no instante mais grave e menos dialético, precisamente no momento em que entrega as portas da cidade ao autor de «La Recherche du Temps perdue». Se o analista homeopático de Albertine chega a penetrar na base do Apipicós, se vai até Boa Viagem beber a água de um côco ou se do pórtico não sai com o seu eterno olhar melancólico e sua tór à lapela, não sei. O que sei, agora, em face deste admirável testemunho que é este quinto número de «Nordeste», o que sei, repito, é que Marcel Proust, mais talvez que em outras zonas geográficas e literárias, topa com Recife como se a capital nordestina fosse, em carne e carôço, o centro mesmo da religião proustiana. O recuperador escafandrado do tempo, em Recife, outra coisa não se pode sentir senão o grande Papa. Todos conhecem bem a sua escavação intelectual, todos os seus íntimos das suas personagens, e sobretudo todos distinguem com rigor a estrutura literária da sua obra do que um geógrafo convencional chamaria o solo filosófico.

Para mim, porém, que me habituo desde a estelara infantil a situar a criação artística acima das fronteiras geo-políticas, surpresa não foi o número de «Nordeste». Surpresa será talvez para alguém como o sr. Viana Moog que, encadernado em fórmula, não compreenderá por certo como pode, fora de um parágrafo, baixar Proust no Recife. Os cabeças chatas recênscas pernambucanas, que já queimaram certamente o resto do sangue holandês, na crítica sociológica do turista gaúcho, deviam escorar com os braços as rodas das usinas, os sacos de açúcar, os mombos na orla marítima, tudo — menos, sem a menor dúvida um mundo tão europeu e tão ténue como o mundo proustiano. O diabo, entretanto, era que o ficcionista de estômago refinado, quasi uma máquina registradora pela segurança do registro, com todas as virtudes e todos os vícios de uma formação profundamente europeia, autêntico homem de laboratório, organizado e minucioso, tocava a inteligência da gente do Recife como já tocava antes, em todas as curvas, a melhor inteligência do mundo.

É verdade que, meses antes de pôr os pés no café Lafalete, já a mais nova geração de intelectuais brasileiros, sempre curiosa e interessada em rasgar o ventre do nosso superficialismo literário, homenageava em charola o momento admirável que, com Swann, por exemplo, transfiguraria radicalmente a técnica de construção da personagem no romance moderno. Lembro-me, a propósito, daquele número da «Revista Branca» que Saldanha Coelho agora pretende completar com a publicação de uma proustiana, sob a responsabilidade da mesma revista. Lembro-me dos artigos de crítica, dos pequenos estudos criteriosos, do esforço honesto em interpretar os voltios do romance, submetido da preocupação em incorporar Marcel Proust, como um mestre permanente, em sua ação artística de todos os dias.

A recepção no Recife, pois, já aparece como uma confirmação da receptivi-

dade que Proust encontrou e ainda encontra na inteligência deste país. Alegria os exegetas, principalmente os mais eruditos e mais emfeitados, não passar tudo isso de simples consequência da universalidade que enche, com o próprio papel, obra inteira de Marcel Proust. Afirmação, com os lábios em sbeleinhas, tão convencionados do que dizem como os brotinhos em suas primeiras juras de amor, que, afinal, vítimas também do tempo e também possuidoras da memória de Offner, teríamos nós fatalmente que aceitar o mundo celetano do sol durante o de Proust assim como a dia e a Light durante a noite. Mas, apesar de semelhante balística, sobre o que não tenho dúvidas, é ter Marcel Proust atingido a comuna do Recife, menos em função da sua humanidade, e mais, em decorrência da sua fidelidade à provincia. A recuperação do emundo provinciano — a que se refere em dos colaboradores de «Nordeste», o arguto Luiz Santa Cruz —, a volta no bojo do tempo venido à Combray, que tanto pode ser Combray quanto Caruarú, explica definitivamente este pergaminho que confere a Marcel Proust o título de cidadão do Recife.

E não seria por outra coisa que o mais proustiano de todos os nossos proustianos, Otávio Alcrista, sua devoção a Proust já tendo posto na presidência de um clube brasileiro que reza o mestre nos dias impares, faria do seu tema o guia mesmo da provincia de Combray. E ainda é Combray — a provincia, mais que a provincia porque apenas a cidadezinha da provincia — o assunto que Eustáquio Duarte, outro colaborador de «Nordeste», iria desmembrar com o auxilio de Larcher. De resto, nas vinte páginas da esplêndida revista do Recife, com exceção talvez da crônica de Evaldo Coutinho, outra colaboração não se apanha que não nova a tecla invariável:

— A provincia, sempre a provincia! Rigorosamente, em um nível crítico ou em um plano menos discreto do pesquisa, as vezes que se podiam picar seriam inúmeras. Em si mesma, «La Recherche du Temps perdue», o ciclo entretanto, como um bloco massivo e estruturalmente arquitetônico, o que menos podia atrair os olhos, seria o lastro geográfico. Farto e complexo, sem a menor dúvida, o material exposto para um trabalho enorme de exegese, de sondagem, de penetração, de descoberta, de comparação, do diabo. Romancista, e no «su romance ao mesmo tempo filósofo e psicólogo, Proust não oferecia tão somente uma fisionomia — mas todas as faces que possam constituir um arriscado trapézio artístico ao se integram como a carne na própria carne. No entanto, fazendo questão fechada de caracterizar em Proust a sua natureza de provincia-no que não temeu esfaquear o tempo para recontratar a provincia, os do Recife deixaram bem claro que, se Proust chegou a Recife a Recife éle chegou por afinidade. Recife, como se vê, se converte em Combray, assim como Lillers se convertem em Combray. A conjura, que entra coisa o número de «Nordeste» não representa senão uma conjura entre os pernambucanos e Proust, portanto, é uma conjura visível de homens que se agarram à provincia como suas próprias árvores e suas próprias pedras.

Não escapam sequer os trens. Embora o poeta Odorico Tavaros, ou o poeta Ascenso Ferreira não possam sentir Brixhót em um va-

H. M. S.

LENINE PINTO



Ilustração de DI NAVARRO

(A Birtolmeu Santos que é quasi um Real Comodoro)

Bravo marujo da armada de sua Magestade o Rei, bebado pelas docas de Liverpool, entoando cantos sob os letreiros luminosos, o neón verde adocicando-lhe a voz; triste, muito triste I am Sinbad the sailor, urra!

Mergulhar no mar em busca da ôstra branca perdida numa concha, god save the life of the King: up — não adiantava. Connie quer mais whisky and run dear, só mais um traguinho, ô lá lá... e ser rebelde amotinado porque no mês passado lhe descontaram alguns shellings virgula algumas libras mentirosas, e deram em paga inuteis war bond's, ô! esquezitas caras e estranhas garrafas que dançam nuas para os lordes o que queria mais era danar-me no Alaska e morrer de frio em busca do ouro que Carlitos perdeu, como bravo marujo HMS no gorro, cheio de medalhas o peito e ter de contar aos indigenas ou à meninos vermelhos toda a história dos cerimoniais da tradição; melhor que ter neurosis de guerra, up, um bravo covarde: ay ay Sir.

Uf que gente Deus! e o cachimbo babado de cuspo, o suor gotejando das narinas e que testa fria rooney, a do seven seas wolf de calça mescla lavado o tombadilho do formidável coraçoad Hood posto a pique desde há muito, uf uf calor danado. Estar agora, o sonho, no Rio de Janeiro, praça Mauá, cantando samba mal cantado com seu sotaque britânico — por delicadeza, e se acabar de uma vez por todas nos braços balofos de uma ridicula mulata gorda, chii dear, ô dear, que não peor seria receber cartas de Kathe em perdida ilha do Sul, o Pacifico, alguma sardenta, pensando em succulentos bifés de sangue com molho pardo no Joe's da fifth avenue, ôba!

Lançar-se, — como são lindos os nervosos reflexos na água —; num pouco de Yang Cze Kiang à dentro, bramindo enorme fação herança ainda loura menina de trancinhas e olhos claros por detrás dos óculos, e que liricas mãos brancas que no peito não estavam: a Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever, isso não. Viva Nelson de Trafalgar que como eu não era, pobre garoto de um condado qualquer, sentado nos batentes com os joelhos sujos de terra, upá, somos do mar cristãos e servos da princeza linda, Elizabeth, ai!

— Whisky and rum, meu amor, quero só mais um traguinho, dear".



ção da Great Western, poude Joaquim Cardoso — também éle homenageava Proust em «Nordeste» e no nordeste — não esquecer os trens da provincia proustiana. Os trens de Balbec, para o lúcido articulista, augerem o strom da serras,

florante e espontânea a tradução da página de Proust para a realidade pernambucana. O número de «Nordeste», aliás, e logo na primeira página, já definiu o roteiro: — Em busca da provincia perdida!

PROXIMAS EDIÇÕES DE "NORDESTE"

"CANTO DA HORA UNDÉCIMA", de CEZÁRIO DE MELO

No mês de abril será lançado nas livrarias do Recife o livro de poemas de Cezário de Melo, com ilustrações e capa de Ladjane, numa edição "Nordeste". Em seguida teremos o livro de contos "Cachaça", de Francisco Julião, com um prefácio de Gilberto Freyre, também numa magnífica edição "Nordeste".

— Pedidos a "Nordeste", rua Real da Torre, 701 — Recife.

AMIGO, POUPE

Eletricidade



... e economize seu dinheiro apagando as luzes e desligando os aparelhos elétricos que não estiverem em uso.

Grato pela colaboração.

"Save Kilowatt"



PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER CO. LTD.

Fone 2141 - Recife



Sertanejo dormindo — BARBOZA LEITE

A inauguração do Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito

"SE EU TIVESSE DE COMEÇAR A VIDA FA-LO-IA COMO OPERÁRIO DESTA FABRICA"

Assim declarou o comandante do 2º Distrito Naval — Exemplo frisante de espírito de compreensão dos irmãos Brito — Disse o comandante da 7ª Região Militar: "O industrial Manuel de Brito, por ser um general da indústria pernambucana, não descuidou do amparo e da assistência aos soldados sob seu comando".

— Os oradores — Depoimento dos operários — "Agora temos um lugar decente para comer" — Outros impressões — Notas.

Mais uma iniciativa visando ampliar a assistência social aos seus operários foi concretizada, ontem, pelas "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S. A." (Fábricas Peixe), nas suas instalações da rua Imperial, quando se deu por inaugurado o Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito. Tendo a seu crédito, já, uma considerável soma de empreendimentos dessa natureza, aquela importante organização pernambucana continua a realizar obras desse gênero, sempre no objetivo de amparar cada vez mais o elemento humano que contribui para o seu desenvolvimento sempre crescente.

Esse gesto se traduz como um exemplo frisante do espírito de compreensão dos irmãos Brito que, ao levarem a efeito essas realizações, não o fazem com o caráter de favor ou mesmo concessão aos seus operários. Antes, altruisticamente, agem desse modo porque sabem que o material humano por eles empregado está à altura dessas iniciativas. Esse ponto é constantemente salientado pela família Cavalcanti Brito, cuja tradição não deixa margem a contestação.

Por isso, não constitui surpresa para a reportagem desta fo-



O industrial Manuel de Brito, sua esposa, srta. Mary Guimarães de Brito, brigadeiro Alvaro Hecksher, comandante da 2ª Zona Aérea, e o general Brasileiro Americano Freire, comandante da 7ª Região Militar

A hora aprazada, os presentes encaminharam-se para o pavimento superior do edifício, ala fronteira, onde se acha localizada o Refeitório. Nesse momen-

torios aplausos. Aqui, vemos reunidos dois grandes fatores: o útil e o agradável. Qualquer pessoa se sentirá bem fazendo uma boa refeição num local como este, apropriado até nos menores detalhes. Esse empreendimento de Manuel de Brito deve ser imitado pelo maior número possível de industriais de nossa terra".

No círculo, encontrava-se o sr. Manuel Bueno, gerente do "Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais". Declarou este banqueiro:

— "O industrial Manuel de Brito veio mostrar que Pernambuco acompanha em pé de igualdade todas as benéficas iniciativas a prol do operariado nacional. E não se poderia esperar outra coisa de um homem de tão elevado espírito empreendedor, aliado a uma grande compreensão humana. Está de parabéns Pernambuco e também está de parabéns a considerável classe operária do Estado, através dos homens e mulheres que trabalham nesta organização".

O dr. José Alfredo Brandão, representante da Federação das Indústrias, expressou:

— "Estamos diante de uma magnífica obra, meritória por todos os títulos. Aqui o mais cético dos homens ficaria entusiasmado, como eu me sinto. Aliás, para seu governo, eu não sou cético".

O sr. Beraldo Melo, do "Banco Nacional do Norte", ao ser solicitado para dar suas impressões ao repórter, disse:

— "Manuel de Brito, como um pioneiro das grandes iniciativas,

terá certamente seguidores, com a inauguração do Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito, a moldes do S. A. P. S."

FALAM OS CHIEFES MILITARES

Próximo, achava-se o general Brasileiro Americano Freire, comandante da 7ª Região Militar, que nos prestou as seguintes declarações:

— "A impressão ressaltada em primeiro lugar é o espírito progressista do industrial Manuel de Brito que, por ser um general da indústria pernambucana, não descuidou do amparo e da assistência aos soldados sob seu comando, os quais produzem a riqueza de Pernambuco".

Por seu turno, o almirante Paulo Penido, comandante do 2º Distrito Naval, assim se externou:

— "Se eu tivesse de recomençar a vida, falava como operário desta fábrica do sr. Manuel de Brito. Acho que dizendo isso já me fiz compreender completamente".

Também o brigadeiro do ar Alvaro Hecksher, comandante da 2ª Zona Aérea, acentuou as suas impressões, com "humour":

— "O Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito corresponde ao que eu, pessoalmente, esperava. Aqui até me faz lembrar aquele anúncio: "Tudo mundo gosta da Goiabada Peixe... Todo mundo que vier a esse restaurante gostará das refeições e ainda terá, como sobremesa, a Goiabada Peixe".

OUTRAS IMPRESSÕES

O industrial Mário Pena, presidente da Federação do Comércio Atacadista de Pernambuco,



O sr. Cassiano de Albuquerque, que falou em nome das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S. A." (Fábricas Peixe)

proferiu estas palavras:

— "Todas as iniciativas tendentes a melhorar as condições de vida dos nossos operários merecem os mais entusiastas elogios. E a ação dos irmãos Cavalcanti de Brito, nesse setor, tem sido tão profícua, tão oportuna, que não nos admiramos dessa família manter a fâmula de pioneiros dessas empreendimentos".

O comandante Muniz Freire, da Base Naval do Recife, ajuntou:

— "Este Refeitório represen-

ta, exatamente, a personalidade do sr. Manuel de Brito, homem generoso, industrial progressista e pioneiro dos grandes gestos, sempre contribuindo para o progresso de Pernambuco e do Brasil".

OS ORADORES

Logo após, usou da palavra o sr. Fausto Tenório, que dissertou sobre a tradição humanitária da família Cavalcanti de Brito, surgindo modestamente em Pesquisa, espalhando-se pelo Recife e consagrando-se como grandes industriais em todo o Brasil.

Foi pronunciado, depois, o discurso do dr. Francisco Manuel Brandão, diretor-executivo do Serviço de Assistência e Previdência Social (S. A. P. S.), falando em nome do major Humberto Pellegrino, dirigente nacional daquele serviço, o dr. Francisco Brandão disse do seu entusiasmo por ver inaugurada, em Pernambuco, uma unidade do SAPS, que até agora tem trabalhado no sentido de melhorar as condições de alimentação do operariado brasileiro. Salientou, também, o papel relevante desempenhado pelo industrial Manuel de



O sr. Melquíades Montenegro, que enalteceu o papel dos irmãos Brito no desenvolvimento econômico-financeiro do país, principalmente de Pernambuco

lha tudo o que lhe foi dado observar, ontem, na "Fábrica Peixe" da rua Imperial.

A INAUGURAÇÃO

Marcada para 11 horas e 30 minutos, a inauguração do Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito reuniu pessoas do mais destacado nível social, confraternizando-se com os operários daquela empresa que tomaram parte no primeiro almoço ali servido.

to, a srta. Mary Guimarães de Brito, esposa do sr. Manuel de Brito, cortou a fita simbólica, dando por inaugurada a nova dependência.

Com a presença de todos no Refeitório, a reportagem começou a colher impressões. O primeiro a nos falar foi o dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz, um dos diretores da "Usina Santa Teresinha S. A.", que afirmou: — "Trata-se de uma iniciativa nobilitante, digna dos mais ca-

Brito, criando o Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito, numa atitude que somente o faz mais admirado pelos seus colegas de indústria, mais querido pelos seus operários e mais aplaudido por todos os cidadãos brasileiros.

Falou, também, o sr. Melquíades Montenegro, enaltecendo a figura de industrial empreendedor que é o sr. Manuel de Brito, relembrando, durante sua oração, alguns flagrantes da vida do grande homem público que

(Continua na pag. 17)



Os primeiros operários a serem atendidos no refeitório "Carlos Cavalcanti de Brito"



Seleção, abundância, higiene e preços baixos — são as características das refeições que os operários do "clichê" acima são os primeiros a experimentar



A sra. Mary Guimarães de Brito, esposa do industrial Manuel de Brito, quando cortava a fita simbólica

(Continuação da pag. 16)

Pereira; Clélio Holanda Santos; foi Franklin Delano Roosevelt, sempre na defesa dos interesses dos povos livres do mundo e das classes menos favorecidas.

E FALAM OS MAIORES INTE-RESSADOS

Até essa altura, tínhamos ouvido apenas pessoas que, de certo modo, estavam apenas indiretamente ligadas ao que representa o Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito. Não resta dúvida que as impressões mais importantes seriam as dos próprios interessados, isto é, dos operários que desde ontem passaram a frequentar aquela dependência da fábrica.

Deante disso, ouvimos dois representantes deste último grupo: um homem e uma mulher. O homem foi o operário José Carneiro da Silva. Sua resposta foi rápida e clara:

— "Eu e os meus companheiros estamos otimamente impressionados. Já experimentamos o feijão, o arroz, a carne, a farinha, as verduras. Tudo ótimo! E, depois de tudo, ainda temos leite! Pode dizer pelo seu jornal que nós somos muito gratos ao sr. Manuel de Brito. Não é todo patrio que tem esse cuidado de amparar seus operários, não! Por isso, dia a dia mais o admiramos. Digo assim sem desejo de ser agradável ou de bajular. Digo a verdade".

Al está o depoimento do operário José Carneiro da Silva.

E o outro, da operária Quitéria de Assis Portela, 21 anos de trabalho nas "Fábricas Peixe", seção de funilaria:

— "Agora, tanto temos um lugar decente para comer, como temos boas comidas à nossa disposição. Não estou admirada com a inauguração do Refeitório, porque trabalho há muitos anos com o sr. Manuel de Brito e sei de quanta coisa de bem para o operariado ele tem feito e continuará a fazer. É um santo homem. Que Deus o faça sempre indo para a frente, que nós vamos ajudando na medida do possível... e, se ele preferir — que Deus o livre — também na medida do impossível".

Eis dois depoimentos francos, simples, espelhando com exatidão o prestígio que o industrial

Manuel de Brito goza entre os seus operários.

"ESTOU RADIANTE"

Na ocasião em que era servido um "lunch" aos visitantes, o sr. Manuel de Brito foi alvo de uma vibrante manifestação dos seus trabalhadores, cada um que quizesse agradecer, no mesmo tempo, a criação do Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito.

Falando à reportagem de NORDESTE, aquele industrial afirmou:

— "Estou radiante. Fiquei contentíssimo pela maneira como os meus operários receberam a criação deste Refeitório. E isso é o grande motivo para eu me sentir recompensado".

OS PRESENTES

Entre as pessoas presentes, além das que já foram referidas, conseguimos anotar as seguintes:

Lima Sobrinho; Teófilo de Vasconcelos, diretor-artístico do "Rádio Clube de Pernambuco"; Silvío Fernandes, representante da "Companhia de Navegação Costeira"; Joaquim Pedro Rodrigues, industrial em Pesca; coronel Hardmaux Pedrosa, chefe do Estado-Maior da 2a. Zona Aérea; tenente Jaime Peixoto, ajudante de ordens do comando da 2a. Zona Aérea; Paulo do Couto Malta, presidente da "Associação Pernambucana de Imprensa" e representante do secretário da Segurança Pública; Carl Hagen, gerente do "The National City Bank of New York", filial do Recife; Anísio de Araújo, do "Banco do Nordeste"; Danilo Lins, representante da "Empresa Fôlha da Manhã S. A." e outros.

Publicamos, abaixo, a relação dos funcionários das "Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.



O sr. Fausto Tenório, como visitante, externou sua ótima impressão sobre o refeitório inaugurado

multo embora diversas outras não constem de nossas anotações, em virtude de mais das circunstâncias do momento:

Família Cavalcanti de Brito; dr. Gaspar Guimarães, representante do deputado Agamenon Magalhães; dr. Artur Goulart, gerente do "Banco do Brasil S. A."; sr. Geraldo Borba, delegado do Imposto de Renda; Wilfrid Short, do "Banco Nacional do Norte"; Nelson Chaves, secretário de Saúde e Assistência Social; Gaileu Falconi de Carvalho, representante do prefeito do Recife; coronel Jardim, representante do governador Barbosa

A." presentes à inauguração do Refeitório Carlos Cavalcanti de Brito":

Ademilda Correia de Carvalho; Alfredo Sousa Dias; Amador de Amaral Lima; Armando Moreira Ribeiro; Belchior Gomes Padilha; Cassiano de Albuquerque Dulce Raposo de Melo; Eudras do Amaral Lima; Fidias Guilherme de Sá; Francisco Bezerra da Trindade; Francisco de Queiroz Barros; Gilberto Rodrigues de França; Ismael Marques da Silva; João Tavares de Andrade; João Venâncio da Silva; José Antônio da Silva; José César Correia; José Cordeiro de Lima;



Os presentes ao percorrer as dependências do refeitório "Carlos Cavalcanti de Brito"

Luiz Correia da Silva; Maria Madalena Lira Freire; Marino Correia da Silva; Mário Correia da Silva; Paulo Moscoso da Veiga Pessoa; Paulo Barreto Rosas; Reinaldo de Almeida Galvão; Re-

nault Matto Ribeiro; Reinaldo de Costa Monteiro; Suzete do Amaral Lima; Teresinha Chaves Luz; Manuel Leite do Nascimento; Hélio Barreto Rosas e Nelson Teixeira Lopes.

E com essa que eu vou! Que foi que eu disse? Perdão, Senhor, eu me esqueci que estava no Ano Santo.

«De Quito al cielo, y en el cielo un agujerito para ver a Quito».

DA ILHA FORMOSA

O dia de ontem em Formosa, onde me encontro, foi tudo que se pode imaginar de mais satânico e tremendo.

Pela manhã, estava eu no hotel, tomando vinho de arroz, quando o garçon me fez a entrega de um número do «Ta-Kung-Pao», órgão comunista chinês.

Na primeira página, vi um artigo com o título em oito colunas. Enchi-me de alegria, pois, julguei que o autor fosse o meu querido confrade Melquiades Montenegro. Mas, não era. Nem era também de Chiang-Kai-Shek. Era o almirante Kwei-Jung-Chiang. Mas, com os diabos! Se o jornal é comunista, como publica artigo de um almirante nacionalista?

Não estou entendendo nada. Sei, apenas, que em Formosa não passarei mais uma noite. Os nacionalistas estão cansados de esperar o auxílio norte-americano. Ao que me consta, nem uma garrafa de whisky chegou até agora a Formosa enviada pelo presidente Truman. Se for efetuada a invasão de Hai-Nan, estarão vitoriosos os comunistas. Desgraceira na China!

Com a lei marcial declarada em Hoi How, capital de Hai Nan, não me aguentarei mais em Tai-Pé. Vou-me embora para o Japão.

E dizendo isto, começo a arrumar as malas. Minha bagagem está enorme. Comprei para o Altamiro Cunha vinte e cinco gravatas chinesas. Além disso, o general Tang-En-Reo entupiu um saco de fumo para Mário Melo. E muito conhecido na China o secretário perpétuo do Instituto Arqueológico. Outro sujeito de nome vulgarizado na ilha Formosa é o dr. Césio Regueira Costa.

Quando passar a rebelião, Chiang-kai-Chek vai realizar um concurso de papagaios em Pekim.

E um buraco viajar pela China nesta época. A terra está toda minada. Até as mulheres estão minadas. Auxílio norte-americano? Os comunistas chineses estão com o diabo no couro.

Se a encerra fosse em Pernambuco, bastaria o delegado Paulo Malta para abafar o estopor vermelho.

Estou seguindo para Tóquio.

Um Diário de Viagens

(Continuação da pag. 5)

Duas dúzias de trutas foram mastigadas.

Que noite passámos no

Hotel Sueco

Mr. Kip Farrington ficou completamente grogue.

Assim, foi uma felicidade quando o criado de Peter anunciou que Dorothy Lamour estava num carro, à minha espera.

Nossa Senhora da Agonia! Fiquei tão perturbado que nem perguntei se a mais bela mulher do mundo estava vestida. Este jornal não deve chegar ao subúrbio de Campo Grande. Sempre fui homem irredutível na linha doméstica.

Desço às pressas e dou com Dorothy. Entrei no carro e largamos. Estava mais vestida do que Maria Montez. Quem disser, aí no Recife, que na América está se usando "soutien" de matéria plástica, não passa de um mentiroso. Dorothy Lamour quer saber como é o Recife. Descrevo o ambiente recifense e ela vai me ouvindo deslumbrada. Adiante topámos com Gary Cooper e tivemos que atuar-lo.

Estava um pouco bêbedo, porém, ainda assim, elogiou-se o quanto pode. Depois deu par falar mal do Brasil, tendo palavras verdadeiramente ásperas sobre Carmen Miranda.

Coisa estranha: Dorothy Lamour não conhece Carmen Miranda. Sambista brasileira, disse-me ela — conhece, apenas, a Maria Terrestre. Emendei dizendo que era Celeste, e a loura continuou a dizer Terrestre. Cooper referiu-se ao Barreto Júnior. Era uma pena que esse ator brasileiro não quizesse filmar. Bem que poderia ser galã do novo filme da metro "Voand para o Inferno".

A chuva havia parado, porém o carro continuava rodando, e foi assim que chegámos a um descampado. Era de noite. Então, Dorothy pediu-me que eu fizesse alguma coisa. Não entendi nada. Insistiu. Interrogo-a sobre os seus propósitos. Então, ela se fez mais clara: Quería que eu imitasse Tarzan. Subisse às árvores.

— Mas, não há árvores!

— Cair na água!

— Não há água.

Enquanto isto, Gary Cooper deitara-se na relva,

sorrindo. Deitei-me também na relva. Dorothy ficou firme, de pé, maravilhosa.

Meu Deus, onde estive metido!

A grande "estrêla" andou para lá, para cá, e por fim meteu-me o bico do sapato nas costelas, dizendo. Ergue-te, Brasil!

E com os braços erguidos para o céu gritou naquele silêncio: Viva o general Dutra!

Cooper levantou-se e fez continência. Como é louvado o nosso presidente em Hollywood!

A farrá terminou. E ainda se fala em eleições no Brasil!

Dorothy Lamour acha que os brasileiros precisam de alimento e não de eleições.

Estou com ela.

O TEATRO NA INDIA

Espera-me, no Paquistão Oriental, o ministro Pandit Nehru.

No avião que me trouxe até aqui todo o tempo de voo, 15 horas, levei lendo os Vedas, Upanishaba, Bramanas e Aranyakas.

Estou me lembrando do professor Fernando Mota quem me perguntou, não faz um mês, como poderia chegar ao Nirvana. Nada sabia, até então, o mestre pernambucano a respeito de filosofia upanichade que foi aceita por Buda.

Estou no Paquistão Oriental.

O meu amigo Nehru convidou-me para ver o teatro indiano, mas, de antemão, exigiu que eu me compromettesse que de tudo daria conta ao crítico Júlio Barbosa, do Diário de Pernambuco.

Esse crítico vem sendo muito apreciado aqui na Índia.

Representava-se a peça Phaaans (O Nariz) de Anant Kanekar. Estão em cena apenas dois atores. São eles: Ahin Choudary e Chabbi Biswas.

Chabby é parecidíssimo com a atriz Augusta Moreira da Companhia Barreto Pinto, porém Ahin Choudary só sendo irmão do deputado José Domingues.

O escritor teatral M. G. Rangnekar, que me foi apresentado, pelo ministro Nehru, convidou-me para ir conversar «al pié del bello vulcan Imbabura».



Logo após o ato inaugural foi oferecido um "lunch" aos presentes



2. ANIVERSARIO DO GOVERNO BARBOSA LIMA — Aspecto das solenidades realizadas em comemoração ao transcurso do 2.º aniversário da administração Barbosa Lima Sibrinho. 1) Inauguração da ponte do Passarinho, vendo-se o governador do Estado cortando a fita simbólica. 2) Grupo tomado após a inauguração da Unidade Sanitária de Paulista, vendo-se o governador do Estado ladoado pelo deputado Torres Galvão, industrial Artur Lundgren, secretário Nelson Chaves, prefeitos Moraes Régio e Manuel Regueira, dr. José Pandolfi, diretor do Departamento de Assistência Hospitalar, e dr. Albérico Câmara, assistente do D. A. H. 3) E um fragmento do prédio da Unidade Sanitária, quando da solenidade de sua inauguração.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO GOVERNADOR BARBOSA LIMA SOBRINHO, NO 2.º ANIVERSARIO DO SEU GOVERNO

«No momento em que se completa o segundo ano de minha administração, dirijo-me ao povo de Pernambuco, por intermédio das estações rádio, para lhe dar conta do trabalho realizado. Muitas foram as dificuldades, que por certo não se circunscrevem ao nosso Estado, pois que as encontramos também em quasi todas as outras regiões do Brasil de norte a sul. As condições financeiras críticas pela Constituição de 1946, depois de uma fase de governos provisórios e de expansão moderada das verbas de pessoal, não se fazem sentir apenas em Pernambuco. Podemos até mesmo dizer que em Pernambuco elas vêm encontrando repercussão menos grave que na maioria dos Estados da Federação.

Nem todos conhecem as razões desse desajustamento. Não será, pois, fora de propósito dizer que uma das causas de tal estado de coisas é o aumento das despesas públicas, como resultado de numerosas padronizações de vencimentos, do pagamento dos adicionais, portempeio de serviço, da amplitude tomada pelos abonos de toda natureza, incorporadas às despesas comuns, sem falar nos gastos resultantes da organização democrática, como por exemplo com as assembleias legislativas, que representam percentagem apreciável da despesa pública do país. E enquanto crescem os encargos, vemos a Constituição de 1946 mutilar os recursos do Estado, com o teor exclusivo municipal e o destino do imposto de indústrias e profissões, que antes o Estado e o Município arrecavam cumulativamente.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Diz-se modo, somente em 1946, Pernambuco perdeu mais de vinte milhões de cruzeiros de sua receita anterior. Teve ainda que dividir com o Município, por força da Constituição Federal, metade da renda do imposto territorial. E ainda lhe resta outra obrigação constitucional, a de entregar aos municípios 20% do imposto sobre o lucro pelo Estado em cada município, considerada a renda deste e a obtida pelo próprio Estado. Sem falar na devolução da parte do imposto sobre combustíveis. Tudo representando, em nosso Estado, cerca de 30 milhões de cruzeiros a menos, para enfrentar a expansão natural dos serviços gerais, para realizar melhoramentos, para pagar a dívida pública, para a indústria. E tudo isso agravado ainda por outro fator: a queda de nossas exportações, refletindo-se no quadro da receita do Estado. O açúcar, que em 1945 nos deu o produto de 44 milhões de cruzeiros de imposto de exportação, rendeu apenas cerca de 6 milhões de cruzeiros em 1949. Perdemos ainda, pela redução na exportação de couros, de géos, de sementes oleaginosas e de vários outros produtos. Em suma, 45.821 mil cruzeiros a menos em 1949. De modo que na receita geral dos seus principais impostos, em vez de aumento de 30 milhões de cruzeiros, que esperávamos da majoração das taxas do imposto de vendas e consignações, tivemos uma redução de 45 milhões de cruzeiros, num orçamento que viera ao Executivo com um déficit de 60 milhões de cruzeiros. E o pior é que a redução da arrecadação não se fez sentir perigosamente a partir de abril, quasi a meio do exercício, quando a receita, que excedera a 27 milhões em janeiro e a 32 e 30 milhões em fevereiro e março, baixou para 25.900 em abril, a 24 milhões em junho e a 22 milhões em julho e agosto. Para manter em dia os pagamentos essenciais, foi preciso enorme esforço de compreensão, através do qual conseguimos atravessar a fase mais perigosa. Já recuperamos boa parte do atraso verificado em alguns douzelinos e a situação é melhor do que há seis meses passados, reduzido o déficit a uma quantia moderada e que contamos ir reabsor-

vido, no exercício presente, com as medidas de cautela tomadas, no emprego das dotações orçamentárias. Tivemos que fazer outro orçamento — o qual com o primeiro, vindo da Assembleia Legislativa, nos levava a um déficit de mais de cem milhões de cruzeiros, suficiente para acarretar a desorganização e o colapso dos serviços públicos, se adotássemos por três ou quatro meses que fosse.

QUADRO FINANCEIRO

Dentro desse quadro financeiro é que se vem desenvolvendo a atividade do governo do Estado. E com esses recursos vamos realizando o que é possível, com o mais rigoroso critério de economia. É certo que estamos contando com empréstimo do Banco do Brasil, empréstimo que é também ação do governo do Estado, pois o obtivemos contra todos os prognósticos e todos os esforços dos adversários. Mas além das iniciativas a atender com o produto do empréstimo, podemos acrescentar obras, serviços, que ali estão a testemunhar o trabalho de uma administração, que representa um compromisso de realizações e os satisfaz com energia e pertinácia.

O PROBLEMA DAS PONTES

Encontrei aqui um enorme clamor contra as pontes antigas do Recife. Pois ali temos a obra do Recife, para receber concreto ainda está mais podendo estar terminada em junho, não obstante o dano sofrido na enchente do Capibaribe, em novembro do ano passado. Já temos a nova ponte da Torre, para fixar, ainda este mês, ou em começo de março, as suas primeiras estacas definitivas. Já temos a nova ponte de Santa Isabel, já iniciada e contando, como as outras duas, com recursos que asseguram a conclusão das três. São pontes modernas com uma largura aproximada da que se adotou na ponte Duarte Coelho. Não se pode avaliar o que representa essa contribuição, basta dizer que, depois da ponte Maurício de Nassau, há cerca de trinta e três anos, foi construída na área urbana do Recife uma única ponte de aço, a ponte de Santa Isabel. Sem falar construída com recursos federais, tem sido objeto de grande esforço do atual governador, que com o deputado federal tessal do governador e de seus auxiliares, no escamotear esse problema, no evitar o recolhimento das verbas, a assegurar o pagamento das dotações em tudo, o que podia contribuir para a realização de tão grande obra, no assegurar o certo é que já está assinado o contrato para a construção da ponte, a ser o primeiro passo para a passagem de batelada. Embora se possa observar alguma lentidão na execução dos serviços, o bom nome da firma vencedora permite esperar que seja feita a demonstração mais completa de sua eficiência e de sua capacidade construtora.

OBRAS DE VULTO

Além do problema das pontes do Recife, a administração Moraes Régio vem enfrentando e resolvendo a execução de outras obras de grande vulto. O pagamento e o calçamento da Avenida Teófilo, já terminado até Jiquiá, a conclusão do calçamento da Viçosa, a conclusão do calçamento de Beberibe e a continuação do calçamento de Dois Irmãos garantem o acesso, sobre pavimentação de para. Interpelados de todos os bairros do Recife que ainda não contavam com esse melhoramento. E ainda podemos enumerar o calçamento da s ladeiras que dão

acesso ao Alto do Pascoal e ao Alto José do Pinho, as obras importantes no caso de Santa Rita, o alargamento da estrada do Remédios, da rua D. Bosco e da Avenida de Campo Grande, a remodelação do mercado de São José, a construção do mercado da Encruzilhada, que terá área maior que o do São José. Nosso velho Teatro Santa Inês está sendo pintado e restaurado, recebendo melhoramentos que, como o serviço de ar condicionado, deverão exceder a quatro milhões de cruzeiros — o que dá bem a importância da importância das obras em execução. E já vos posso anunciar a continuação da Avenida Dantas Barreto, realização fundamental, no plano urbanístico da cidade do Recife.

ABASTECIMENTO D'ÁGUA

Passemos, agora, a outro domínio de realizações: o suprimento d'água das cidades pernambucanas. Na capital, estão em andamento ou já concluídas duas grandes obras: a estação de bombas dos Prazeres e o reservatório do Alto do Cão. Com essas duas obras, que já vem estando em funcionamento dentro de poucos meses, o suprimento d'água do Recife melhorará de cerca de 26 milhões de litros, diariamente, o que representará 33% sobre o abastecimento total da cidade. Teremos assim, num total de cerca de 80 milhões de litros, 50% para as obras de Soturnino de Brito, 33% para a atual administração do Estado e 17% para as demais administrações pernambucanas.

Olinda terá quadruplicado o seu abastecimento, com as obras em andamento. Já no decorrer deste mês, iremos inaugurar o serviço de água em Fazenda Nova. Dezena de alguns meses, será a vez de Pesqueira e de Rio Formoso concluírem o seu serviço. Em Limoeiro, já chegaram 31 quilômetros de sua adutora e foram iniciadas as obras civis do abastecimento. Foram iniciadas também as obras para o abastecimento d'água de Timbaúba e Bezerros. Em Arcoverde, já se utilizou a concorrência para a conclusão dos serviços de água assim co-

mo em Catende, Alinho e em São José do Egito. Caruaru foi contemplada com uma dotação que assegurará a construção de nova barragem, de uma estação de tratamento e da adutora necessária à previsão do progresso da cidade. Conto deixar resolvido o serviço de água em Garanhuns, já tendo autorizado a aquisição das bombas indispensáveis. Com o Serviço Especial de Saúde Pública, fizemos acordo para a realização do suprimento d'água em Palmares, Gameleira e Ribeirão. E se a muitas vezes resolve o problema que nos enviamos e não qual tanto se bate o sr. Gercino de Pontes, teremos torcendo possível, no prazo de alguns anos, o serviço de água e de esgoto em 16 das 22 cidades pernambucanas de mais de 3.000 habitantes. Em todo caso, já desistimos o problema resolvido em 14 cidades do Estado.

POLÍTICA DE ACUDAGEM

Para falar nos benefícios de política de acudagem desenvolvida pelo governo do Estado e que muitas vezes resolve o problema de abastecimento das cidades próximas das represas. Entre acudidas públicas e particulares construídas ou auxiliadas pelo Estado, contamos já, em dois anos de administração, com a instalação de 61 acudidas, com um total de 216 acudes. E terminadas todas essas obras — pois que estou apenas abonando os seus e receberam a quantidade assegurada — o armazenamento d'água do Estado, nos represas públicas e particulares, financiais, ou auxiliadas, passou de 26.970.754 m³ a 53.708.903 m³, o que vale dizer, quase metade do armazenamento total extra a uma administração de dois anos, beneficiando a cada menos de 22 municípios do Estado.

ESCOLAS RURAIS

Outro grande serviço realizado foi o de construção de escolas rurais. É certo que o governo da União concorre com a parte mais importante da despesa, mas o Estado, não apenas tem autorizado a execução de obras, completando o que o governo já fez, mas também se encarregou de sua execução, o serviço de fiscalização e assistência técnica, com o qual obtivemos excelentes resultados em Pernambuco. Nos primeiros nove meses de 1946 a 1947 haviam sido concluídas 123 escolas rurais em Pernambuco e o governo atual encontrou apenas 3 escolas iniciadas. Em novembro de 1948, não somente construímos escolas os prédios dos acordos anteriores, como ainda outros 120 prédios dos acordos de 1948. Ao todo, 248 escolas. Nos primeiros nove meses desse mesmo ano, de tempo superou o de Pernambuco, na realização dessas obras, ou no aproveitamento da dotação federal. Os cursos especiais do ensino primário foram concluídos e temos a satisfação de proclamar que 120 escolas rurais iniciam os seus cursos este mês, dentro do programa estabelecido. Novos cursos habilitarão os professores, necessárias ao preenchimento das vagas ainda existentes. E já é tempo de dizer que, no período 1948-1949, foram criadas, no Estado, 315 escolas, sendo 122 primárias e 193 rurais — número que por si só realça o esforço da administração pública, no setor do ensino primário e rural. Quanto ao ensino superior, continuamos a ser considerados "modelo" nos excelentes resultados obtidos. Podemos ainda citar a criação da Secretaria de Educação e Cultura, a publicação do Regulamento do Ensino Primário e Secundário, a iniciativa no sentido da criação da Faculdade Paulista de Filosofia, Instituto de Estudos Sociais e Culturais e o governo do Estado está construindo, ou concluindo, sete centros escolares nos municípios de Pedra, Petrolina, Aliança, Catende, Bezerros, Ouricuri e Araripina. Dêmos as de Aliança, Catende, Bezerros e Ouricuri não serem tidos como terminados. Em colaboração com o governo Federal, estão sendo construídas mais quatro grupos escolares no interior. Em São Joaquim do Monte, Macaparana, Lagoa dos Gatos e Agrestina. Outro aspecto importante da ação do governo, é do auxílio aos educandários do interior do Estado, com a execução da Lei n.º 372, de 24 de dezembro de

1948 e dentro da qual foram estabelecidos acordos, firmados pelo secretário Sílvio Rabelo, com o Gineásio São José, de Nazaré da Mata, o Gineásio Regina Coeli, de Limoeiro de Leão, o Caruaru, o Gineásio Rural Santa Maria de Timbaúba, a Prefeitura Municipal de Barreiros e o Colégio Santa Sofia, de Garanhuns.

SETOR RODOVIÁRIO

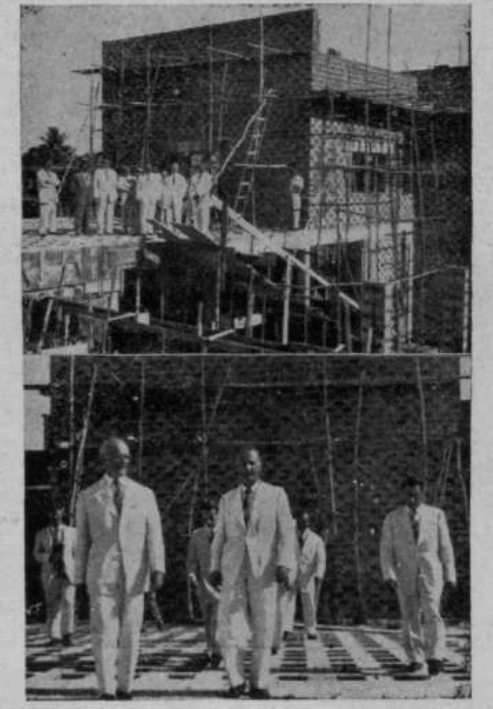
No setor rodoviário, além da conclusão da rodovia Ilimitada Floresta, estrada de 101 quilômetros de extensão, uma das melhores do Estado e na qual a parte mais importante coube à administração atual, temos ainda a continuação da pavimentação do trecho Jaboatão-Itambé, feita, em 1949, numa extensão de 3 quilômetros e meio e que deverá estar concluída em breve. Na rodovia Caruaru-Tranco Sul foram construídos 2.054 metros e iniciada a rodovia Amaraji-Freixoiras. Prosseguiu-se na construção da rodovia Cupira-Lagoa, na de São João das Neves-Flores, na de A. dos Santos-Tabira. Na rodovia Pedra-Garanhuns houve a terraplenagem de 13 quilômetros e a construção de 15 bondinas. Foram concluídas 2.640 metros de rodovias Salgueiro-Serra e realizadas várias obras de reparo em muitas outras estradas, cumprindo também acrescentar que foram pagas a todas as quotas destinadas aos municípios, e que nem todos os Estados fizeram, ou conseguiram fazer. Na rodovia Pernambuco-Petrolina, o Departamento de Estradas de Rodagem e o Departamento de Obras contra as Secas, com as dotações federais obtidas pelas administrações pernambucanas, terminaram 15 das 17 obras de arte necessárias. Com a dotação de 1950, do orçamento da rodovia, solicitada pelo governo do Estado através da representação de Pernambuco, poderemos ver concluída essa rodovia de tanta significação para o Estado. Com a aprovação das medidas que o governo encaminhou à Assembleia Legislativa, poderemos encetar imediatamente o programa da pavimentação das rodovias locais, na zona da mata, para o qual já contamos com o Departamento de Estradas e a aparelhagem indispensável.

PROBLEMAS AGRÍCOLAS

No setor agrícola, além do serviço de acudagem, a que já dei o relevo que lhe cabe no conjunto das atividades do Governo, devo enumerar a distribuição, feita em novembro de 1948, dos títulos de propriedade aos lavradores da Colônia Agrícola Olho D'água, adquirida pelo Estado para ser dividida, ou vendida, a longo prazo, a quatrocentas famílias que a habitavam. Diante da crise que se prolonga, criada por toda a parte, a Secretaria de Agricultura por iniciativa do sr. Barreto, tomou a si o encargo de uma ampla distribuição gratuita de sementes, alcançando a mais de 2.225 mil onças de sementes e beneficiando a mais de 10.000 lavradores do Estado. Há que salientar o aumento de produção da lavoura de algodão, a experiência da plantação do trigo em Garanhuns e da juta nas ilhas de São Francisco e na fazenda São Bento, o interesse tomado pela produção do café, o aumento do aumento do equipamento mecânico dos serviços da Secretaria de Agricultura, e a aquisição de reprodutoras, a elaboração de acordo entre o Estado e o Ministério da Agricultura para a criação do Serviço de Inseminação Artificial.

OUTRAS REALIZAÇÕES

Poderia citar muitas outras realizações, com o projeto, ainda dependente da Assembleia Legislativa, e mereço do qual será duplicada a área agrícola da Penitenciária de Itamaracá. Ou a aquisição da máquina para a Imprensa Oficial. Ou a melhoria do rendimento das oficinas da Casa de Detenção, quasi todas



O governador Barbosa Lima Sibrinho, em companhia do prefeito Moraes Régio, em visita às obras do mercado da Encruzilhada e da ponte da Torre.

(Continuação da página 15)

remodeladas no atual Governo e deixando de render, em 1949, 223 mil cruzeiros, quando nos últimos três anos fora, respectivamente, de 158, 100 e 140 mil cruzeiros. Poderia aludir aos 15 milhões de cruzeiros entregues, em 1948 e 1949, para a construção da Cidade Universitária do Recife, em terrenos já adquiridos na Várzea, com a contribuição do Estado. Poderia mencionar 750 casas construídas por iniciativa do Estado, pela Fundação da Casa Popular, considerando o Estado com importância não inferior a 3 milhões de cruzeiros. Poderia citar os três milhões de cruzeiros emprestados à Cooperativa do Caruá, para alisar os efeitos da crise que essa fibra sertaneja vem enfrentando, por falta de mercado. Poderia referir ainda à criação e manutenção do Rádio Falcão, com oito carros equipados e tratando serviços relevantes à população, dentro do programa traçado — já no momento da instauração do serviço, pelo Secretário João Roma. Poderia enumerar as realizações do Coronel Viriato de Medeiros, na Força Policial do Estado, a construção de mais um pavilhão do Hospital da Força e a reforma de todo o edifício, a ampliação do quartel, a criação e aparelhamento de novas oficinas, a nova praça construída de frente ao Hospital, uma centena de casas quase concluídas, para servirem de habitação a praças e oficiais. Mas ainda devo referir-me a outro setor importante: o da Secretaria de Saúde, onde não faltam demonstrações de trabalho e de eficiência do Professor Nelson Chaves e de seus auxiliares.

MERENDA ESCOLAR

Quando assumi o Governo, o número de crianças recebendo diariamente a merenda escolar era de 6.500, em 59 escolas; em 1949, o número de crianças atendidas foi de 40.450, em 223 estabelecimentos de ensino. Nos últimos dois anos, foram inaugurados 8 postos de higiene no interior do Estado, que possuem ao todo, 17 postos fixos de higiene — quase metade deles criados sob o governo atual. Está sendo construído na Escravilhada um Centro de Saúde Móvel — o melhor do Brasil, destinado à formação de sanitaristas. Estão sendo também construídas no interior 3 unidades sanitárias e 35 postos de higiene, com verbas federais, em terrenos dos Municípios, mas com auxílio e sob a direção do Estado. Já foram inaugurados na atual administração 3 dispensários de tuberculose, sendo um construído e dois adaptados e deverão ser inaugurados no corrente mês mais 2 dispensários. Está sendo construído, pelo Serviço Nacional da Tuberculose, o Parque Sanatorial do Sanecho, para 1.200 leitos, em terreno adquirido pelo Estado. Para se ver como melhorou o rendimento dos serviços de tuberculose, basta dizer

que, nos dispensários, o número de abstruções passou de 3.321 em 1948, a 62.520 em 1949. Em 1948, o consumo de leite, nos dois hospitais do Serviço, era de 93.277 litros; subiu a 186.696 litros em 1949.

DEFESA SANTARIA

O número de vacinações, no Departamento de Saúde Pública foi, em 1947, de 90.347 e em 1948 178.707. No Leprosário de Miru-eira, foram instalados os serviços de água, luz e esgoto, com auxílio federal, e está sendo preparada a Colônia Agrícola. Fizemos 3 convênios, um com o Serviço da Malária e 2 com o Serviço Especial de Saúde Pública. O Serviço da Malária, por força desse Convênio, detestizou mais de 460.000 casas e protegeu, contra a malária, cerca de dois milhões de pessoas. Nos convênios com o Sesp, ficou estabelecido o saneamento das cidades de Palmares, Ribeirão e Gamaleira, e a instalação da Escola de Enfermagem de Pernambuco.

HOSPITAIS

Foram concluídos e serão inaugurados ainda, neste mês, o Hospital de Nazaré da Mata, pa-

ra 160 leitos, a Colônia de Mulheres Psicopatas, a unidade sanitária de Paulista, esta contendo um posto de higiene, lactário, serviço pré-natal, sala de partos e ambulatório médico-cirúrgico. Estão sendo concluídos o Hospital de Floresta (quando terminado), a Maternidade de Limoeiro e o Hospital de Ouricuri. Este último favorecido com a colaboração do brilhante técnico paulista Odair Pedrosa, que lhe estudou e modificou o projeto e as plantas, convertendo-o no melhor hospital, sob o ponto de vista funcional, do interior de Pernambuco. Com a construção do Hospital de Ouricuri, estará concluída a rede de assistência hospitalar no interior do Estado, completando-se o trabalho realizado pelas administrações Agamenon Magalhães e Etelvino Lima.

O número de doentes internados nos hospitais da Assistência Hospitalar, por conta exclusiva do Estado, em 1947, foi de 15.000; passou a 25.500 em 1948 e a 31.500 em 1949 — o duplo de 1947, como vimos.

CAMPANHA PRO-INFANCIA

Na atual administração, foram

instalados 8 postos de puericultura no Recife e 6 no interior. Estão sendo construídos mais 3 e o número de crianças atendidas nos lactários subiu de 2.408 em 1947, a 6.000 em 1949. Essa atuação em favor da criança é ampliada pelo trabalho benemérito da Campanha Pernambucana Pro-Infância, com os seus dois parques infantis já inaugurados e 12 cantinas em funcionamento, e ainda dois parques em construção. A Campanha atende diariamente a perto de 4.000 crianças, na maioria em período pré-escolar, contando para isso, com o auxílio do Estado, que não tem sido indiferente à dedicação generosa com que as senhoras de Pernambuco procuram defender o patrimônio formado pela vida de nossas crianças.

O PORTO DO RECIFE

Enfim, resta a questão do porto, que não faltava quem de maneira entupido, não obstante a entrada e saída diária de vapores e o trabalho ininterrupto das dragas de alcátruzes. A dragagem feita em cerca de 15 meses, ascende a perto de um milhão de metros cúbicos e já permite

que se anuncie a vinda de transatlânticos de mais de 18.000 toneladas.

TRABALHAR POR PERNAMBUCO

Eis, aí, senhores, em ligeiros traços, o trabalho de uma administração, no meio das dificuldades que foram apontadas. Será pouco, talvez para quem, como eu, gostaria de fazer infinitamente mais. Sei, porém, o que me custa esse pouco, o esforço que preciso empregar, a resistência de que me valho, no meio de tantas contingências de nossa democracia, onde sobram os vociferadores sem critério e escasseiam, desgraçadamente, os espíritos construtivos. Muitos são os que se deixam ficar pelas estradas, de pedras na mão, exaltados e perversos; poucos são os que tomam um pouco de nossa cruz, para lembrar a generosidade de Cirineu.

Não importa, porém. Iremos por diante. O trabalho, por si mesmo já é uma recompensa comparável. E essa recompensa cresce de significação, quando pensamos que esse árduo trabalho é um trabalho por Pernambuco, por esse povo combativo, que cada vez encontramos mais perto, à medida que separamos melhor a dificuldade de sua vida, a extensão de seus problemas, a amargura e a aflição de suas necessidades.

Continuemos, pois, meus senhores, a trabalhar, a trabalhar por Pernambuco, até o fim. E sei que esse trabalho não acabará com o termo do meu governo. Ele irá comigo até o fim de minha vida, como uma fatalidade, ou uma contingência, pela razão de que não saberia encontrar, para os meus dias, objetivo que correspondesse melhor aos meus anseios e ao meu destino. Continuemos, pois, a trabalhar por Pernambuco.

G. W. B. R.

(Continuação da página 12)

na: também de usineiros, padres, magistrados, oficiais de polícia, caixeiros viajantes. Mas, sobretudo dos elementos vinculados à lavoura típica da região, a quem os acontecimentos da política regional, as secas ou os excessos de chuvas, as altas e baixas dos preços do açúcar ofereciam temas de constante sedução, para longas palestras. Na linha Recife-Garanhuns, foi, durante anos, figura predominante no carro-restaurante da Great Western, com a sua generosa bonhomia de autêntico senhor rural, o "Coronel Zizi", de Água Branca: Egidio Camilo Pessoa da Silva. No carro-restaurante viajaram para o Recife, entre manifestações cuja exaltação a cerveja gelada não arrefecia, os senhores-de-engenho e plantadores de cana mais entusiastas e decididos, dentre os que haveriam de representar a classe na reunião levada a efeito no velho Teatro Santa Isabel, em protesto contra o ato de Epitácio Pessoa que extinguiu o Comissariado do Açúcar, após a primeira Grande Guerra.

Outra sugestão da Great Western, em zonas mais atrasadas, para o aperfeiçoamento das condições materiais de vida: o ventilador. Usaram-no primeiro os ingleses da companhia, nos "carros de administração", em suas viagens de inspeção, ao longo das linhas; e nesses carros é que o terá visto, pela primeira vez, muito

matuto capangão, em dia de feira; se não mesmo pequenos comerciantes, senhores-de-engenho ou fazendeiros, ainda não identificados com esses recursos do conforto moderno, já vulgarizados nos grandes centros. As estações da estrada de ferro, nos pequenos centros do Nordeste, sempre constituiram, aliás, pontos de atração e de movimento social. A "hora do trem" confunde-se, em muitos casos, com a hora do "footing", dos encontros amorosos; como se o trem exercesse, com a sua presença de minutos, uma função renovadora, na mesmice da vida local.

De tal modo a Great Western se vinculou à existência do Nordeste, nas suas relações com a economia, a paisagem, a sociedade, que, através do complexo ferroviário nordestino, podemos encontrar elementos e subsídios para uma larga visão da história regional, em termos rigorosamente "culturais". E o que documenta, a despeito de todas as deficiências, a excelente contribuição do Sr. Estêvão Pinto, o primeiro a reconhecer, aliás, que talvez seja a Great Western "um símbolo do homem nordestino — pelas suas fraquezas, pela sua capacidade de resistência, pelo seu desamparo e pela sua eterna luta contra o meio físico". Tal como, no conjunto dos seus defeitos e das suas virtudes, o Gonçalo Ramires da "Ilustre Casa" lembrava Portugal.



DALIA ANTONINA

Murilo Miranda

A exposição de Dalia Antonina, que acaba de realizar-se no Ministério da Educação, encerrou, com uma nota agradável, o ano de 1949.

Dotada de uma sensibilidade muito apurada, a jovem pintora conseguiu apresentar nesta sua primeira mostra individual, uma coleção de telas que se destacam, sobretudo, por sua extrema suavidade. Se, de fato, esses trabalhos nem sempre revelam maior penetração, forçoso, entretanto, é reconhecer que o artista procura manter-se dentro de um nível já bastante apreciável, estabelecendo, assim, um certo equilíbrio entre a sua personalidade e as suas próprias possibilidades.

Isso se refere não somente aos retratos, gênero em que Dalia Antonina, sem prejuízo da fidelidade devida aos modelos, distingue-se por uma grande espontaneidade, que é onde reside o seu maior encanto, como também a alguma de suas mais delicadas composições de flores, cujo perfume, às vezes, parece ter sido vertido em cores.

Pintura essencialmente feminina, mas nem por isso acéltulada de força, os quadros de Dalia Antonina não visam nunca ao efeito fácil. Seu palpitante senso do decorativo, o entonamento tão sensível, quando não o próprio enriquecimento da matéria, conseguido com convicção, estão a serviço de um verdadeiro temperamento poético que se expande, sutilmente, através das formas e das cores.



REMOVEDOR P. X.

(É UM PRODUTO DRAGÃO)

O removedor P. X. de fabricação genuinamente nacional, destina-se aos serviços de limpeza em geral e o seu uso independente de cuidados especiais, dado que não é caustico nem corrosivo.

Limpa com rapidez e eficiência qualquer superfície suja de óleos, graxas, gorduras etc.

Não sendo combustível ou explosivo, seu emprego é especialmente indicado para limpeza de oficinas mecânicas, postos de serviço automobilísticos, fábricas, etc.

Substitue com vantagem a gasolina ou o Kerozene na lavagem de peças de automóveis e das mãos dos operários, após o serviço.

Modo de usar: Na lavagem de pisos, espalhe P. X. em estado natural em toda superfície suja, molhando, após, com água. Esfregue em seguida com vassoura, enxugando, afinal.

Na lavagem de mãos, use o P. X. como se fosse sabão.

Nas outras aplicações use o P. X. dissolvido na proporção de 20% em água comum.

INTERLANDIR LTDA.

Rua da Soledade, 265 — Fone 3265

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

O REMOVEDOR P. X.

tem sido empregado com êxito admirável na limpeza das ruas do Recife. Acima e à direita, aspectos da lavagem da Avenida Guararapes, uma das principais artérias da capital pernambucana, com REMOVEDOR P. X.,

O HIGIENIZADOR DAS CIDADES



GRANDEZA E DECADÊNCIA DA TAPEÇARIA FRANCESA

Reportagem de RUBEM BRAGA

Paris, fevereiro — (Via Panair) — "Vendo muito para diplomatas" — me diz Jean Lurçat, o que é natural. O diplomata é um nômade, e volta e meia deve mudar de casa. No lugar de mandar pintar uma parede alugada, ele adota esse rural volante que é um tapete. Revestida com um tapete, a parede tem ainda a vantagem (muito sensível neste mês de fevereiro, nesta cidade de Paris) de não gelar as espaldas de nossas mulheres" durante uma recepção.

Esse homem sólido, que deve ter cinquenta anos e tem um castelo com torres de 35 metros de altura, me dá a impressão, usando essa frase que ficou entre aspas, de possuir em seu castelo um bom número de mulheres em vestido de noite, as espaldas nuas.

A verdade é que em 1914 ele trabalhava como aprendiz em um grande afresco na Universidade de Marselha, e refletiu nos inconvenientes que tem esse gênero de pintura em um país de clima tão húmido e ar saturado de fumaças de fábricas. Pensou na tapeçaria. Confessa que então não conhecia as grandes obras de tapeçaria francesa, como o "apocalipse" de Angers, feito por Pierre Bataille e Nicolas de Baudouin em 1370, medindo 740 metros quadrados, nem as "Sept Dames à la Licorne". Depois aprenderia que na Idade Média só na França e em Flandres havia 150.000 pessoas — pintores, tintureiros, tecelões, costureiras que viviam da tapeçaria. No começo do século XX esse número estava reduzido a 4 ou 5 mil — e diminuía cada vez mais.

A decadência da tapeçaria francesa acentuou-se exatamente no dia do ano de 1736 em que J. B. Oudry, pintor das caçadas de Luis XV, e superintendente das Manufaturas Reais, explicou oficialmente como se devia fazer uma tapeçaria: "Dai às vossas obras todo o espírito e toda a inteligência dos quadros, pois só nisso reside o segredo de fazer tapeçarias realmente belas". Ele exprimia apenas o que o gosto — e as circunstâncias — de sua época já estabelecera. As enormes tapeçarias antigas já não se explicavam: os salões eram menores, os tetos mais baixos, a tapeçaria era para ser vista de perto ou para fazer fundo para uma infinidade de bibelots. Era preciso que as cores da trama dessem toda a sutileza de semi-tons da pintura. Para isso era preciso que os fios de lã fossem antecipadamente tintos em uma infinidade de nuances, e que o ponto fosse mais fino.

Um Gobelin tecido em 1740 exigia fios de lã tingidos em 373 tons diferentes; em 1780 um outro exigia 587 tons. Com a descoberta das tintas sintéticas os tapeceiros enlouqueceram; a única maneira de reproduzir mais ou menos em tapeçaria um quadro de Paul Veras exigia 2.667 nuances. E como é impraticável tingir menos de 250 gramas de lã de cada nuance, o resultado era que para fazer um tapete de 20 quilos

eram necessários 666 quilos de lã tinta. A administração dos Gobelins chegou a ter à disposição dos pintores 14.400 nuances das cores fundamentais. E o resultado era ruim. As finas tapeçarias do século XVIII estão desfiguradas: o fundo some, o segundo plano fica apenas um esquema vago, muitas cores desmereceram.

A Revolução

Esse homem que está comigo e Clovis Graciano bebendo o bom cognac de Roberto Assunção é o Lenine da revolução da tapeçaria francesa. Antes dele já se ouviam vozes de aviso, observações teóricas. Ele poz de pé uma teoria e a transformou em prática.

Princípios: tapeçaria é tapeçaria e quadro a óleo é outra coisa. A pintura de cavalete é uma pura maravilha, e dá ao artista o máximo de liberdade individual; ele mesmo é um pintor de cavalete. Mas tapeçaria tem finalidades próprias e leis próprias. Constatção: a famosa tapeçaria de Angers, com toda a riqueza fabulosa de seus 144 metros de comprimento, por 5 de altura, cheia de figuras, bichos, monstros, coisas e paisagens coloridas, toda aquela tapeçaria monumental foi feita com menos de 20 nuances. As "Sete e SNohoras", outra obra prima medieval da tapeçaria, tem no máximo 25 nuances. Reflexões: a grandeza não é função da acumulação de meios. O artista pode atingir uma alta eloquência com um vocabulário rigidamente limitado. A densidade espiritual é mais função das relações entre as formas e cores que de quantidades; os grandes efeitos são sempre fruto de uma distribuição econômica e sábia das luzes e sombras. Caminho a seguir: restituir à tapeçaria seu caráter de cantochão plástico, sua sobriedade de meios e sua virilidade de execução.

Estado atual: François Tabard, de uma linhagem de Tabards que desde 1637 tingem e tece lãs, concordou em tingir lãs em cerca de 40 nuances diferentes. A cor que tem mais nuances é o amarelo, com seis. O tingimento é feito pelos mesmos processos antigos, usando substâncias vegetais, como a garança ou animais, como a cochonilha; qualquer outra substância cuja fidelidade de cor não foi aprovada pelos séculos só foi admitida depois de severas provas sob a ação de lâmpadas que em algumas horas produzem o mesmo dano que anos a fio de sol intenso e direto.

O processo de Lurçat

Esse processo é adotado hoje pela maioria dos pintores que se dedicam à tapeçaria. Aquelas 40 nuances estão numeradas. O artista faz, do tamanho que lhe é mais cômodo, o "cartão" em cores. Depois manda fazer em grandes dimensões (sempre maiores que as do tapete) a mesma coisa, mas não precisa encher os espaços com as cores; basta dar os números.

Os artifices fazem o tapete. Este é trazido ao artista. Ele geralmente manda fa-



Marcel GROMAIRE. — "Aubusson". 1940. — Tissé à Aubusson. (Photo Galerie Louis Carré)

zer outro, de dimensões um pouco ou muito diferentes, como o autor que sempre altera alguma coisa na segunda edição de um livro, manda suprimir isto ou aquilo, usar o cinza número 4 ali onde está o número 2, etc.. Assim uma tapeçaria moderna francesa desse tipo tem, no máximo, quatro variantes. Variantes (às vezes até bem diferentes) e não cópias. Quem compra uma tapeçaria e a pendura da parede pode ter a certeza de que ninguém tem outra "igual" — mesmo porque isso seria impossível, tratando-se de uma coisa feita à mão.

Questão de preço

E quanto custa isso? Lurçat me explica (estamos diante de uma bela composição de astros, flores, bolhas e bichos sobre um fundo fulvo) que em Paris, quando ele vende diretamente, o preço atual é mais ou menos de 50 mil francos o metro quadrado. No estrangeiro é, naturalmente, bem mais caro, e essas tapeçarias já têm sido vendidas por pequenas fortunas nos Estados Unidos e alguns.

— "O artista não pode desconhecer hipocritamente o problema do preço — diz Lurçat. Com essa redução de minha gama de cores, permito aos artifices um lucro razoável e aproveitando o mesmo motivo em quatro variantes também diminuo o preço. Esta é uma das grandes consequências de nossa revolução: em 1939 só a execução de um metro quadrado em Beauvais ou Gobelins ficava, em alguns casos, a 80.000 francos — e 80.000 francos em 1939! A cadência da execução atual é a mesma do século XIII; cada artifice faz um metro quadrado por mês; pelo sistema adotado a partir de Luis XV, cada operário fazia 15 a 20 centímetros quadrados apenas. E evidente que essa grande vantagem no plano econômico não teria sentido se não representasse, ao mesmo tempo, uma verdadeira renascença da tapeçaria como tal.

E no Brasil?

Jean Lurçat já teve um convite para ir ao Brasil, que não se concretizou. E possível que vá — agora está em conversa com Roberto Assunção. Lembro-me de ter visto alguma coisa sua no Ministério da Educação — foi exatamente a primeira vez que reparei em seu nome, durante uma exposição francesa de artes decorativas, anos atrás.

Mas fico imaginando que também no Brasil poderíamos criar uma tapeçaria aproveitando essa lição de França. Aqui pintores como Picasso, Matisse, Léger, Gromaire e Dufy fazem "cartões" para tapetes, com menor ou maior inteligência do verdadeiro sentido da tapeçaria. Uma série de conferências de Lurçat seria ouvida com muita atenção pelos nossos pintores e designers. (Quando dissemos que ele poderia fazer conferências no Brasil, disse que sim, e acrescentou que gostaria de fazer uma conferência para o público, mas outras para artistas e artifices, entrando na parte técnica).

Lurçat calcula que o operário de uma fábrica de tapetes comum não gasta mais de um ano para aprender a fazer a melhor tapeçaria. Já temos no Brasil bons tape-

tes feitos à mão, e portanto uma base. Mas quando Segall resolve fazer uma tapeçaria é ainda obrigado a mandar executá-la na França.

Não valeria a pena um esforço para nos apropriarmos desta técnica? Nas mãos de nossos pintores e artifices ela, permitiria, mais tarde, uma vez dominada, a criação de coisas belas, e quem sabe novas experiências e rumos. Não se trata apenas de aprender uma arte, também um artesanato, uma indústria, uma fonte de renda para os pintores e a Nação. Só de algum tempo para cá pudemos retomar a tradição portuguesa dos azulejos; mas de S. Paulo para o Sul, em muitos casos, uma tapeçaria seria mais interessante que azulejos como revestimento interno. E essa arte, que nasceu, afinal, em climas iguais ao nosso, parece feita para nossa luz e nossas cores. Na Argentina, no Chile e em outros países teríamos um mercado próximo para essas coisas.

A propósito: Lurçat me conta que certa ex-autoridade francesa confessou ter "sabotado" a missão de alguns argentinos que vieram à França aprender tapeçaria. Alegou que para a França era melhor exportar tapeçarias que ensinamentos. Lurçat disse que não concordava. Há outros países onde se pode aprender — e a grandeza da França sempre reside em sua capacidade de exportar idéias e sentimentos, técnicas e gosto.

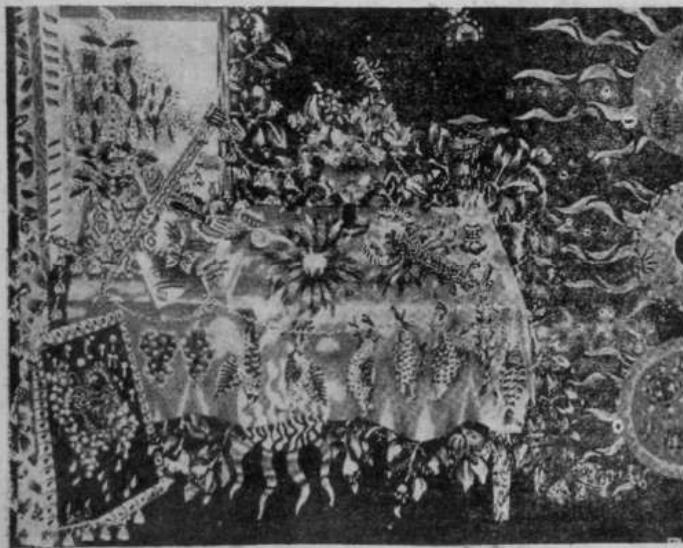
— Tenho a certeza de que poderia ensinar alguma coisa aos brasileiros interessados em tapeçaria; mas também tenho a certeza de que teria muito a aprender com os artistas de toda a gente do Brasil. Nós franceses, precisamos viajar mais e aprender mais com o mundo, especialmente com povos jovens como o brasileiro".

E conta, como exemplo horrível, que Georges Braque tirou passaporte pela primeira vez depois dos 70 anos, para ir a Londres — e ainda pediu que o fossem buscar em Calais, pois não sabia como viajar...

SUMARIO

- Artigos de Waldemar Lopes, Artur Coelho, Silvino Lopes, Gláucio Veiga e Murilo Miranda
- Reportagem de Rubem Braga
- Conferência de Gonçalves Fernandes
- Poema de Matheos de Lima
- Conto de Lenine Pinto
- Teatro por Hermilo Borba Filho
- Artes plásticas — reportagem de Perminio Asfora
- Desenhos, ilustrações, reproduções de Ladjane, Di Navarro, Reinaldo Fonseca, Augusto Reinaldo, Ionaldo de Andrade, Abelardo da Hora, Zulenno Pessoa, Van-Gago e Ismailovitch.

Tópicos — Transcrições de artigos de José Lins do Régio e Djalma Viana.



Jean LURCAT. — "Le soleil sous la table". 1949. Aubusson. — Galerie Louis Carré.